

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE HOTELARIA

**RAQUEL SOARES FEU DE CARVALHO**

**COMIDA DE AXÉ:** etnografia do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.

São Luís

2019

**RAQUEL SOARES FEU DE CARVALHO**

**COMIDA DE AXÉ:** etnografia do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.

Monografia apresentada ao Curso de Hotelaria da  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA para a  
obtenção do grau de Bacharel em Hotelaria.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Letícia Burity da Silva.

São Luís

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Soares Feu de Carvalho, Raquel.

COMIDA DE AXÉ: Etnografia do Terreiro de Mina Nanã  
Buruquê / Raquel Soares Feu de Carvalho. - 2019.  
104 f.

Orientador(a): Ana Letícia Burity da Silva.  
Monografia (Graduação) - Curso de Hotelaria,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Comida Ritual Votiva. 2. Cultura. 3.  
Gastronomia.  
4. Religião Afro-brasileira. 5. Tambor de Mina. I.  
Burity da Silva, Ana Letícia. II. Título.

**RAQUEL SOARES FEU DE CARVALHO**

**COMIDA DE AXÉ: etnografia do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.**

Monografia apresentada ao Curso de Hotelaria da  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA para a  
obtenção do grau de Bacharel em Hotelaria.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Letícia Burity da Silva

Aprovada em: \_/\_/\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Ma. Ana Letícia Burity da Silva (Orientadora)**

Universidade Federal do Maranhão

---

**Profa. Ma. Ângela Roberta Lucas Leite**

Universidade Federal do Maranhão

---

**Profa. Ma. Maria da Graça Reis Cardoso**

Universidade Federal do Maranhão

A Álvaro José dos Santos Souza, Pai Neto de Nanã, *in memoriam*, a todos do Terreiro de Mina Nanã Buruquê e aos meus amigos, por terem me apoiado e me ajudado

## AGRADECIMENTOS

O meu principal agradecimento é para a minha Guia Espiritual, por estar sempre comigo, me abençoando, orientando e me "colocando nos trilhos" quando saio do caminho certo. Muito obrigada por tudo!

À Vó Missan ou Nanã Buruquê, por ter permitido a minha entrada em sua casa e por mostrar que me protege e me abençoa desde antes o interesse em pesquisar sobre o tema.

Aos caboclos Aririzinho e Vaqueiro, por serem as primeiras entidades que tive contato e que também me aceitaram durante a pesquisa e me ajudaram bastante, principalmente na parte espiritual. Também a todo panteão do Terreiro de Mina Nanã Buruquê, por permitirem a minha permanência na casa durante a pesquisa.

Aos arcanjos Rafael, Gabriel, Miguel e Uriel, que descobri serem uns dos meus principais pilares espirituais e que me ajudam, me abençoam e me orientam em todas as áreas da minha vida. A minha caminhada se tornou menos dolorosa com a presença dos senhores.

A todas as deusas, deuses, seres de luz e entidades que, mesmo não sabendo seus nomes ainda, sei que me acompanham desde vidas passadas. Muito obrigada!

Ao Álvaro José *in memoriam*, que chamo carinhosamente de seu Neto, por ter me aceitado dentro de sua casa e me ensinado muitas coisas e que, infelizmente, nos deixou mais cedo do que parecia, mas sei que tua missão nesse plano foi concluída. Agradeço, também, à Elizandra Rocha, por ter sido uma ponte entre nós e ter me ajudado em algumas questões dentro do terreiro.

À minha querida e amada orientadora, Ana Letícia, que só não me matou durante esses quatro semestres, porque me ama e o calmante e a Yoga não deixaram. Obrigada por toda a ajuda, desde o começo, quando pensei em escrever sobre o tema, até os dias atuais.

Ao Lucas Damasio, por ser a pessoa fora do curso que mais me apoiou em tudo, e até saiu de Sobradinho/DF só para me emprestar um notebook, para eu terminar logo a monografia. A Gildene e Ivonei, por me acolherem em sua casa, e a Ludmila e Guto. Obrigada por todo apoio.

Aos meus amigos que a vida me deu, Ana Carolina, Daniele Martins, Emanuel Lamar, Fernanda Ribeiro e Tassiano Ribeiro. Vocês são meus amores que o ensino médio me deu e que me apoiaram demais, apesar de quase não nos vermos e do tema.

Ao Fábio Henrique que, depois de Ana Letícia, foi a pessoa que sempre me ajudou em tudo relacionado ao curso.

Ao pessoal do terreiro, Jeilce, Rafael, Cebola, Fábria, Lucinha, Gisa, Luanderson e a todos os que me ajudaram, em algum momento, com a pesquisa.

À Jéssica, Luana e Pedro, por, durante o meu desespero em procurar alguém para imprimir a monografia, se ofereceram para me ajudar. As amizades são verificadas nos momentos de desespero, e sou eternamente grata aos três!

Por fim, agradeço a todos os professores e colegas que passaram por mim durante a graduação e me ajudaram a crescer como pessoa e profissional, principalmente ao GPICG, grupo de gastronomia dos cursos de Hotelaria e Turismo, por ter sido a minha “porta de entrada” no tema da monografia e por facilitar o contato com o Terreiro de Mina Nanã Buruquê.

Os terreiros são ótimos locais de fé, de festa e, principalmente, para se comer. Comem os deuses e, principalmente, comem os homens. Terreiro, bom de comer. Todo axé come.

(Raul Lody)

## RESUMO

A alimentação faz parte do ciclo de vida de uma pessoa, atuando de maneira biológica e social. O que se come e como se come está diretamente ligada com a sua cultura e com o lugar de onde ela veio. A religião pode influenciar nos hábitos alimentares de certos grupos, ditando o que pode e o que não pode ser consumido, os períodos de fartura e de jejum, quais pessoas são aptas a preparar os alimentos e, como forma de agradecimento, separar a melhor parte da colheita e das comidas para serem servidas à(s) sua(s) divindade(s). Esta monografia tem como objetivo apresentar as comidas de axé preparadas nas obrigações do Terreiro de Mina Nanã Buruquê, localizado em São José de Ribamar/MA. Aplicando-se o Estudo Etnográfico, a pesquisa possui método descritivo e abordagem qualitativa, e utiliza-se de pesquisa bibliográfica para montar a base teórica, bem como a pesquisa oral e a observação participante para coleta de dados. Retrata a importância da oralidade dentro das religiões afro-brasileiras e como ela não é inferior à escrita, além de abordar sobre o Tambor de Mina, religião de matriz africana surgida em São Luís/MA em meados do século XIX. A pesquisa in loco ocorreu de 13 de maio a 27 de setembro de 2018, totalizando quatro obrigações participadas, onde percebeu-se que nem todas as obrigações eram preparadas as comidas de axé, porém, tendo a presença de comidas e bebidas. Em outubro de 2018, o babalorixá da casa veio a falecer, o que acarretou na interrupção da pesquisa e na perda de muitas informações acerca do terreiro e de suas obrigações.

**Palavras-chaves:** Comida Ritual Votiva. Tambor de Mina. Religião Afro-Brasileira. Cultura. Gastronomia.

## ABSTRACT

Food is part of a person's life cycle, acting in a biological and social way. What you eat and when you eat, is directly connected with the culture and the place where it came from. The religion can influence the eating habits of certain groups dictating what you can and cannot be consumed, the periods of plenty and fasting, which people are able to prepare food and, as a thank you, sort out the best part of the harvest and the foods to be served to your divinities. This academic paper, has aims to present the foods of axé prepared in the obligations of Terreiro de Mina Nanã Buruquê (Mina's Farmyard Nanã Buruquê), located in São José de Ribamar/MA. Applying the ethnographic study, the research has descriptive method and qualitative approach, and uses bibliographic research to build the theoretical basis, as well as oral research and participant observation for data collection. Portrays the importance of orality within afro-brazilian religions and as it not inferior to writing, besides addressing about the Tambor de Mina, an African matrix religion arisen in São Luís/MA in the mid-nineteenth century. The on-site research happened occurred from May 13<sup>th</sup> to September 27<sup>th</sup> of 2018, totalizing four obligations participated, where it was realized that not all obligations were prepared the foods of axé, however, having the presence of food and drink. In October 2018, the babalorixá of the house died, which led to the interruption of this research and the loss of much information about the farmyard and its obligations.

**Keywords:** Votive Ritual Meal. Tambor de Mina. Afro-Brazilian Religion. Culture. Gastronomy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.....	28
Figura 2 – Vista do Barracão e da cozinha de axé do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.....	30
Figura 3 – Vista do Quarto de Segredos e dos fundos do barracão.....	31
Figura 4 – Bancada da Arriada de Preto Velho.....	40
Figura 5 – Serventes da Casa e uma Filha de Santo Recebendo as Comidas de Axé.....	41
Figura 6 – Organização do Barracão.....	44
Figura 7 – O Sarrabulho de Nanã Buruquê.....	46
Figura 8 – Mesa de Nossa Senhora Sant’Ana.....	47
Figura 9 – A Mesa da Obrigação de Pombagira Cigana.....	49
Figura 10 – Mesa de São Cosme e São Damião, Junto com o Caboclo Pequenino e Uma das Filhas de Santo do Terreiro.....	51
Tabela 1 – Calendarização do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.....	34

## **LISTA DE SIGLAS**

GPICG	Grupo de Pesquisas em Identidades Culturais da Gastronomia Maranhense
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 O AXÉ E AS CULTURAS AFRICANAS</b> .....	<b>16</b>
2.1 Os Iorubás e os Daomeanos .....	19
<b>3 O TAMBOR DE MINA</b> .....	<b>22</b>
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>25</b>
4.1 Descrição da área – o Terreiro de Mina Nanã Buruquê.....	27
4.1.1 História da fundação do terreiro .....	28
4.1.2 Parte do panteão do Terreiro de Mina Nanã Buruquê .....	31
4.1.3 Calendarização do Terreiro de Mina Nanã Buruquê .....	32
<b>5 COLETA DE DADOS – AS OBRIGAÇÕES DO TERREIRO DE MINA NANÃ BURUQUÊ</b> .....	<b>36</b>
5.1 Obrigações com comidas de axé.....	36
5.1.1 Obrigação de Preto Velho – 13 de maio .....	36
5.1.2 Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana – 25 e 26 de julho .....	42
5.2 Obrigações sem comida de axé.....	48
5.2.1 Festa de Pombagira Cigana – 26 de agosto .....	48
5.2.2 Obrigação de São Cosme e Damião – 27 de setembro .....	50
<b>6 ANÁLISES E DISCUSSÕES</b> .....	<b>53</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	<b>61</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista Aberta Realizada com Álvaro José dos Santos Souza no dia 13 de maio de 2019 – Obrigação de Preto Velho</b> .....	<b>62</b>
<b>APÊNDICE C – Entrevista Realizada com Álvaro José dos Santos Souza no dia 21 De junho de 2018</b> .....	<b>71</b>
<b>APÊNDICE D – Áudio Sobre o dia 25 de julho – Início do Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana.</b> .....	<b>81</b>
<b>APÊNDICE E – Entrevista Realizada com uma Filha de Santo (Edite) do Terreiro de Mina Nanã Buruquê no dia 07 de maio de 2019</b> .....	<b>82</b>
<b>APÊNDICE F – Fotos da Obrigação de Preto Velho realizada no dia 13 de maio de 2018</b> .....	<b>93</b>
<b>APÊNDICE G – Fotos do Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana</b> .....	<b>98</b>
<b>APÊNDICE H – Fotos da Obrigação da Pombagira Cigana</b> .....	<b>100</b>
<b>APÊNDICE I – Obrigação de São Cosme e São Damião</b> .....	<b>101</b>
<b>ANEXO A – Convite do Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana</b> .....	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A alimentação se configura em uma necessidade básica de todo ser vivo, pois é no alimento que se encontra todos os nutrientes necessários para a manutenção do corpo, seja de origem vegetal ou animal. A partir da evolução das sociedades, o ato de comer deixa de ser somente uma vitalidade e torna-se um dos principais momentos de sociabilidade, presente em celebrações, reuniões, encontros casuais e ritos religiosos, visto que o ser humano vive em comunhão e é um animal estético (BRAUNE; FRANCO, 2007).

A religião por sua vez, é crucial no que diz respeito aos hábitos alimentares das pessoas, pois ela define a cosmovisão e a cultura de certos grupos, de acordo seus mitos, proibições e ingredientes que estão de fácil acesso em sua região. Nadalini (2009) fala a respeito de períodos em determinadas religiões em que se comemora a colheita, em outros que é aconselhável o jejum, bem como a total proibição do consumo de alguns alimentos. Mesmo que alguém não siga uma religião, é decerto que ela teve seu paladar moldado de acordo com a cultura do lugar em que cresceu.

Dentro das religiões afro-brasileiras, a comida está presente em todos os ritos, seja para ser ofertada aos deuses – orixás, voduns, inquices ou caboclos (LODY, 1987), seja para o consumo do povo de santo. Tal alimento é sagrado, denominado Comida Ritual Votiva ou, como foi adotado neste trabalho, Comida de Axé. Portanto, todo alimento ritual (votivo) feito para certa divindade, levando em consideração seus mitos, os ingredientes de sua preferência e, principalmente, suas quizilas<sup>1</sup>. Tem esse nome pois, durante o preparo, recebe o axé, a própria energia e força sagrada dos deuses, que aceita a oferenda e transpassa seu poder aos fiéis. Adotaremos a grafia com algumas palavras iniciadas por letras maiúsculas, por compreender sua importância neste e no conjunto social ao qual se inserem.

O interesse em pesquisar sobre o tema surgiu após o ingresso da pesquisadora no GPICG<sup>2</sup>, em que se discutia acerca da organização da sétima edição do evento realizado pelo grupo chamado Mostra da Gastronomia Maranhense da UFMA, ocorrida entre os dias 29 a 31 de outubro de 2019, que teve como foco a Comida Ancestral, comidas tradicionais e de cunho religioso, e o tema “Comida e Religiosidades no Maranhão: sobre tradição e festejos”. Além disso, após pesquisar sobre o assunto, perceber que a maioria dos trabalhos já publicados foram

---

<sup>1</sup> “Antipatia supersticiosa que os africanos nutrem por certos alimentos e determinadas ações”. (QUERINO, 1938. p. 76.)

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisas em Identidades Culturais da Gastronomia Maranhense dos cursos de Hotelaria e Turismo, formado em 2011.

produzidos tendo as Comidas Votivas da Umbanda e do Candomblé como objeto de estudo, tendo somente um artigo de Sergio Ferretti (2011) sobre as comidas do Tambor de Mina.

O objetivo geral desta monografia é identificar quais Comidas de Axé são preparadas nas obrigações do Terreiro de Mina Nanã Buruquê, no Pindaí.

Antes de iniciar nossa discussão sobre o terreiro escolhido, faz-se necessário citar o tambor de Mina, uma religião que se desenvolveu no Maranhão a partir da Casa das Minas e a Casa de Nagô, duas casas principais fundadas no século XIX (FERRETTI, 1997), além do Terreiro do Egito, e com culto aos voduns. Por ser uma religião com a maior concentração de terreiros no Maranhão e em outros Estados no norte do país, há poucos trabalhos onde o principal interesse seja as comidas de axé da mina.

A metodologia utilizada foi o estudo etnográfico, com contato direto do pesquisador e sem interferir nos costumes locais. Para a coleta de dados, fizeram parte da construção deste, observação participante entre maio a setembro de 2018, junto com o diário de anotações. Além disso, houveram entrevistas com o Babalorixá e uma filha de santo da casa, quando surgiram dúvidas a respeito da religião, do terreiro e de informações que não continham na literatura. Para a base teórica, houve a leitura de livros e trabalhos acadêmicos sobre o assunto, tanto em material físico quanto *online*.

Esta monografia está dividida em oito partes, sendo a Introdução a primeira, dando sequência à segunda parte, que abordará sobre o significado e a origem da palavra Axé, da Cultura Iorubá e Daomeana e da importância da oralidade dentro das religiões afro-brasileiras.

A terceira parte falará acerca do Tambor de Mina, sua origem, as casas mais conhecidas no Maranhão, etc. Dando continuidade à parte quatro, que será dividida em dois tópicos: a) a metodologia da pesquisa, descrita de maneira aprofundada; b) a descrição da área, onde apresentará a história do Terreiro de Mina Nanã Buruquê, sua história, a calendarização, as principais festas<sup>3</sup> e as obrigações participadas.

A quinta parte constituirá na coleta de dados, sendo divididas em dois tópicos e dois subtópicos. O motivo se deu pois, durante a pesquisa, percebeu-se que nem toda obrigação tinha a comida de axé, sendo servido apenas comida comum. O primeiro tópico descreverá os rituais com comidas de axé e, o segundo, as festas sem comidas de axé.

A parte seis abordará as análises e discussões. E, por fim, as considerações finais, que falará sobre a importância do tema, as dificuldades encontradas durante a pesquisa e o incentivo em novos trabalhos a respeito das Comidas de Axé dos terreiros de Mina.

---

<sup>3</sup> Durante a pesquisa, tanto os participantes quanto as entidades do local chamavam os rituais/as obrigações de festa. Entretanto, sem perder a importância e/ou o sentido sério do momento.

## 2 O AXÉ E AS CULTURAS AFRICANAS

O Axé, de grafia *àșe*, é uma palavra de origem iorubá que significa energia, força, poder. Também conhecido como *hamba* ou *nguzu* pelos bantu e *exá* pelos fon, que posteriormente adotaram a escrita iorubá (KILEUY, OXAGUIÃ, 2009, p. 42). O termo se popularizou no Brasil por ser o nome de um gênero musical baiano surgido em 1980, bem como uma saudação entre o povo de santo<sup>4</sup>. Dentro das religiões afro-brasileiras, significa a energia divina que vem dos deuses e é passada aos fiéis através dos ritos, dos elementos da natureza e nas vivências dentro do terreiro. De acordo com Prandi (1991, p. 103):

Axé é força vital, energia, princípio da vida, força sagrada dos orixás. Axé é o nome que se dá às partes dos animais que contêm essas forças da natureza viva, que também estão nas folhas, sementes e nos frutos sagrados. Axé é bênção, cumprimento, votos de boa-sorte e sinônimo de Amém. Axé é poder. Axé é o conjunto material de objetos que representam os deuses quando estes são assentados, fixados nos seus altares particulares para ser cultuados. (...) Axé é carisma, é sabedoria nas coisas-do-santo, é senioridade. Axé se tem, se usa, se gasta, se repõe, se acumula. Axé é origem, é a raiz que vem dos antepassados, é a comunidade do terreiro. (...) Axé se ganha e se perde.

Para as religiões afro-brasileiras, o axé se configura como um de seus principais pilares, pois não há vivência religiosa sem a energia sagrada. Ele é uma força viva, os próprios deuses, o terreiro e o povo de axé. Todos comungam da mesma energia e a desenvolvem em busca do crescimento comunitário, já que, individualmente, ela pode se intensificar e diminuir.

Augras (1983) fala sobre os elementos do axé possuírem três cores: o branco, representando Oxalá e estando na saliva, no leite, na água, na seiva das plantas, etc.; o preto, encontrado nos sumos das plantas maceradas<sup>5</sup>, nas cinzas, na própria terra e; por fim, o vermelho, tendo o axé no sangue dos animais e homens sacrificados<sup>6</sup>, no dendê, no mel, no cobre e no ouro. Isso demonstra que o axé está presente em todos os campos da natureza, seja no reino animal, vegetal ou mineral, considerada viva ou morta.

A oralidade é uma das maneiras que as sacerdotisas e sacerdotes passam o axé e os conhecimentos religiosos a seus filhos e filhas de santo. A tradição oral está presente na cultura africana, onde a palavra tem grande peso dentro de várias nações e os mais velhos transmitem sua sabedoria e histórias do seu povo aos mais novos ao longo das gerações. Diferente de religiões como o judaísmo, cristianismo e islamismo, as de matriz africana não possuem escrituras consideradas sagradas.

<sup>4</sup> Pessoas adeptas às religiões afro-brasileiras, podendo serem chamadas também como povo de axé.

<sup>5</sup> Nas religiões de matriz africana, é utilizado os banhos de ervas, feitos geralmente esfregando a(s) planta(s) com as palmas das mãos dentro de uma bacia de barro com água, com o objetivo de retirar seu sumo.

<sup>6</sup> Aqui, tem o sentido de que os homens sacrificam seu tempo para dedicarem-se às atividades da religião, dependendo da sua mediunidade e das suas funções dentro do terreiro, a fim de crescerem espiritualmente.

Todavia, alguns terreiros possuem cadernos com orações, cânticos e receitas de comidas de axé que somente pessoas com cargos altos dentro da casa podem ter acesso, além de livros e apostilas já publicados (PREVITALLI, 2014, p. 75), tanto por pesquisadores da cultura africana quanto por pais e mães de santo. Ferretti (1995, p. 29) fala como o hábito da leitura está presente entre o povo de santo, principalmente as produções acadêmicas.

O século XXI está marcado pelo desenvolvimento da tecnologia e, através da internet e das redes sociais, há alguns dirigentes que publicam fotos, textos e vídeos nas redes sociais sobre as obrigações, os orixás, orientações espirituais, magias, ervas e, até mesmo, dão cursos voltados a essas temáticas, como uma maneira de divulgar as religiões e diminuir o preconceito. Temos o caso da Mãe Stella de Oxóssi que, além de livros publicados acerca do candomblé e suas vivências, lançou um aplicativo para celular<sup>7</sup> e um canal no YouTube<sup>8</sup> em 2017. E o Pai Rodrigo Queiroz, que oferece cursos e *ebooks* sobre a Umbanda em plataforma online<sup>9</sup> desde 2006, junto com canal no YouTube, um blog e perfil no Instagram e Facebook.

A escrita surgiu em torno de 3000 a.C. na Mesopotâmia e se desenvolveu pelos países do “velho mundo” ao longo dos anos a partir da associação de símbolos com o que era falado, assim como ocorreu com os números e a necessidade de se ter controle sobre quantidades. Entretanto, a escrita era limitada e pouco difundida, onde apenas pessoas com *status* aprendiam a ler e a escrever.

O fato da escrita ser valorizada como veracidade de informações ocorridas e superior à oralidade por algumas culturas, principalmente as europeias, não está isenta de adulteração e, dependendo de quem lê, ser mal interpretada e, do ponto de vista de quem escreveu, não conseguir passar o que realmente gostaria ou presenciou. A respeito dessa questão, Bâ (2010, p. 168) diz que:

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra.

Sendo a primeira forma de comunicação entre os humanos, a fala é o elo entre as gerações e o principal responsável em manter as histórias e a cultura dos grupos africanos vivas. Cada ancião divulga os costumes e as memórias de seus antepassados aos mais novos, que têm

---

<sup>7</sup> De nome “Orientações de Mãe Stella” e lançado em 28 de abril de 2018. Disponível na Play Store e Apple Store.

<sup>8</sup> De nome “Da Cabeça de Mãe Stella” e lançado em 25 de setembro de 2018. Porém, o canal foi excluído após sua morte, em 27 de dezembro de 2018.

<sup>9</sup> Para mais informações, acesse <https://umbandaead.com.br/>.

a missão de continuar transmitindo seus conhecimentos aos seus filhos e netos. Isso resultou na admiração e respeito aos mais velhos, no saber ouvir, no pensar antes de falar e em pessoas com boa memória, capazes de declarar detalhadamente o que ocorreu, usando do tom de voz e das expressões corporais como ferramenta de demonstrar as emoções vividas.

Os ensinamentos religiosos eram igualmente passados através da oralidade, pois a religião faz parte da cultura de certos povos, sobretudo nos séculos passados, em que a explicação para todos os fenômenos se dava através da religião e de seus mitos. Desse modo, “as sociedades africanas valorizam a fala com tal intensidade que a tornam sagrada, logo, esse instrumento comunicativo se faz primordial, pois está diretamente ligado ao Ser Divino da criação” (FILHO; ALVES, 2017, p. 55).

As religiões de origem africana são conhecidas por serem secretas. As pessoas precisam passar pelo processo de iniciação, participar da vida religiosa e crescer gradativamente dentro do local sagrado, a fim de serem consideradas aptas a adquirirem todo conhecimento necessário. A paciência é uma virtude aos iniciados.

Bâ (2010, p. 182) relata que presenciou a chegada de um etnólogo que gostaria de fazer um estudo e que tudo o fosse revelado, mas que não passaria pelo processo de iniciação, indo ao local apenas pelo conhecimento. O mestre do local, como não poderia revelar seus segredos, mas era obrigado pelo poder colonial a fazê-lo, apenas enganaria o etnólogo, num processo que o autor chama de “pôr na palha”, uma forma que os mestres encontraram de não passar os ensinamentos a quem não vivesse como os demais. O autor termina o relato falando que “muitos etnólogos foram vítimas inconscientes desta tática... Quantos não pensavam ter compreendido completamente determinada realidade quando, sem vivê-la, não poderiam verdadeiramente tê-la conhecido”.

Esse é apenas um dos problemas dos pesquisadores que começaram a estudar a cultura africana. Além de irem em busca de todas as respostas para suas dúvidas, por virem de locais em que a transmissão de conhecimentos se dá pela escrita, não valorizavam a oralidade por acreditarem que os relatos dos mestres africanos “(...) eram um tipo de conto de fadas, canção de ninar ou brincadeira de criança” (VANSINA, 2010, p. 146). O que se trata de uma perspectiva racista, como se a tradição oral fosse algo de povos atrasados, sem cultura, ponto de vista difundido sobre o continente africano por séculos.

A partir do contexto de tradições, Giddens (1990, *apud* HALL, 2006, p. 15) fala que há a reverência do passado pelos povos tradicionais, sendo uma forma de manter as experiências vivas dos grupos ao longo do passado, presente e futuro. A tradição é a herança

mais importante que uma pessoa pode receber, pois ela forma o seu caráter e sua a identidade, determinando seu modo de vida e suas crenças.

## 2.1 Os Iorubás e os Daomeanos

A tradição oral está presente na cultura brasileira, herdada dos africanos escravizados no período da diáspora<sup>10</sup> africana ou negra, época em que os negros foram forçados a saírem de suas terras e levados a outros locais do mundo que utilizavam a mão de obra escrava, até o final do século XIX. Não havia a preocupação do colonizador em identificar as mulheres e homens tidos como escravos por seus locais de origem, agrupando-os e classificando-os de acordo com o porto em que embarcavam.

Muitos povos de diferentes nações desembarcaram no Brasil durante essa época, com suas tradições, suas identidades culturais, suas religiões e divindades. O sentido de nação, nesse contexto, tem a ver com agrupamentos de pessoas com as mesmas características culturais, não tendo ligação com Estados, pois muitas nações se encontravam no mesmo país. Ramos (1946, p. 279-280) faz um apunhado geral dessas nações:

Apresento o seguinte quadro dos padrões de culturas negras sobreviventes no Brasil.  
 A) *Culturas sudanêses*, representadas principalmente pelos povos *Yoruba*, da Nigéria (*Nagô, Ijêchá, Eubá, ou Egbá, Ketu, Jbadan, Yebu* ou *Jjebu* e grupos menores); pelos *Daomeianos* (grupo *Gêge: Ewe, Fon* ou *Efan*, e grupos menores) ; pelos *Fanti-Ashanti*, da Costa do Ouro (grupos *Mina* propriamente dito: *Fanti e Ashanti*); por grupos menores da Gâmbia, da Serra Leoa, da Libéria, da Costa da Malaguêta, da Costa do Marfim... (*Krumano, Agni, Zema, Timini...*).  
 B) *Culturas guineano-sudanêsas islamizadas*, representadas em primeiro lugar pelos a) *Peuhl (Fulah, Fula, etc.)*, b) *Mandinga (Solinke, Bambara...)* e c) *Haussá* do norte da Nigéria; e por grupos menores como os *Tapa, Bornú, Gurunsi*, e outros.  
 C) *Culturas bantus*, constituídas pelas inúmeras tribos do grupo *Angola-Congolês* e do grupo da *Contra-Costa*.

Nessa parte, serão abordadas as nações iorubá e daomé, por serem as nações dos dois primeiros terreiros do Tambor de Mina, a Casa das Minas daomeana, e a Casa de Nagô iorubana. A questão da religião e das casas de mina serão apresentadas no próximo tópico.

Os iorubás compõem-se em um dos maiores grupos étnicolinguístico da África, concentrando-se principalmente na Nigéria em países vizinhos, que falam a mesma língua (o iorubá), mas que possuem seus próprios dialetos, de acordo com a cidade ou o grupo, como egba, ekiti, ibadan, ife, ijebu, ijesa, ikale, ilaje, ondo, owo e oyo (RIBEIRO, 1996, p. 45).

<sup>10</sup> “Diáspora é um substantivo feminino com origem no termo grego ‘diasporá’, que significa dispersão de povos, por motivos políticos ou religiosos”. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/diaspora/>>. Acesso em 28 nov. 2019.

Conforme Lima e Vasconcelos (2015, p. 181, *apud* VERGER, 1981), o termo “iorubá” ficou conhecido por manuscritos escritos em árabes encontrados pelo Capitão Clapperton em 1826, em haussá, localizado no Ocidente da África. Os autores dizem que as escrituras citam os termos Yarriba ou Yourriba como local dos yarribianos ou yourribianos, e continuam a explicação de que o desenvolvimento dos iorubás começou há 5.500 com as cidades ancestrais.

Os iorubás possuem a tradição oral como principal fonte de transmissão de conhecimento, pois a oralidade esteve presente no mito da Criação do mundo, em que Augras (1983, p 57) fala que:

O hálito de Olorum, o deus supremo, preencheu o espaço vazio, formando a atmosfera. É portanto o sopro de Deus que une os dois mundos. Todos os ritos, desde a fundação do templo até a iniciação individual, todas as celebrações objetivam manter e ampliar a comunicação entre este mundo e o outro, assegurar a passagem das mensagens de um para o outro, aumentar as trocas, enfim, instaurar e desenvolver o numinoso. Isso se faz pela condensação e distribuição de energia, da força sagrada (*axé*) presente em todos os seres.

Isso mostra que a comunicação é importante. O saber falar e ouvir faz parte da cultura iorubana, e o *axé* está presente no mundo desde o momento da criação. Para os iorubanos, a palavra exerce grande poder e pode desencadear grandes desastres se não for dita de maneira correta, principalmente a mentira, considerada um dos principais pecados.

Os iorubás tinha a cultura da agricultura, onde iam até o campo pela manhã e voltavam para suas casas, que ficavam nas cidades. Prestavam cultos aos deuses, chamados orixás, de grafia iorubá *òrìṣà*, onde cada um representa uma força da natureza e que, de acordo com Frobenius (1949, *apud* BASTIDE, 1985, p. 86), cada orixá descendia de uma família que prestava cultos a esse deus e, além disso, havia os cultos comunitários, em que eram montados templos e realizado festas independente do deus das famílias em questão, pois cada orixá tem suas características e domínios próprios, como o orixá do ferro e o orixá das chuvas.

Como forma de agradecimento, os iorubás ofertavam os alimentos aos orixás, como forma de receberem e doar o *axé*, pois a energia contida nos animais e nas plantas eram dadas aos deuses, que a retribuía através dos ritos e da comida de *axé* pronta, que as pessoas comiam. É uma forma de estarem em comunhão com os orixás (SILVEIRA, 2004, p. 19).

No Brasil, os iorubás ficaram conhecidos como nagôs e seu idioma tem grande importância nas religiões afro-brasileiras e na cultura brasileira, onde muitas palavras da língua estão presentes nas expressões do dia a dia, como o próprio *axé* e orixás, acarajé, abadá, entre outras e, por sua grande importância, tornou-se Patrimônio Imaterial do Rio de Janeiro em 2018.

Os daomeanos são denominados os povos que se originaram no Daomé, República do Benim nos dias atuais. Os iorubás os chama de jejes (com pronúncia gêge), como passaram a ser denominados, que significa “estrangeiro”. Os daomeanos são compostos pelas nações Ewe, Fon ou Efan, Fanti, Ashanti e Mina.

Os daomeanos e os iorubás possuem muita semelhança devido ao direto contato entre essas nações, através de guerras, trocas comerciais e acordos de casamentos. No quesito guerra, os jeje tiveram seu apogeu devido a captura de inimigos e o tráfico de negros, que ficou conhecido como “Ciclo da Costa da Mina” (BATISTA, 2014, p. 23).

Na questão religiosa, os jejes cultuam os voduns, espíritos que também fazem parte das forças da natureza e que fazem parte de uma família, sendo passada através das gerações pela linhagem masculina, que veio a desaparecer (BASTIDE, 1985, p. 87), devido a não classificação dos negros escravizados levados aos outros cantos do mundo.

No Brasil, os daomeanos, como forma de realizarem suas crenças religiosas, fundaram o candomblé jeje na Bahia e, no Maranhão, o Tambor de Mina.

### 3 O TAMBOR DE MINA

Esse tópico será abordado acerca do Tambor de Mina, religião afro-maranhense e religião do terreiro pesquisado para essa monografia. Por serem referência nos estudos sobre a o Tambor de Mina, essa parte terá muitas referências das pesquisas de Sergio e Mundicarmo Ferretti. Para não haver confusão, a pesquisadora achou melhor citá-los como Ferretti, S. e Ferretti, M.

Durante o período da diáspora negra, os africanos forçados a saírem de seus locais de origem trouxeram ao Brasil, além do sonho de um dia poderem voltar, suas culturas, dependendo de sua nação. Na parte religiosa, realizavam seus ritos mesmo que a prática fosse proibida, por a religião oficial do país ser a Católica. Suas práticas religiosas eram chamadas de feitiçaria e, até os dias atuais, os praticantes de religiões de origem africana sofrem perseguição por quem não entende que suas crenças não são as únicas e verdadeiras.

Ao longo dos séculos, as práticas religiosas começaram a tomar forma e a receberem nomes. A mais antiga e conhecida religião afro-brasileira é o Candomblé, sem uma data específica de sua fundação e que muitos pesquisadores a consideravam como a religião de maior pureza africana, sendo esse o motivo de iniciarem os estudos no Brasil, no continente africano e em países onde houve a diáspora negra. A segunda religião de destaque no país é a Umbanda, fundada no século XX e com influências do Candomblé, Espiritismo e Catolicismo.

Uma das religiões que apareceu no país a partir dos negros escravizados foi o Tambor de Mina, fundada em meados do século XIX em São Luís do Maranhão e levada a outros Estados brasileiros, como o Piauí, Pará e Amazonas. É uma religião afro-maranhense por excelência. Segundo Ferretti, S. (2011, p. 247),

Existem duas casas matrizes fundadas por africanos: a Casa das Minas Jeje, de origem daomeana, que não possui filiais e a Casa de Nagô, de origem iorubana de onde derivaram a maioria dos terreiros de Mina. Estas duas casas encontram-se em declínio do número de participantes e de rituais, estando praticamente em extinção, mas gozam ainda de grande prestígio. Existem muitas outras casas de tambor de mina, derivadas do modelo da Casa de Nagô. Algumas possuem grande número de filhos e várias delas atualmente recebem muitas influências do candomblé e da umbanda.

Além das nações jeje e nagô, o Tambor de Mina também apresenta características das nações cambinda e fanti-ashanti, assim como o Candomblé (FERRETTI, M. 2000, p. 16), e há “vínculos com o catolicismo, o espiritismo kardecista, religiões ameríndias e com práticas de outras procedências” (FERRETTI, S. 1995, p. 13).

Recebe esse nome por dois motivos: o primeiro, sendo referência ao tambor, instrumento musical de percussão muito utilizado nas religiões afro-brasileiras e presente nas

festas (S. FERRETTI, 2011, p. 244); o segundo por os negros escravizados que partiam da África da região do Golfo do Benin, independente de sua nação, serem chamados de “Minas”. Sendo assim, conhecido por Tambor de Mina.

Devido ao nome, é confundido com o Tambor de Crioula<sup>11</sup>, dança de origem africana praticada no Maranhão em louvor a São Benedito e que, em 2007 ganhou o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Da história de sua fundação em São Luís, Ferretti, S. (2008, p. 02) relata que:

Verger apresentou a hipótese, confirmada em 1985 por experts da UNESCO, de que a rainha Na-Agontimé, viúva do rei Agonglô e mãe do futuro Rei Ghezo, foi vendida por um enteado aos negreiros e trazida para São Luís, no Maranhão, onde se tornou conhecida como Mãe Maria Jesuína, de Toi Zomadonu, que fundou a Casa das Minas e introduziu o culto dos voduns do Daomé no Brasil.

Indagado a respeito da Mina no Maranhão e da fundação das outras casas, Santos (2018) respondeu que:

(...) a primeira casa foi a Casa das Minas. Mas nós temos o Terreiro do Egito que, de lá, surgiu muitos pais de santo e muitas mães de santo, como Jorge Itaci, como o pai Euclides Talabyan, que é da Casa de Fanti. Então, eu digo que as duas casas principais não é só a Casa das Minas e a Casa de Nagô. Porque começou na Casa das Minas. A Casa de Nagô abraçou, veio e formou e seus filhos. E todos os outros terreiros surgiram da Casa de Nagô. (...) Depois que a Casa de Nagô assentou, que firmou, que as sacerdotisas, é, assentaram, (...), foi que começou a ter as outras casas, os outros terreiros. Da Casa das Minas, não tem nenhum terreiro.

É uma religião pouco divulgada fora dos Estados que possuem terreiros de mina, assim como o Batuque no Rio Grande do Sul, e o Xangô de Pernambuco. As mais conhecidas são o Candomblé da Bahia e a Umbanda do Rio de Janeiro.

Os estudos acerca das religiões de origem africana começaram, de acordo com relatos de Ferretti, S. (1995) e Ferretti, M. (2000), através de estudos de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edson Carneiro, Roger Bastide, entre outros. Mesmo com a visita de Nina Rodrigues a terreiros maranhenses em 1896, Ferretti, M. (2000, p. 19) fala que os estudos da Mina começaram no final da década de 30 do século XX através de duas pesquisas:

- 1) a de Edmundo CORREIA LOPES (1939; 1944), em 1937, na Casa das Minas - interessada especialmente pela língua ritual daquele terreiro jeje;
- 2) a da Missão de Pesquisa Folclórica do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo (ALVARENGA, O 1950), também em 1937, no terreiro de Maximiana, considerada a introdutora da ‘linha da Mata’ de Codó (cambinda /caboclo), nos terreiros da capital maranhense - interessada especialmente na música do Tambor de Mina.

A autora continua citando os pesquisadores que vieram ao Maranhão, principalmente em São Luís, a partir das décadas seguintes, como Nunes Pereira, Costa Eduardo

<sup>11</sup> Para mais informações acerca da dança, acesse <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/63/>.

e Verger; e que, como na década de 70, o interesse pela religião aumentou pelos pesquisadores, tendo o foco na Casa das Minas, Casa de Nagô, Casa Fanti-Ashanti e Terreiro de Iemanjá, como Ziegler, Barreto, Ferretti, entre outros.

O Tambor de Mina se configura, segundo as divisões propostas por Wilges (1989, p. 118), em uma religião espiritualista, por ter os espíritos dentro de sua doutrina, assim como o espiritismo e a umbanda. A forma como há o contato com esses espíritos, que no Tambor de Mina podem ser entidades (caboclos, boiadeiros, encantados, etc.), voduns e orixás, é através do transe ou incorporação, erroneamente chamado de possessão, por denotar uma visão negativa.

As entidades do Tambor de Mina, de acordo com Ferretti, M. (2000, p. 45), podem ser consideradas por categoria (caboclo, boiadeiro, etc.), por família (alguns encantados são conhecidos por fazerem parte de uma família, geralmente de reis e rainhas, como a família do rei Dom Sebastião), por nação (jeje, nagô, cambinda, etc.), por posição na cabeça de quem incorpora (todos possuem a entidade que está à frente, sendo a principal entidade da pessoa) e por posição do terreiro (as entidades da mãe ou pai de santo e das pessoas que possuem cargos mais altos dentro da casa são as mais importantes dentro do panteão).

Geralmente, as casas de mina são construídas de maneira simples, com chão de terra batida, poucos cômodos e espaço verde na área do terreiro. Alguns terreiros, por preferência de seus dirigentes, são mais requintados, construídos de alvenaria, com piso de cerâmica e imagens dos santos espalhadas pelo barracão<sup>12</sup>.

A protetora dos terreiros de Mina é Iansã ou Nochê Sobô (FERRETTI, S. 2008, p. 02), tendo o sincretismo com Santa Bárbara e tendo obrigações em praticamente todas as casas de mina, no dia 04 de dezembro.

---

<sup>12</sup> Nome dado aos templos das religiões afro-brasileiras.

#### 4 METODOLOGIA

Este tópico será dividido em duas partes principais. A primeira discutirá sobre o objetivo da pesquisa. A metodologia adotada e o passo a passo de como foram coletados os dados, tanto em campo quanto na literatura. A segunda falará acerca do local pesquisado, apresentando sua história, aspectos da religião e a calendarização do terreiro.

O objetivo geral da monografia é identificar quais Comidas de Axé são preparadas no Terreiro de Mina Nanã Buruquê durante seus principais ritos. O interesse em pesquisar sobre o tema surgiu após o ingresso da pesquisadora no GPICG<sup>13</sup>, em que se discutia acerca da organização da sétima edição do evento realizado pelo grupo chamado Mostra da Gastronomia Maranhense da UFMA, ocorrida entre os dias 29 a 31 de outubro de 2019, que teve como foco a Comida Ancestral, comidas tradicionais e de cunho religioso, e o tema “Comida e Religiosidades no Maranhão: sobre tradição e festejos”. Além disso, após pesquisar sobre o assunto, perceber que a maioria dos trabalhos já publicados foram produzidos tendo as Comidas Votivas da Umbanda e do Candomblé como objeto de estudo.

A metodologia é a parte fundamental de uma pesquisa, pois é ela quem orientará a pesquisadora ou o pesquisador e a maneira correta a utilizar e estruturar seu trabalho. Cervo *et al* (2007) diz que o método nasce a partir dos problemas e objetivos da pesquisa, usando técnicas para executar e obter os dados necessários da investigação, sendo que a metodologia ditará quais técnicas serão usadas.

Para que ocorresse a investigação no terreiro, foi feita a visita ao local no dia 08 de maio de 2018, a fim de apresentar ao Babalorixá a natureza e o objetivo do trabalho, que seria as comidas de axé preparadas nas obrigações do terreiro. Após a explicação, o responsável informou que a autorização deveria vir dos donos da casa, ou seja, dos voduns e demais entidades do panteão<sup>14</sup> do lugar. No mesmo dia, houve o pedido a dois caboclos que estariam de passagem para atendimentos espirituais. O primeiro veio a negar, mas aconselhou a pedir ao segundo que, após ouvir a opinião de algumas filhas de santo que estavam por lá, concordou com a pesquisa. Como forma de proteção durante a permanência na casa, o caboclo ordenou que fosse fabricado um fio de contas de cores branco e roxo<sup>15</sup>, feito pela própria pesquisadora.

---

<sup>13</sup> Grupo de Pesquisas em Identidades Culturais da Gastronomia Maranhense dos cursos de Hotelaria e Turismo, formado em 2011 por professoras dos cursos de Hotelaria e Turismo.

<sup>14</sup> “Conjunto dos deuses de uma nação, de uma religião”. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/panteao/>>. Acesso em 30 out. 2019.

<sup>15</sup> A cor se deu após o caboclo perguntar qual cor vinha à mente para estar junto ao branco. Por a resposta ser o roxo, concluiu-se que a pesquisadora tinha a benção da senhora maior do terreiro, Nanã Buruquê.

A metodologia utilizada é a Pesquisa Etnográfica, apoiada no método descritivo e de natureza qualitativa, utilizando-se de pesquisa bibliográfica para montar a base teórica, bem como a pesquisa oral e observação para coleta de dados, quando os trabalhos escritos já publicados não respondiam a algumas questões e/ou para ligar ideias observadas em campo.

A etnografia é formada por duas palavras gregas: *ethno* “povo” e *graphein* “escrever”, “descrição”. Resumindo, a etnografia é o estudo da descrição de um povo. Conforme Severino (2007, p. 119), “a pesquisa etnográfica visa compreender (...) os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades.

Trata-se de um mergulho no microssocial, olhando com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa”. Ela é utilizada quando se deseja saber mais sobre a cultura de determinado grupo, seja em um povoado, um bairro, uma cidade ou um país. Dentro desse método, o pesquisador se torna a própria ferramenta de pesquisa, podendo passar meses e até anos em contato com o público estudado.

O trabalho é considerado descritivo, por apresentar os aspectos de certos fenômenos estudados (GIL, 2002, p. 42), e qualitativo, pois retrata tais fenômenos sem que haja a presença predominante de tabelas, estatísticas e/ou número (LEITE, 2008, p. 100).

Para a coleta de dados, foi utilizada a observação participante, onde a pesquisadora envolveu-se ativamente nas atividades do grupo, a fim de conhecer sua cultura, mas sem que sua presença atrapalhasse a convivência com os demais. Adotou-se o diário de observação durante toda a pesquisa, com o objetivo de anotar os hábitos presenciados e de maneira detalhada. Ainda houve entrevistas (ver em apêndices) com o Babalorixá e uma Filha de Santo, sendo que a primeira entrevista foi realizada apenas com o Pai de Santo explicando sobre a obrigação, tendo perguntas apenas quando aparecia alguma dúvida sobre o que ele falou. As demais, foram perguntas abertas, sobre dúvidas das obrigações, da religião, etc.

Acerca da coleta de dados orais, Weber (1958, p. 29) diz que “vale mais a pena escutar os nativos do que interrogá-los, não somente para ouvir suas próprias classificações, mas também para evitar receber as respostas que não seriam senão o espelho das questões e das expectativas do pesquisador”. Tal questão é importante dentro da pesquisa das religiões afro-brasileiras, porque os responsáveis informarão apenas o que alguém de fora pode saber e, dependendo da pergunta, haverá a resposta ou não.

O estudo etnográfico possui três pilares do saber: o saber calar, saber ouvir e saber observar. A pesquisadora deve estar ciente do momento em que pode falar, ter a sensibilidade de saber a hora de usar o gravador e a maestria de anotar toda a experiência vivida, sem que haja alterações.

De acordo com Angrosino (2009, p. 61), a entrevista feita a partir da etnografia é a única em que a pesquisadora já criou laços com os demais, pois sua presença já se tornou algo habitual e as perguntas são feitas com base nas observações, sendo considerada interativa.

Para a construção da base teórica, foi feita a leitura de livros e trabalhos acadêmicos, como artigos, monografias e dissertações a respeito do tema. A procura foi feita pela internet usando palavras-chaves no Google Acadêmico, pessoalmente na biblioteca central da UFMA e indicações de leitura da orientadora, que possuía e adquiriu alguns livros sobre gastronomia, cultura e religião.

A investigação ocorreu de 13 de maio de 2018 a 27 de setembro de 2018, totalizando quatro obrigações, além de visitas esporádicas ao terreiro e a outros locais em que a pesquisadora era convidada a ir. Teve a pesquisa interrompida, pois Álvaro José dos Santos Souza veio a falecer em 21 outubro de 2018, o que acarretou na perda de muitas informações sobre o local e suas tradições, o encerramento das atividades religiosas e na dificuldade em encontrar pessoas de dentro do terreiro dispostas a darem novas informações, ou que soubessem o que poderia ser revelado ou não.

#### 4.1 Descrição da área – o Terreiro de Mina Nanã Buruquê

O Terreiro de Mina Nanã Buruquê é uma instituição afro-religiosa localizada na Av. Califórnia, nº 18, no povoado Pindaí, zona rural de São José de Ribamar/MA. Teve seu assentamento<sup>16</sup> no local em 2011; porém, suas atividades religiosas começaram em 1997 numa palhoça<sup>17</sup> no bairro da Liberdade, em São Luís do Maranhão (Ver Figura 1).

Dependendo da grafia, pode-se escrever Nanã Buruquê, Nanã Boroquê ou Nanã Buruku, optando-se por usar Nanã Buruquê durante a pesquisa.

O responsável pelo terreiro era Álvaro José dos Santos Souza, conhecido por seu nome de sacerdócio como Pai Neto de Nanã. O terreiro leva esse nome por Nanã Buruquê (orixá) ou Vó Missan (vodun) ser a dona de seu ori<sup>18</sup>, ou seja, a divindade principal e incumbida de proteger e orientar a pessoa durante sua encarnação. O ori é a parte mais importante de um ser humano dentro das religiões de origem africana, devido ser o ponto de ligação entre o mundo material e o mundo espiritual, sendo esse um dos motivos das mulheres de axé usarem lenços ou turbantes durante os rituais.

<sup>16</sup> Construção e firmação do terreiro em um local físico, tornando toda a área demarcada em solo sagrado.

<sup>17</sup> Quarto sagrado onde inicia-se as atividades religiosas da yalorixá ou do babalorixá, antecedendo o terreiro.

<sup>18</sup> Palavra em iorubá que significa “cabeça”.

Figura 1 – Localização do Terreiro de Mina Nanã Buruquê



Fonte: Google Maps (2019)

#### 4.1.1 História da fundação do terreiro

O caminho espiritual do Babalorixá começou através de seu bisavô e seu avô, por sua família ser composta por médiuns<sup>19</sup> e de maioria adeptos de religiões de origem africana. De acordo com o Pai de Santo (2018), a maior parte de seus conhecimentos religiosos foram ensinados por seu avô, inclusive, Sr. Neto, ou Neto de Nanã, realizava algumas obrigações que vieram de sua linhagem ao longo das gerações, como a obrigação de Preto Velho, linhagem de espíritos evoluídos oriundos da umbanda e que tiveram uma vida terrena como negros escravizados. Após seu desenvolvimento com os familiares, Neto de Nanã informou que frequentou algumas casas de mina antes de assentar a palhoça e, posteriormente, o terreiro.

Nossa casa, ela surgiu da casa do Pai Zé Negreiro<sup>20</sup>, que era, tinha o barracão *era* no João Paulo, depois foi *pro* Turu e, aí, depois que ele morreu, eu *vim* pro Terreiro de Iemanjá, *pra* casa do Pai Jorge. Depois que o Pai Jorge morreu, eu fui *pro* Terreiro Deus é Bom Pai, *pra* casa do Pai Raimundo e, o Pai Raimundo que me deu a permissão de “sentar” a casa. Eu tive a permissão de um dos sacerdotes também que é muito antigo. (VER APÊNDICE C).

Conforme Edite<sup>21</sup> (2019), Seu Neto construiu a palhoça, também chamada de “quartinho”, nos fundos da casa da mulher com quem morava em 1997 na Liberdade, bairro de São Luís do Maranhão, considerado um quilombo urbano, onde dava passagem às entidades,

<sup>19</sup> Do latim *medium*, cujo significado é intermediário. São pessoas que, segundo as vertentes espiritualistas, fazem a ponte entre o mundo físico e o espiritual. Os médiuns podem ser de curador (curar pessoas), de incorporação ou psicofonia (incorporar espíritos), de clarividência (ver espíritos), clariaudiência (ouvir espíritos), entre outros.

<sup>20</sup> Terreiro de Legua Bogi Búa, fundado no Turu em 1945. Para maiores informações, acesse <http://www.patrimoniosmaranhao.net/2018/01/23/terreiro-de-ze-negreiros/>.

<sup>21</sup> Nome fictício da filha de santa entrevistada no dia 08 de maio de 2019, a fim de preservar sua identidade.

realizava suas obrigações, fazia os atendimentos espirituais e preparava os remédios a quem precisasse. Mesmo após a separação, o Babalorixá continuou com os atendimentos esporádicos no local, realizados quinzenalmente.

À medida que os anos passaram, a crescente procura pelos atendimentos, o aumento de número de filhas e filhos e a cobrança das entidades fez com houvesse a necessidade de assentar um terreiro, por ser um local maior e que pudesse fazer tanto as obrigações do Pai de Santo, quanto as obrigações dos seus adeptos. O local para a fundação da casa foi em um terreno que pertencia ao avô de Álvaro José no Pindaí, zona rural de São José de Ribamar, e que estava abandonado, justamente por ficar longe da cidade e perto da mata fechada. O atendimento na Liberdade ocorreu por catorze (14) anos, até o assentamento do terreiro em 2011. Contudo, a palhoça continua no mesmo lugar, mesmo com as atividades encerradas.

O terreiro fora construído de maneira simples. A área da casa era de chão batido, em que a terra é compactada e sem revestimento, como pisos e cerâmicas, comum em casas do interior do país; protegida por um cercado feito com galhos presos em arame e o portão de madeira como acesso principal ao local; o barracão e o quarto de segredos foram construídos tendo galhos de árvores e madeira como alicerces; as paredes feitas de barro e o telhado com telhas de fibrocimento, fabricadas com fibras de amianto e cimento.

Dentro do barracão, havia um altar com imagens de santos católicos e quadros de Xangô, orixá da justiça, e Nanã, orixá das águas paradas, em cada lado do altar; do ponto de vista de quem entrasse no templo, estavam as cabaças<sup>22</sup> e dois abatás<sup>23</sup> do lado esquerdo e um abatá do lado direito; e bancos de madeira e cadeiras de plástico para que os participantes dos rituais fiquem sentados durante as obrigações.

A única parte construída de alvenaria era a cozinha, onde eram preparadas tanto as comidas de axé quanto as comuns, juntamente com o quarto em que os filhos poderiam ficar durante as obrigações em que era necessário dormir no lugar. O terreno continha árvores e plantas consideradas sagradas, usadas para a preparação de remédios, banhos de ervas, sendo que, em algumas árvores, eram firmadas o ponto de determinadas entidades, como coqueiros, mamoeiro, mangueira, alfavaca, manjericão, mastruz, entre outros.

A cozinha possuía uma geladeira, um freezer, armário para utensílios, pia e um fogão industrial. Questionado acerca da cozinha não ter um fogão a lenha para o preparo das

---

<sup>22</sup> Instrumento musical feito da cabaça (fruto) seca, cortada em uma das extremidades e envolvida por uma rede de miangas ou contas.

<sup>23</sup> Também chamados de batás, são “(...) instrumento percussivo revestido de couro de animal que é tocado com as mãos”. SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. Ofício de Abatazeiro: A Experiência da Rua e do Terreiro. **Revista Calundu**, v. 1, n. 2, 11 dez. 2017. P. 128.

comidas de axé, o Pai Neto informou que desejava fabricar um fogão a lenha como forma de manter a tradição de seus antepassados, pois o fogão a gás foi adotado pelos terreiros como forma de modernidade e praticidade, e que gostaria que estivesse pronto até novembro de 2018, perto do aniversário de Seu Aririzinho.

Figura 2 – Vista do Barracão e da cozinha de axé do Terreiro de Mina Nanã Buruquê



Fonte: arquivo pessoal (2018).

O quarto de segredos (ver figura 3), quarto de santo ou peji, esse último sendo mais utilizado dentro da umbanda e do candomblé, ficava atrás do barracão, no qual se guardava os objetos sagrados da casa, como as roupas e objetos das entidades, velas, baralho, imagens de santos, etc.; eram firmados os pontos<sup>24</sup>, guardado as comidas de axé após as obrigações e onde ocorriam os atendimentos espirituais com as entidades incorporadas no pai de santo. Recebe esse nome por ser um local restrito ao pai e aos filhos de santo, tendo a entrada de terceiros somente o momento de atendimento espiritual.

O atendimento espiritual era o momento em que as pessoas, dentro de casa ou não, iam até o terreiro em busca de resolução de problemas pessoais, como curas de doenças, limpezas espirituais, pedidos de auxílio às entidades, entre outras coisas. Era feito, geralmente, às terças e quintas no turno vespertino pelas entidades da casa e com o auxílio de uma das filhas, pois elas não falam perfeitamente o português e não entendem muitas expressões ditas atualmente

---

<sup>24</sup> Local de identificação das entidades, seu assentamento.

Figura 3 – Vista do Quarto de Segredos e dos fundos do barracão



Fonte: arquivo pessoal (2018).

O fato de o barracão ser edificado com barro se deve ao fato de Nanã Buruquê ser um orixá feminino ligada às águas paradas e à lama. Sobre a estrutura simples, a filha de santo respondeu que era o desejo das entidades da casa que ela fosse construída dessa forma e que dificilmente haveria uma reforma para a construção de um barracão de alvenaria, com piso, telhado colonial, etc.

O Terreiro de Mina Nanã Buruquê é de nação Mina Jeje-Nagô, apresentando traços de Cura/Pajelança e Umbanda em suas práticas ritualísticas, pois Neto de Nanã dava passagem e realizava obrigações para entidades da linha da Umbanda, como os Pretos Velhos e a Pombagira Cigana. Segundo Edite (2019), os adeptos da casa não passaram por um processo de iniciação depois de começarem a frequentar o local:

A gente caiu, ficou doente, as outras meninas (filhas de santo) também eram a mesma coisa e, por conta de indicação de alguém, direcionou *ele* e a gente ia. Ficava lá, ele fazia o remédio e a gente passava a participar das obrigações, onde a gente ia recebendo força, e a gente ia desenvolvendo. E, quando ele faleceu, a gente *tava* sendo preparada *pra* segurar as entidades como ele segurava. Só que, aí, não deu tempo (falecimento de Seu Neto). (VER APÊNDICE E

Durante a pesquisa, não foi observado filhas ou filhos de santo incorporando as entidades, apenas o Babalorixá e pessoas que estavam de visita no Festejo de Sant'Ana.

#### 4.1.2 Parte do panteão do Terreiro de Mina Nanã Buruquê

No decorrer dos cinco meses da realização de pesquisa *in loco*, percebeu-se que a maioria das entidades cultuadas dentro do terreiro desciam no Babalorixá, algumas com mais

frequência, enquanto que outras vinham apenas uma vez por ano para dar passagem durante as obrigações.

Esta parte da monografia não será aprofundada, pois o convívio dentro da casa foi rápido, em comparação às pesquisas etnográficas, sendo citados somente os nomes das entidades em que houve o contato e as que foram citadas pelo Pai Neto de Nanã durante as visitas ao lugar e pela filha de santo que cedeu a entrevista. Algumas das entidades que compõe o panteão do Terreiro de Mina Nanã Buruquê são:

- Nanã Buruquê ou Vó Missã: vodun, senhora maior da casa (sem contato);
- Tombassé: caboclo, chefe maior da casa (sem contato);
- Aririzinho<sup>25</sup>: caboclo e farrista, que tomava conta da casa a mando de Seu Tombassé (houve contato);
- Vaqueiro do Mirinzal: caboclo que passou a tomar conta da casa em 08 de maio de 2017, a mando de Seu Tombassé e como “castigo” a Seu Aririzinho (houve contato);
- Pombagira Cigana: pombagira, atuava na linha da esquerda e da Cura (houve contato);
- Caboclo Pequenino: caboclo, entidade criança que descia apenas no dia 27 de setembro (houve contato);
- Princesa Rosalina: encantada que descia somente no sábado de Aleluia (sem contato).

Além dessas, houve o contato com a entidade da linha dos Pretos Velhos na obrigação do 13 de maio, porém seu nome não foi revelado; e foi citado o nome de Chica Baiana durante uma visita ao local, mas não informaram qual linha ela pertencia (caboclo, encantada, preto velho, etc).

#### 4.1.3 Calendarização do Terreiro de Mina Nanã Buruquê

A vida de uma pessoa é marcada por datas comemorativas, desde seu nascimento, aniversários, formatura, casamento, etc. Fora do âmbito pessoal, ocorre os acontecimentos históricos, como o fim de uma guerra, a união entre países, a comemoração de um título esportivo, a visita de uma figura pública em um local atípico, a boa colheita, a mudança de ano e sua promessa de coisas novas, entre outros. Tais comemorações podem ter ligações religiosas

---

<sup>25</sup> Esse é apenas um apelido. Seu nome completo foi dito durante a entrevista realizada no dia 08 de maio de 2019, mas o áudio não captou a fala, considerado que não houve a permissão de colocar o nome real de Seu Aririzinho na pesquisa.

ou não e podem ser resumidas em uma única palavra, comumente usada para expressar tais eventos: festa.

Conforme Guarinello *apud* Gomes (2012), festa é “uma produção social que cunha uma identidade entre os participantes e o compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo. Representa a produção de memória e da identidade no tempo e no espaço social”.

As festas estão inseridas tanto na esfera de lazer, sendo um momento de distração e celebração, quanto na obrigatoriedade, especialmente dentro das religiões, em que se deve fazer seguindo seus ritos e ditadas conforme seus mitos. Dentro das religiões afro-brasileiras, as cerimônias religiosas recebem o nome de Obrigações, realizadas seguindo o calendário comemorativo católico, devido ao sincretismo sofrido durante a época da escravidão no Brasil (séc. XVI ao séc. XIX).

Durante a pesquisa, notou-se que as obrigações também eram chamadas de Festa, Arriada<sup>26</sup> ou Aniversário, a última utilizada quando a obrigação ocorria no dia em que uma entidade fez a passagem pela primeira vez no terreiro.

Seu Aririzinho reforçava a ideia de que as obrigações ocorridas no terreiro poderiam receber a denominação de “festa”, dando a entender que seria algo banal a quem era “de fora”, mas que deveria ter o seu devido respeito, porque cada obrigação faz parte dos preceitos da casa. Mesmo que houvesse comidas e bebidas (alcoólicas ou não) durante os rituais, todos deveriam se portar adequadamente, tanto nas vestimentas quanto nos atos, e ter a noção de que estavam em local sagrado.

Antes e durante as obrigações, é necessário que os participantes da casa, inclusive o Babalorixá, se abstenham de sexo, uso de produtos ilícitos e/ou bebidas alcoólicas, dependendo da obrigação, podendo ser entre três a sete dias, podendo estendendo-se após o dia do ritual. Não é permitido o uso de roupas curtas e de cor preta, nem durante as consultas espirituais, houve casos em que a entidade pediu que a pessoa se cobrisse com um pano branco para poder ser atendida. As obrigações possuem sua vestimenta padrão, como na Obrigação de Preto Velho, em que se usa branco e roupa com tecido estampado; no Festejo de Sant’Ana, em que as mulheres usam roupa branca e turbante azul e, os homens, usam camisa branca e calça azul.

O calendário de festividades do Terreiro de Mina Nanã Buruquê acompanhava o da Igreja Católica (Tabela 1). Nem todas as obrigações aconteciam no terreiro, havendo visitas a

---

<sup>26</sup> “Arriar” tem o sentido de montar e ofertar a oferenda à(s) entidade(s).

outras casas que as realizavam ou, como nos ocorridos na época junina, eram cumpridas pelo Babalorixá dançando como caboclo de pena ou no cacuriá.

Tabela 1 – Calendarização do Terreiro de Mina Nanã Buruquê

<b>NOME DAS OBRIGAÇÕES</b>	<b>REALIZADA DENTRO DO TERREIRO</b>
<b>06/01</b> – Dia de Reis: Queimação de Palhinhas do Presépio e Entrega do segundo banho de ervas.	Sim
<b>20/01</b> – Dia de São Sebastião.	Não
<b>02/02</b> – Dia de Iemanjá.	Não
<b>11/02</b> – Dia de São Lázaro: Obrigação de Xapanã/Obaluaê.	Sim
<b>Sexta-feira Santa:</b> Dormida no Barracão e Obrigação da Santa Ceia.	Sim
<b>Sábado de Aleluia:</b> Bancada dos Toubouças e início do ano litúrgico da casa.	Sim
<b>19/04</b> – Dia do Índio.	Não
<b>23/04</b> – Dia de São Jorge/Ogum.	Não
<b>13/05</b> – Dia de Preto Velho: Obrigação de Preto Velho.	Sim
<b>13/06</b> – Dia de Santo Antônio: Obrigação de Santo Antônio.	Sim
<b>24/06</b> – Dia de São João.	Não
<b>29/06</b> – Dia de São Pedro.	Não
<b>30/06</b> – Dia de São Marçal.	Não
<b>25/07</b> – Início do Festejo de Nossa Senhora Sant'Ana: Salva de Caixas do Divino Espírito Santo.	Sim
<b>26/07</b> – Dia de Nossa Senhora Sant'Ana: Festejo de Nossa Senhora Sant'Ana/Nanã Buruquê/Vó Missan com Ladainha e Tambor de Mina.	Sim
<b>27 a 30/07</b> – Programação Cultural do Festejo de Nossa Senhora Sant'Ana.	Sim
<b>26/08</b> – Aniversário da Pombagira Cigana.	Sim
<b>27/09</b> – Dia de São Cosme e São Damião: Obrigação dos Ibejis.	Sim
<b>10/11</b> – Aniversário do Caboclo Aririzinho.	Sim
<b>04/12</b> – Dia de Santa Bárbara: obrigação de Iansã.	Sim
<b>08/12</b> – Dia de Nossa Senhora da Conceição: obrigação de Oxum/Iemanjá.	Sim
<b>13/12</b> – Dia de Santa Luzia.	Sim
<b>24/25</b> – Chegada do Menino Jesus ao Presépio.	Sim
<b>31/12</b> – Entrega do primeiro Banho/Banho de Final de Ano.	Sim

Fonte: Instituto de Cultura Afro Brasileira Netos de Nanã, 201?.

Edite (2019) esclareceu que as obrigações feitas nos dias 11 de fevereiro e 04, 08 e 13 de dezembro foram incluídas na calendarização, por serem obrigações das filhas de santo da casa. Também disse que era desejo de Seu Neto começar a obrigação de Seu Vaqueiro, que estava na casa há quase dois anos.

No dia da visita ao terreiro, a fim de obter a permissão em realizar a pesquisa no local, Seu Neto avisou que as três obrigações principais eram a de Preto Velho, o Festejo de Sant'Ana e o aniversário de Seu Aririzinho, e elas seriam as melhores para observar as comidas de axé, por ser o foco da monografia.

Edite (2019) falou brevemente sobre algumas festas, mas não se aprofundando a respeito de todas as realizadas dentro do terreiro. Contou que, na Obrigação de Sábado de Aleluia era arriado uma bancada de frutas e que cada um representava uma força, de ser feito a feijoada de Ogum no dia de São Jorge e o acarajé de Iansã no dia de Santa Barbára, porém não soube dizer se tais comidas eram preparadas seguindo os preceitos para serem comidas de axé ou não.

(...) a primeira obrigação do ano, sábado de aleluia, (...) que era, ele chamava bancada de frutas. Eram muitas frutas. Todas aquelas frutas que a gente comia representava uma força, uma, entendeu? Aí tinham as frutas, o bolo, o refrigerante, e era a passagem da princesa Rosalina, que era uma entidade também que passava em cima dele que era muito importante. Ela só vinha uma vez ao ano, que é o sábado de aleluia. Aí (...) tinha, após o sábado de aleluia, treze de maio, que é o Preto Velho. Aí tinha São Cosme e Damião, Santo Antônio, há dois anos atrás, se não me engano, começou pra Iansã, que era quatro de dezembro, ia começar pra Oxóssi, mas não deu tempo, e teve a de outra filha há um ano, que foi pra Omolu e Obaluaê. (VER APÊNDICE E).

As obrigações participadas foram a Gira de Preto Velho (13 de maio), o Festejo de Nossa Senhora Sant'Ana (de 25 a 29 de julho), a Obrigação de Pombagira Cigana (26 de agosto) e o de São Cosme e São Damião (27 de setembro), todas ocorridas em 2018. Não houve a obrigação de Seu Aririzinho (11 de novembro), que seria a última para compor a monografia, pois o Babalorixá faleceu dias antes da festa ocorrer.

## 5 COLETA DE DADOS – AS OBRIGAÇÕES DO TERREIRO DE MINA NANÃ BURUQUÊ

Esta parte abordará sobre as obrigações participadas durante a pesquisa no Terreiro de Mina Nanã Buruquê, datas em que são realizadas, o motivo e as comidas preparadas.

No período da pesquisa *in loco*, o babalorixá Neto de Nanã informou que as principais obrigações do terreiro eram três: A Arriada de Preto Velho, o Festejo de Nossa Senhora Sant'Ana, e o Aniversário do caboclo Aririzinho, farrista da casa. Entretanto, perguntou se haveria o interesse de participar das outras duas festas que aconteceriam no decorrer do ano litúrgico e como forma de complementar o trabalho, o que foi aceito pela pesquisadora.

Como o objetivo principal da monografia seria investigar sobre as comidas de axé da casa, o pai de santo avisou que algumas não teriam a presença da comida votiva, como a Festa da Pombagira Cigana e a Obrigação de São Cosme e São Damião. Por esse motivo, essa parte será dividida em dois tópicos e quatro subtópicos. O primeiro tópico falará a respeito das obrigações em que teve a presença da comida de axé. O segundo será acerca das festas sem comidas de axé, mas que não perdem a sua importância dentro do terreiro.

Antes das obrigações, o Pai Neto de Nanã não se alimenta, pois o axé é tão forte e ele fica tão centrado na organização da festa, que não sente a necessidade de comer.

### 5.1 Obrigações com comidas de axé

Esse tópico falará sobre as duas obrigações participadas ao longo da pesquisa *in loco* em que foram observadas a presença de comida de axé: a Obrigação de Preto Velho, ocorrida no dia 13 de maio de 2018, e o Festejo de Nossa Senhora Sant'Ana, que aconteceu entre os dias 25 a 29 de julho de 2018. Porém, a parte religiosa do festejo aconteceu nos dias 25 e 26 de julho.

#### 5.1.1 Obrigação de Preto Velho – 13 de maio

A Arriada de Preto Velho é uma obrigação voltada para as entidades da linha dos Pretos Velhos, espíritos evoluídos que vieram através da Umbanda e viveram na Terra como negros escravizados. São entidades dotadas de grande sabedoria, trabalham com a parte da cura

e limpeza espirituais, além de possuírem o arquétipo de pessoas idosas, com movimentos debilitados, dores corporais, gostam de contar histórias e, geralmente, fumam um cachimbo.

O dia dedicado a eles é o treze (13) de maio, mas alguns terreiros preferem realizar a obrigação dias antes ou depois, dependendo de qual dia na semana caíra o dia 13, escolhendo o sábado ou o domingo para que fique melhor a todos participarem. Esse dia está ligado, dentro da umbanda, com a sanção da Lei Imperial nº 3.353 de 13 de maio de 1888 pela princesa regente Isabel em nome do imperador Dom Pedro II, conhecida por Lei Áurea, em que decretava a extinção da escravatura no Brasil a partir da presente data.

A respeito de esse ser o motivo da obrigação ocorrer nas casas de mina nesse dia, Souza (2018) revelou que não considera tal data como comemoração da Lei, e sim como um dia de luta, conscientização e resistência dos antepassados.

Nós não entendemos isso. Primeiro que a Lei Áurea não libertou os negros, 'tá? Ela, ela foi uma capa muito grande. Então, nós não entendemos como (...) voltado *pra* ela, entende? Nós, a gente entende que essa Lei, ela veio apenas conduzir o caminho da gente, mas que nós, nós não fomos libertados por uma Lei, 'ta? Nós fomos libertados por nossa luta, conquista e todo o povo negro. (VER EM APÊNDICE C).

A Obrigação de Preto Velho é uma das obrigações que o Pai Neto de Nanã herdou de seus antepassados e a realiza desde que tinha a palhoça e sempre no dia 13, independente do dia da semana. No ano em que foi feita a pesquisa, coincidiu de ser o segundo domingo do mês de maio, em que se comemora o Dia das Mães no Brasil. Essa arriada se configura em uma das principais, pois é ela quem faz a limpeza/purificação espiritual e dar forças a todos que participam ao longo do ano. O babalorixá disse que os filhos que não participam dessa obrigação costumam passar mal e ficarem doentes com facilidade, pois não fizeram o cuidado necessário de limpar as energias negativas. É uma das obrigações essenciais da casa.

A preparação dos alimentos que serão usados na bancada começa dias antes da obrigação, com a compra dos produtos e, na véspera, a feitura de algumas comidas de axé, pois recebe-se a energia sagrada desde sua elaboração. Por causa da pesquisa, o preparo aconteceu horas antes do ritual, para que pudesse ser observado como foi feito e o que cada um representa.

Nesse dia, havia uma filha de santo auxiliando o babalorixá na preparação das comidas de axé. Questionado se era ela a responsável pela preparação dos alimentos, Seu Neto respondeu que ela estava sendo preparada para ficar à frente das comidas, pois era ele quem preparava. Segundo o pai de santo, mesmo a Mina sendo uma religião matriarcal, não há a obrigação das comidas de axé serem feitas por uma mulher.

Essa uma arriada que se caracteriza por ter muitos grãos e forte ligação com a terra, cada um representando uma força e uma entidade. O primeiro a ser apresentado foi a junça

(*Cyperus esculentus*), uma herbácea considerada a principal comida de axé dentro da obrigação, o fio de ligação entre os outros alimentos votivos e o nascimento. Seu Neto falou que essa é uma semente milenar sagrada para o povo de santo, por ser difícil de se encontrar, aparecendo entre os meses de abril e maio, a tornando restrita às religiões de origem africana. Devido a isso, tem baixo valor comercial. Para o seu preparo, coloca-se a junça em um alguidar<sup>27</sup> com água, a fim da semente ficar hidratada e melhor para consumo, pois ela é um grão resistente.

Seguindo para a preparação do furá e do manjar, feito na cozinha de axé e na mesma panela em quantidade suficiente para ser dividida. Utiliza-se o fubá de arroz, mexendo-o em sentido horário e entoando cânticos e orações durante a feitura, pois é assim que a comida se torna benta, de axé. Em um determinado ponto, é retirado metade do creme e colocado em um alguidar para esfriar e ser servido durante a obrigação. Após isso, leva a panela de volta ao fogão e acrescenta-se o açafraão-da-terra, uma herbácea de coloração amarela, diluído em água, a fim de retirar as suas impurezas, que deixa o creme amargo. Quando atinge o ponto, coloca-o em outro alguidar.

O creme de arroz amarelo é chamado de furá ou furar. Retrata o lado amargo da vida e, dentro da obrigação, vem para juntar as energias negativas que serão retiradas com a outra parte do creme. O sabor do furá muda conforme a energia de quem o consome, porque “(...) se você toma ele com o teu coração, eu vou falar sujo, impuro, ele vai se tornar amargo. Se você bebe ele com a pureza da tua alma, mesmo ele sendo amargo, o gosto dele é diferente. Ele não sai amargo como ele é de origem.” (SOUZA, 2018. ENTREVISTA CEDIDA NO DIA 13 DE MAIO DE 2018).

Já o mingau branco, que foi separado primeiro, se chama manjar e representa o lado doce da vida, pois tudo na vida tem a dualidade: doce e amargo; bem e mal; luz e escuridão; etc. O manjar traz a limpeza negativas reunidas e, com isso, o relaxamento do corpo e da alma. Durante o cozimento, há o cuidado de não deixar o mingau espesso, pois ele ganha consistência conforme esfria.

Há o pão com vinho, que representa o corpo e sangue de Jesus Cristo e simboliza o equilíbrio entre o bem e o mal. O pão deve ser mole, chamado no Maranhão de pão massa fina, e adormecido, comprado no dia anterior à obrigação. Coloca-se o pão em pedaços no alguidar e joga o vinho por cima. Essa comida de axé foi inserida através do sincretismo existente no Tambor de Mina.

---

<sup>27</sup> Vasilha e prato feitos de barro, em que se coloca as comidas de axé e outras preparações ritualísticas, utilizada nas religiões afro-brasileiras.

O feijão fradinho ou feijão-de-corda (*Vigna unguiculata*) é uma leguminosa muito utilizada nas receitas de axé. Dentro da obrigação, significa o ferro e a matéria, o que equilibra e dá firmeza ao corpo. É cozido apenas com água e leva de quinze (15) a vinte (20) minutos para chegar ao ponto, chamado ferventado, em que o grão não fica muito mole e nem muito duro. Quando fica pronto, coloca-se no prato de barro.

Outro alimento de axé importante para a arriada é a paçoca de gergelim (*Sesamum indicum*), feita com o gergelim branco torrado no fogão e, quando começa a subir a fumaça, já está pronto a ser pilado junto com o açúcar<sup>28</sup> em um pilão de madeira, ficando com um aspecto de terra molhada. A paçoca serve como um elo, unindo todas as energias ao longo do ano.

O amendoim (*Arachis hypogaea*) descascado representa a energia carnal e a virilidade, a essência masculina e feminina, tendo ligação com Exu.

A Obrigação de Preto Velho não permite a entrada de animal morto ou com sangue dentro do terreiro. Entretanto, há a presença do peito de frango, uma carne branca e sem sangue, em que é retirado todas as suas impurezas (a pele), fervido em água sem sal e desfiado com as mãos, já que é proibido cortes nesse dia. O peito de frango traz a pureza da carne e, pela cor ser branca após o cozimento, se torna uma carne sagrada.

A última comida de axé que vai ao fogo é o quiabo (*Abelmoschus esculentus*) com dendê (*Elaeis guineenses*). É uma das comidas com a energia mais densa. Durante o preparo, o babalorixá passou mal, chegando a quase desmaiar. O quiabo deve ser cortado em pedaços iguais e refogados no azeite de dendê, mexendo o tempo todo para evitar que algumas partes queimam e outras ficam cruas. Do modo como é feito, o quiabo fica crocante, sem soltar a sua “baba”.

Tanto no dia da obrigação quanto na entrevista cedida no dia 21 de junho de 2018, não foram informadas a função do quiabo com dendê dentro das comidas de axé, nem da castanha-do-Pará ou castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*) e da castanha de caju, vinda do cajueiro (*Anacardium occidentale*).

A roupa usada na Obrigação de Preto Velho é a parte de cima (camisa) branca com a parte de baixo (calça ou saia) estampada, podendo usar também roupas coloridas, mas que não fosse preta, ou a roupa toda branca. As mulheres podiam usar vestido estampado com o lenço branco, vermelho ou estampado.

As comidas de axé foram postas em cima de uma esteira de palha coberta com um tecido branco, chamada de miançaba. Conforme a imagem abaixo, cada alguidar foi colocado

---

<sup>28</sup> É comum chamarem o açúcar de areia nas religiões de origem africana, o que pode confundir quem não conhece os costumes dessas religiões.

da seguinte forma: do lado esquerdo, de cima para baixo: furá, frango desfiado, quiabo com dendê, feijão fradinho, castanha-do-Pará, junça; do lado direito, de cima para baixo: manjar, pão com vinho, amendoim, paçoca de gergelim, castanha de caju. Ao meio, dois vinhos entre uma imagem representando Preto Velho.

Antes de iniciar a festa, todos devem tomar um banho de ervas para limpeza, feita com jardineira, manjericão, alfavaca. Um dos filhos de santo fez a defumação por toda a área do terreiro. A arriada começou às dezoito (18) horas, com as músicas litúrgicas entoando aos toques do tambor, do ferro e ao som das cabaças. Todos deveriam ficar descalços, sentados e sem cruzar os braços e as pernas, para não impedir o axé de passar pelo local.

Figura 4 – Bancada da Arriada de Preto Velho



Fonte: arquivo pessoal (2018)

No decorrer da obrigação, o Babalorixá senta-se em uma cadeira com tecido branco, entoando cânticos e chamando as pessoas até a esteira para se alimentarem, enquanto duas serventes ficam sentadas ou ajoelhadas para servirem as comidas de axé aos participantes. A ordem em que as pessoas eram chamadas obedecia a hierarquia da casa. As pessoas também tinham que estar ajoelhadas.

Além do furá, do manjar e do vinho ou água, todas as comidas de axé são entregues em pequenas quantidades, com o auxílio de uma colher, na mão de quem foi servido. Primeiro, entregou-se um pouco de furá em uma vasilha e, após isso, o manjar em uma outra vasilha.

Dando continuidade, foi servido a galinha desfiada, o quiabo com dendê, o feijão, a castanha-do-Pará, o pão com vinho, o amendoim, a castanha de caju, a paçoca de gergelim, a

junça e, por fim, dependendo da energia do participante, foi entregue um pouco de vinho a quem conseguia receber o axé mais intensamente, ou de água a quem não tinham forças espirituais o suficiente para aguentar a energia mais densa, recebendo o axé mais brando. É entregue um pano branco, a fim de limpar a boca e as mãos.

Por ser uma arriada em que todos devem ser servidos por alguém, quando todos haviam se alimentado, uma das filhas de santo da casa ficou no lugar das serventes, para que todas pudessem comer (Ver figura 5).

Figura 5 – Serventes da Casa e uma Filha de Santo Recebendo as Comidas de Axé



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Durante a obrigação, houveram três exceções na hora de servir as comidas de axé. A primeira se deu por uma senhora, mãe do Babalorixá, não conseguir se ajoelhar devido a idade avançada e, por isso, trouxeram uma cadeira para que ela pudesse ficar sentada enquanto a serviam. A segunda foi que um dos abatazeiros<sup>29</sup> da casa, sendo criança e neto do pai de santo, não se sentiu bem em comer todas as comidas dispostas, e não houve registro do que ele escolheu. A terceira foi que uma das filhas de santo estava no período menstrual e passou toda a obrigação sentada perto da porta do barracão, afastada de todos e sendo a última a ser servida, recebendo apenas o manjar, a paçoca de gergelím, a junça e a água, por o axé dessas comidas serem suaves e não fazerem mal a ela.

<sup>29</sup> Nome dado aos tocadores de abatá, tambor usado no Tambor de Mina.

Sobre a questão da criança, Seu Neto explicou que toda criança tem a espiritualidade mais fraca e a inocência dos erês<sup>30</sup> e, por ele ser uma criança que cresceu dentro do terreiro e tem conhecimento acerca da religião, os voduns o guiaram a escolher o que ele poderia consumir. A respeito da filha de santo menstruada, Pai Neto de Nanã falou que as mulheres ficam com “o corpo aberto” durante esse período, e que é perigoso para as mulheres frequentarem o terreiro nessa época.

Quando todos foram servidos, o Preto Velho, cujo o nome não foi dito durante a pesquisa, desceu na guma<sup>31</sup> por pouco tempo, onde todos os presentes foram pedir suas bênçãos. Após essa passagem, desceu o Seu Vaqueiro, entidade responsável pela casa, a fim de encerrar a obrigação. As serventes recolheram os alguidares e os levaram para o Quarto de Segredos, onde ficariam até serem despachados<sup>32</sup>. Todos se uniram em volta da maniçoba e a levantaram acima de suas cabeças, em que Seu Vaqueiro fez algumas orações e, por fim, dobrou a esteira e a guardou no peji, junto com as comidas de axé. A obrigação terminou por volta das vinte (20) horas.

Durante a ida para casa, um dos abatazeiros comentou sobre gostar quando Seu Aririzinho deixa comer mais um pouco após a festa. Questionado sobre isso, Neto de Nanã respondeu que a questão de repetir varia de entidade, já que Seu Vaqueiro não permite a repetição.

Depende da entidade. E, também, do filho. (...) Porque, cada comida daquela, ela corresponde a uma entidade. Então, o filho dessa entidade, ele necessita daquele alimento. Então, às vezes, ele diz assim: “me dá mais um pouquinho de paçoca.”, “não. Me dá mais, me dá uma castanha”. Então, depende muito dele, daquilo que ele *‘tá* ansiando. Porque, é como eu te falei, é a energia. Às vezes, (...) nós vamos *pras* obrigações, e nós vamos (...) desguarnecido de tudo. A gente vai com a alma limpa. Então, o que acontece é pelos voduns. (VER ANEXO C).

Essa é uma obrigação em que se come pouco. Mas o axé dessa obrigação é tão forte que, quem participa, não sente necessidade de comer mais ao longo da noite, com exceção de quem precisa de mais energia.

### 5.1.2 Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana – 25 e 26 de julho

O Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana é a maior obrigação feita no Terreiro de Mina Nanã Buruquê, sendo realizada no terreiro desde 2012, tendo duração de cinco dias e dividido

<sup>30</sup> Palavra em iorubá que significa “brincadeira”. Dentro das religiões afro-brasileiras, são espíritos infantis que trazem a pureza e a inocência de criança dentro dos terreiros.

<sup>31</sup> Expressão para quando uma entidade incorpora um médium dentro do barracão (guma).

<sup>32</sup> Ofertar a comida de axé na natureza, podendo ser em uma encruzilhada, mata, rio, etc.

em duas partes: a primeira, focada na parte religiosa, nos dias 25 e 26 de julho; a segunda, com atrações culturais, entre os dias 27 a 30 de julho, dependendo dos dias da semana em que cai os dias 25 e 26 de julho. O festejo realizado durante a pesquisa ocorreu entre os dias 25 a 29 de julho de 2018.

A obrigação de Sant’Ana, assim como a de Preto Velho, era feito desde o período da palhoça, contudo, só realizado no dia 26, dia de Nossa Senhora Sant’Ana e de Nanã Buruquê ou Vó Missan para as religiões afro-brasileiras. Com o crescimento de filhas e filhos de santo e a mudança para um local maior, surgiu a necessidade de fazer algo maior

Devido o terreiro ficar em um local longe e na zona rural de São José de Ribamar/MA, Souza decidiu transformar a obrigação em um festejo, onde pudesse levar programações culturais ao lugar e ter a participação de toda a comunidade. Ao longo dos dias de festa, iam ao terreiro grupos de bumba-meu-boi, cacuriá, dança portuguesa, bloco afro; além de shows ao vivo e *reggae roots*.

Para a realização do festejo, foi feito o pedido de autorização à Prefeitura de São José de Ribamar/MA, à Polícia Civil da cidade, ao 10º Batalhão de Bombeiros Militar do Estado do Maranhão e foi feito um abaixo assinado pelos filhos da casa e assinado por moradores da região e por filhos da casa, que autorizaram a festa.

Por a monografia ser focada na parte religiosa, será falado apenas dos dias 25 e 26 de julho, sem focar nos dias culturais.

A organização do terreiro começou dias antes, com a pintura e podagem das árvores e plantas, limpeza e nivelamento do terreno, manutenção do barracão, dos santos e compras necessárias para os cinco dias de festejo, principalmente a compra do porco, que seria sacrificado à Nanã Buruquê. Nesse período, foi fabricado o fio de contas da pesquisadora.

No dia 25 de julho, houve as últimas partes da organização, colocando as bandeirinhas de TNT<sup>33</sup> nas cores branco e azul para enfeitar o teto do barracão, enfeitando o altar dos santos e cortando os panos que seriam usados na cabeça pelas filhas de santo (ver figura 6).

---

<sup>33</sup> Sigla para “Tecido Não Tecido”, por se assemelhar a um tecido, mas ser feita de polipropileno após passar por altas temperaturas.

Figura 6 – Organização do Barracão.



Fonte: arquivo pessoal (2018).

Nessa obrigação, são preparadas tanto as comidas de axé quanto as comidas comuns, feitas para alimentar a todos os participantes da festa, seja filhos da casa, visitantes e/ou brincantes. Para elaborar as comidas comuns, foi contratado um rapaz para ficar na cozinha durante os cinco dias de festejo.

O primeiro dia do festejo, 25 de julho, é dedicado ao Divino Espírito Santo, onde as cores são o azul e o branco. Um dia totalmente voltado à paz, já que um dos arquétipos do Divino é a pomba branca, simbolizando a paz. A obrigação, prevista a começar ao meio-dia, começou às quatorze (14) horas com a Salva de Caixas do Divino Espírito Santo<sup>34</sup> com caixeiras<sup>35</sup> convidadas de outra casa, finalizando em torno das dezessete (17) horas. Às dezoito (18) horas, iniciou-se a reza ao Divino e ao fim da obrigação, as caixeiras deixaram suas caixas aos pés do altar, em cima de uma esteira de palha.

Souza (2018) explicou que a obrigação do dia 25 de julho é em honra ao Divino Espírito Santo e voltado a Oxalá, um dos orixás mais velhos e criador dos homens, cuja cor é o branco, representando a pureza e a paz. A casa não poderia ter nenhum tipo de animal, de corte e nem carne vermelha. Devido a isso, Seu Neto pediu que um de seus vizinhos mantivesse os porcos compados para o dia 26, trazendo-os para o terreiro ao final do dia.

<sup>34</sup> Como explica Ferretti (2007, p. 114), “as caixas do Divino são tambores semelhantes aos usados pelos soldados nas paradas militares. São instrumentos membranofônicos confeccionados em metal cilíndrico, com cerca de 70 cm de altura por 50 de diâmetro e couro nas duas bocas, afinados por cordas laterais. São tocadas com duas varetas de madeira. São pintadas de vermelho e branco ou de azul e branco. Nos deslocamentos, ficam suspensas ao ombro das caixeiras por tiras de pano. São batizadas, possuem padrinhos e recebem nomes especiais”.

<sup>35</sup> Conhecidas por Caixeiras do Divino, são, em grande parte, mulheres idosas que tocam caixa em honra ao Divino Espírito Santo.

A comida de axé preparada para o dia foi composta por alimentos brancos, sendo o peixe frito, junto com o arroz de vinagreira, salada branca feita com repolho cortado em tiras finas, feijão fradinho e creme de macaxeira, servidos durante o almoço a todos os participantes. As comidas foram postas em uma mesa de madeira coberta com uma toalha de mesa branca. Ao centro da mesa, havia a imagem de Nossa Senhora Sant'Ana entre uma garrafa de vinho e um pão italiano, de frente à uma vela branca. As pessoas poderiam se servir à vontade.

A pesquisadora não participou da feitura de nenhum dos alimentos de axé citados acima, pois o Pai Neto de Nanã avisou que se tratava de comida votiva somente no fim do almoço. Por isso, não há explicações aprofundadas e nem fotografias das comidas.

Antes do festejo começar, foi feito a compra de dois porcos no IFMA, Instituto Federal Maranhão, do Maracanã, bairro da zona rural de São Luís/MA e um dos mais antigos da capital maranhense. Seu Neto comentou sobre comprar apenas um porco com cerca de 150 Kg, pois, além de fazer o sacrifício do animal para Nanã Buruquê e preparar a comida de axé, boa parte da carne é usada para preparar a comida que será servida durante o festejo a quem participar. A compra de dois porcos, com cerca de 100 Kg cada, ocorreu pois apenas um porco não supriria a necessidade de alimentar todos os participantes.

O sacrifício dos porcos aconteceu pela madrugada, em torno das três horas. Edite (2019) informou que o sacrifício é feito pelo Babalorixá e por dois homens que foram contratados para auxiliarem o Pai de Santo, sendo conhecidos por ajudarem as entidades nessa questão. Eles participam do ritual, limpam o ambiente e vão embora. A pesquisadora não conseguiu participar do momento e nem foi dado mais detalhes acerca de como é feito a cerimônia de sacrifício.

O sacrifício de animais dentro das religiões afro-brasileiras causam polêmicas, principalmente entre pessoas que atuam na defesas dos animais. O sangue dos animais sacrificados são ofertados aos deuses como forma de doar e receber axé, e não é uma comida exclusiva das divindades, pois o povo de axé também come. Lody (1998, p. 92) diz que:

Os animais sacrificados com os rigores pertinentes às práticas mais secretas, são cercados de preceitos, tornando-se o clímax do contato entre o adepto e a divindade. É por meio do alimento, sangue, fonte de vida, símbolo da força renovadora elementar às funções dinâmicas da divindade, que a celebração da fé ocorre.

Diferente do que se acredita, os animais ofertados, seja de duas ou quatro patas, não são maltratados, e há um fundamento religioso por trás disso. O Rio Grande do Sul possui a Lei Estadual nº 12.131, de 22 de julho de 2004, em que informa sobre o sacrifício de animais dentro dos cultos das religiões afro-brasileiras não ser considerado como maus tratos. Após vários anos

de tentativas em considerar a Lei como inconstitucional, o Supremo Tribunal Federal decidiu, por unanimidade, que a Lei nº 12.131 é de caráter constitucional e está nos âmbitos da liberdade religiosa. Uma vitória do povo de axé, que ainda recebe ataques e denúncias caluniosas a respeito de suas tradições por intolerantes religiosos.

A comida de axé do dia 26 de julho é o sarrabulho ou sarapatel, dedicado a Nanã Buruquê. Os filhos da casa ajudaram com o preparo cortando os temperos, como cebola, tomate, alho, etc. Mas quem cozinhava era o Pai Neto, por ser uma comida de axé com energia densa. A preparação aconteceu pela manhã, após cortar a carne, tirar as impurezas e fazer a separação do que seria usado na obrigação e o que ficaria para ser cozinhado aos demais.

Figura 7 – O Sarrabulho de Nanã Buruquê



Fonte: arquivo pessoal (2018).

Assim como a obrigação do dia anterior, o sarrabulho foi servido no horário do almoço, para ser consumido junto com os demais alimentos. Muitos filhos da casa preferem não comer a comida de axé ou colocar uma pequena porção no prato, porque costumam passar mal após ingerirem o alimento sagrado.

Em todas as obrigações que há a comida de axé, as filhas e filhos de santo não são obrigados a comerem, pois sua própria energia determina se a força do alimento fará bem ou não, como observado na Obrigação de Preto Velho. Além disso, notou-se que as comidas de

axé feitas no Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana não são servidas durante os rituais, como ocorreu na primeira obrigação participada, servidos durante o almoço e que todos poderiam se servir à vontade.

Pela tarde, foi montado uma mesa dentro do barracão com bolos nas cores azul e branco, docinhos com açúcar granulado azul, rosas e, como lembrança da festa, um copo personalizado contendo a imagem de Sant’Ana e sua oração.

Figura 8 – Mesa de Nossa Senhora Sant’Ana



Fonte: arquivo pessoal (2018).

Por fim, a obrigação do dia 26 de julho, que iniciaria com uma Ladainha para Nossa Senhora Sant’Ana e prevista para às 17 horas, deu início por volta das 18:30h, pois Seu Aririzinho explicou que, quando uma obrigação atrasa, não pode começar às 18 horas, por não ser um bom horário. A ladainha começou com a oração do Pai Nosso, Ave-Maria e a Salve Rainha, seguindo para os cânticos e o toque do tambor pelos abatazeiros.

Nesse dia, muitas pessoas de outros terreiros de mina estiveram presentes na obrigação. Os médiuns de incorporação receberam suas entidades e dançaram junto com as da casa. Devido o barracão ser pequeno, muitas pessoas acompanharam a obrigação pelo lado de fora, sentados nas cadeiras espalhadas pela área do terreiro.

Ao final do Tambor para Sant’Ana, por volta das vinte horas, foi cortado bolo, distribuído aos presentes junto com a lembrança da festa, além do jantar preparado pelo terreiro e servido em uma marmita com carne de porco, arroz, feijão e macarrão. Essa comida não é considerada de axé e a questão da marmita se deve pelo fato de ser mais prático de distribuir entre os participantes, a fim de evitar o tumulto e, quem quisesse, levar o jantar para casa.

## 5.2 Obrigações sem comida de axé

Como foi dito anteriormente, foi observado que nem todas as obrigações era preparadas comidas de axé, mas que isso não afetava a sua importância. As duas festas participadas com essa característica foram a Festa de Pombagira Cigana, no dia 26 de agosto de 2018, e a Obrigação de São Cosme e São Damião, ocorrida no dia 27 de setembro de 2018.

### 5.2.1 Festa de Pombagira Cigana – 26 de agosto

Diferente das outras obrigações participadas, o Aniversário de Pombagira Cigana é uma obrigação particular, onde todos devem pedir permissão para a pombagira dias antes da festa. A pesquisadora foi ao terreiro em dia de atendimento para conversar com a entidade e pedir a autorização que, após consultar o baralho Petit Lenormand<sup>36</sup> e ver o resultado, deu o aval positivo.

Além de ser proibido a entrada de pessoas não convidadas, não é permitido a presença de crianças, pois a Dona Cigana é uma entidade com energia muito densa, o que poderia causar mal a elas. Entretanto, apenas o neto do babalorixá, por ser um dos abatazeiros, ter preparação espiritual e a proteção dela, pôde participar.

As cores da obrigação foram o vermelho e o preto, por serem as cores da linha de Exu<sup>37</sup>. As mulheres deveriam usar camisa preta e saia e turbante vermelho, sendo permitido o uso de vestido nessas cores. Já os homens deveriam trajar camisa vermelha e calça preta. Esse é o único dia do ano em que é permitido a presença da cor preta dentro do barracão. Como informado anteriormente, a obrigação ocorre nesse dia por ser a data em que Dona Cigana desceu no Pai Neto de Nanã pela primeira vez.

---

<sup>36</sup> Oráculo composto por 36 cartas ou lâminas, conhecido por “Baralho Cigano”.

<sup>37</sup> Na umbanda e quimbanda, a pombagira equivale ao lado masculino de exu, espíritos guardiões evoluídos que já viveram na Terra. Esses exus são chamados de catiços e não devem ser confundidos com o Orixá Exu. As pombagiras são conhecidas por trabalharem na parte do amor.

O barracão foi decorado com balões preto e vermelho. A mesa organizada com a toalha escarlate, três bolos da mesma cor, arranjos e buquês com rosas vermelhas e, como lembrança da festa, uma caixinha de acrílico com dois dados carmesins, um dos símbolos da pombagira.

Como bebida, havia garrafas de sidra e espumante, erroneamente chamadas de champanhe, pois só pode ser considerada champanhe o espumante produzido na região de Champagne na França, e a sidra é uma bebida feita a partir da fermentação da maçã e, o espumante, um vinho com presença de gás carbônico causado pela fermentação das uvas.

Figura 9 – A Mesa da Obrigação de Pombagira Cigana



Fonte: arquivo pessoal (2018).

A obrigação começou por volta das dezoito (18) horas, com a entidade descendo à guma e iniciando os cânticos e a dança. Em determinado momento, Dona Cigana pegou os buquês de rosas vermelhas e, enquanto dançava, entregava uma rosa a alguns filhos e filhas da casa. Um dos filhos que estava ao lado da pesquisadora informou que, quem tivesse recebido a rosa, deveria ser o responsável por organizar o aniversário da Pombagira no próximo ano. Perto de completar uma hora de festa, já com todas as rosas distribuídas, Dona Cigana foi até a mesa, cortou o bolo e partiu, dando lugar ao Seu Aririzinho, farrista da casa.

Em uma das visitas ao terreiro, Seu Aririzinho falou a respeito de, sempre que a Dona Cigana desce em Seu Neto, ele ou Seu Vaqueiro devem vir depois, por causa de sua

energia ser muito densa e, se ficasse por muito tempo, o babalorixá acabava passando mal e, dependendo da gravidade, vomitar sangue.

Dando continuidade, foi distribuído pedaços bolo e bebidas aos participantes, sendo servido primeiro a sidra e, depois, o espumante prosecco. Por ver que nem todos receberam as rosas de Dona Cigana, Seu Aririzinho pegou as flores artificiais e as entregou aos demais, inclusive para a pesquisadora. Encerrando a obrigação, por volta das vinte (20) horas, todos receberam uma lembrancinha da festa, com os dados vermelhos.

### 5.2.2 Obrigação de São Cosme e Damião – 27 de setembro

A última obrigação ocorrida no período da pesquisa *in loco* foi a Obrigação de São Cosme e São Damião, realizada em 27 de outubro de 2018 voltada para os erês e os Ibejis. Há certa confusão sobre os erês e os Ibejis por quem não conhece as religiões afro-brasileiras.

Os erês são espíritos de luz infantis, que já viveram na Terra ou não, que trabalham na linha de direita e com a pureza e inocência de uma criança. Gostam de comidas e bebidas doces, comendo bolos, biscoitos, balas e tomando refrigerante. Os Ibejis são Orixás crianças e irmãos gêmeos, sendo filhos de Xangô e Iansã ou Oxum, dependendo do mito.

Os Ibejis são sincretizados com São Cosme e São Damião, santos católicos gêmeos, que trabalham na parte da cura e, segundo o mito, davam doces às crianças que atendiam, sendo um dos motivos de entregarem doces no dia 27 de setembro, dia dos santos e dos orixás.

Antes do dia 27, a preparação para a festa começou com a compra de balas, chicletes, pirulitos, pipocas doce, refrigerantes e geladinho. Uma das filhas da casa fez, como forma de agradecimento, lembrancinhas com folhas de EVA<sup>38</sup> verde e vermelho e encomendou um bolo com a imagem dos santos.

A organização do terreiro começou cedo, com as filhas e os filhos limpando o barracão e pessoas convidadas por alguns dos filhos a colocarem os doces em saquinhos que seriam entregues às crianças. Foi montado a mesa com toalha branca e verde, o bolo no centro envolto das lembrancinhas, balas, a imagem de São Cosme e São Damião com uma vela mourão<sup>39</sup> branca acesa na frente da imagem. A vela, nessa obrigação, estava na responsabilidade de uma mulher como forma de “firma o pé no santo”, ou seja, ter a proteção e uma ligação mais fortes com os santos.

<sup>38</sup> Sigla para Acetato-vinilo de etileno ou etileno acetato de vinila, uma espuma sintética utilizada em artesanato.

<sup>39</sup> Vela com cerca de 760g, usada em altares para “firmar” alguém em alguma divindade ou entidade.

Ao contrário das outras obrigações participadas, a do dia 27 de setembro não era necessário usar uma roupa padrão e com cores dos santos, verde e vermelho. Todavia, as pessoas tinham que respeitar o local, evitando roupas curtas e escuras.

A obrigação deu início ao meio-dia, horário em que o caboclo Pequenino, entidade que já viveu na Terra e faleceu com cerca de três anos, conforme o relato das filhas de santo, costuma descer em Seu Neto. Por ser uma entidade infantil, chora bastante e fica muito triste por não ver tantas crianças no barracão para brincarem com ele. Uma das serventes entrega dois caminhões de brinquedo como presente e as demais filhas de santo conversam com ele e o entrega balas e refrigerante, a fim de fazê-lo se acalmar.

Com mais interação entre os participantes, o caboclo vai até a mesa, canta-se os parabéns a ele, corta-se o bolo e ele entrega o primeiro pedaço para a filha de santo que encomendou o bolo.

Figura 10 – Mesa de São Cosme e São Damião, Junto com o Caboclo Pequenino e Uma das Filhas de Santo do Terreiro



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Pela obrigação começar ao meio-dia, horário em que as crianças saem da escola, alguns filhos foram às ruas convidando as crianças a irem ao terreiro receberem os doces de São Cosme e Damião. Algumas crianças ficaram com medo de entrar no barracão, mas logo se acalmaram e o caboclo Pequenino entregou os doces e a pipoca a todos. Ao saírem, eram entregues um pedaço de bolo, um copo de refrigerante e, caso quisessem, um geladinho.

Algumas crianças iam em casa e voltavam com outra roupa, como forma de ganharem mais doces. Mesmo sabendo que elas já tinham recebido, eram entregues mais, pois essa festa é voltada às crianças, e elas fazem tudo na inocência.

Antes do caboclo Pequenino partir, perguntaram se a obrigação do próximo ano poderia começar às dezesseis (16) horas, porque poderiam organizar uma festa maior e com muito mais crianças, o que foi aceito pelo caboclo.

Seu Aririzinho desceu no babalorixá perto das treze (13) horas, e explicou que aquela obrigação era feita em honra aos Ibejis e aos erês, e que marcava a passagem do caboclo Pequenino, que acontecia apenas naquela data. A festa representa o lado doce e inocente da casa, mas que traz, também, a travessura, pois cada criança é travessa, mesmo em sua inocência. É uma obrigação para pensarmos na maturidade de adultos, mas sem deixar o lado infantil morrer. Por ser celebrado os gêmeos, traz essas dualidades: pureza e travessura, maturidade e inocência, já que todos um dia já foram crianças.

Por fim, Seu Aririzinho continuou a entregar os doces aos participantes e, em determinado momento, informou que não seria mais entregue os doces no terreiro, pois o que sobrou seria entregue a um dos filhos da casa que, por questões financeiras, não conseguiu comprar os doces e distribuir pelos bairros carentes de São Luís como pagamento de promessa.

A obrigação terminou por volta das quatorze (14) horas, sendo a última obrigação feita pelo Terreiro de Mina Nanã Buruquê, antes do falecimento do Pai Neto de Nanã, em 21 de outubro de 2018.

## 6 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Esta parte abordará acerca do que foi observado durante a pesquisa no Terreiro de Mina Nanã Buruquê, feita de 13 de maio a 27 de setembro de 2018, tendo como base a literatura utilizada para compor essa monografia.

Na entrevista ocorrida no dia 21 de junho de 2018, Souza (2018) falou que o terreiro em seu comando era de Mina Jeje-Nagô, tendo a influência das duas nações das casas de mina principais: A Casa das Minas e a Casa de Nagô (FERRETTI, M., 2000, p. 16).

O Terreiro de Mina Nanã Buruquê possui estrutura simples, com seu barracão construído com madeira sendo seu alicerce, as paredes do barracão e do quarto de segredos erguidas de barro e o telhado de fibrocimento, uma das telhas mais baratas que tem no mercado. Conforme Souza (2018) e Edite (2019), fora construída desse modo, pois era o desejo das entidades da casa. Ferretti, M. (1985, p. 24) comenta sobre as casas de mina seguirem o modelo simples, presente nas Casa das Minas e na Casa de Nagô.

Questionada acerca das iniciações feitas na casa, Edite (2019) informou que o babalorixá nunca realizou uma iniciação, que as filhas e filhos de santo do Pai Neto de Nanã apareceram, geralmente, da mesma forma: estavam adoentados e foram ao terreiro a procura de cura. Após serem curados, acabavam ficando por se apegarem ao local e para desenvolverem sua espiritualidade, porque a maioria das doenças tinham cunho espiritual.

Esse foi um problema enfrentado pela pesquisadora que, pelo fato de ter uma guia fabricada a mando de Seu Vaqueiro e tendo participado de outros momentos da casa sem ligação com as obrigações pesquisadas; após o falecimento de Seu Neto, o pessoal do Nanã Buruquê ficou sem saber se ela poderia ser considerada uma filha da casa ou não. Ferretti, M. (2000, p. 27) comenta sobre como o pesquisador, principalmente quando o objeto de estudo é a religião afro-brasileira, se envolve com o local, porque muita coisa comentada acerca da religião só é dita a quem já tem envolvimento com as pessoas do lugar.

De acordo com Edite (2019), o babalorixá não conversava com os filhos sobre as histórias da religião de maneira a reunir todos os filhos da casa em um momento e transmitir suas vivências e a de seus antepassados. O conhecimento era prático, onde no instante em que o pai de santo ensinava como fazer, explicava o motivo de ser feito. O que Lody (1987, p. 24) confirma em dizer que “a transmissão dos conhecimentos é oral e acompanhada da prática, vivenciando-se todas as etapas de cada atividade”.

Souza (2018) explicou que busca manter as tradições em suas obrigações, fazendo de modo que lhe foi ensinado por seus antepassados através da oralidade. Ferretti, S. (2011)

comenta que, dentro das obrigações, os ritos têm mais significado do que os mitos, já que não são discutidas. Há a discordância desse pensamento, já que os ritos são praticados conforme manda os mitos. Não se prepara um acarajé para Iansã com abóbora em sua composição, já que a abóbora é uma quizila desse orixá. Não se veste preto em uma obrigação de Oxalá, se o mito diz que a cor pertencente a ele é o branco. Os mitos foram passados através da oralidade, e Augras (1983, p. 69) diz que “sem o ritmo nem a presença da comunidade viva, o Verbo torna-se lenda. Lenda quer dizer, etimologicamente, ‘aquilo que deve ser lido’, não mais proferido”. Quanto mais o rito obedece ao mito, mais o mito é fortalecido.

Durante a pesquisa, foi observado que nem todas as obrigações possuem comida de axé, porém, há a presença de comida e bebidas, como forma de celebrar a passagem dos caboclos em suas festas.

A comida de axé da obrigação de Preto Velho é voltada para a cura física e espiritual, compostas por comidas ligadas ao elemento terra (grãos, raízes). Não foi encontrado, na literatura utilizada na monografia, esses alimentos como obrigatórios dos Pretos Velhos.

Na obrigação voltada ao Divino Espírito Santo e a Oxalá, as comidas de axé são de procedência branca, respeitando o mito do orixá. Já a voltada para Nanã Buruquê ou Vó Missan, o alimento votivo foi o sarrabulho, feito com os miúdos dos porcos sacrificados. Sobre os sacrifícios de animais, Lody (1998, p. 92) fala que:

Os animais sacrificados com os rigores pertinentes às práticas mais secretas, são cercados de preceitos, tornando-se o clímax do contato entre o adepto e a divindade. É por meio do alimento, sangue, fonte de vida, símbolo da força renovadora elementar às funções dinâmicas da divindade, que a celebração da fé ocorre (...).

Por não ser uma obrigação realizada em todos os terreiros, não será analisada a Festa de Pombagira Cigana. Entretanto, Souza (2018) informou que o Tambor de Mina não trabalha com a linha de esquerda, considerada a do povo de rua, os exus e pombagiras. Indagada sobre a Dona Cigana fazer parte do panteão do terreiro mesmo sendo uma exu, Edite (2019) disse que essa questão era pessoal do Seu Neto e que a mina, por influência da umbanda, também trabalha com essa linha. Essas entidades são consideradas com energias pesadas.

A Obrigação de São Cosme e São Damião é uma das mais comuns nos terreiros afro-brasileiros. É uma obrigação que não é preparado comida de axé, mas que contém bolo, doces e refrigerantes, característicos dessa obrigação. Lody (1998, p. 104) fala que a comida de axé voltada a essa obrigação é o caruru, porém voltada aos terreiros de candomblé.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia se propôs a pesquisar quais as comidas de axé eram preparadas no Terreiro de Mina Nanã Buruquê em suas obrigações. O período da pesquisa *in loco* ocorreu de 13 de maio a 27 de setembro de 2018, e teve a interrupção pelo falecimento do Pai Neto de Nanã, líder espiritual do terreiro. A pesquisa baseou-se em dados bibliografia já publicada, no relato oral e na observação do local.

A primeira questão levantada que é importante dentro da cultura africana é a tradição oral, que possui o mesmo grau de importância que a transmissão escrita. A pesquisadora perdeu muito tempo procurando na literatura questões acerca do que era observado e dito, pois acreditava que, para cada nova informação a respeito do terreiro pesquisado e das obrigações, deveria ter uma autora ou ator como fundamento teórico. Sendo que todas as questões acerca do terreiro poderiam ser respondidas através de perguntas direcionadas ao babalorixá, apenas filtrando o que poderia ser ou não colocado na monografia.

O estudo do Tambor de Mina é essencial, pois faz parte da cultura maranhense e para divulgar a religião que, mesmo sendo antiga, poucas pessoas fora do Estado e que não são mineiros conhecem, associando as religiões afro-brasileira somente ao Candomblé e a Umbanda.

Além disso, foi verificado que a comida está presente em todas as obrigações, sendo considerada comida de axé ou não. Durante a Obrigação de Preto Velho, Seu Neto informou que a paçoca de gergelim, um dos alimentos votivos da festa, poderia sair do âmbito do terreiro e ser comercializada, assim como aconteceu com o acarajé e a feijoada. Mesmo com grande estudo sobre o Tambor de Mina, não foi encontrado, durante o período da pesquisa, trabalhos focados nas comidas de axé da referida religião. O que já fica de sugestão para pesquisas futuras, principalmente aos pesquisadores de Hotelaria, por terem uma linha de pesquisa voltada para a cultura e gastronomia maranhense.

Foi verificado que nem todas as obrigações possuem comidas de axé, e não há uma resposta sobre essa ser uma particularidade da casa ou não. Com a pesquisas em outros terreiros e um mapeamento dos alimentos de axé preparados nas casas de mina daria para responder essa questão, transformando-se em atividade turística de São Luís e região, como é desejado pelos cursos de Hotelaria e Turismo da UFMA.

Mesmo com o desejo citado acima, ainda há o preconceito por parte dos professores dos referidos cursos acerca do tema. Isso foi verificado durante essa monografia na dificuldade em encontrar professores dispostos a participarem da banca, mesmo com os que atuam na área

da gastronomia, apenas por ser focado em religião de matriz africana. O pesquisador deve desprender-se de suas crenças em nome da ciência, pois ela não admite a visão racista e preconceituosa e, dependendo da crença limitante, interferir no objeto de estudo.

## REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**: Coleção Pesquisa Qualitativa. Artmed Editora S.A. Porto Alegre, 2009.
- AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose**: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.
- BÂ, Amadou Hampanté. A tradição viva. In: **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em <[https://www.academia.edu/11947117/HISTÓRIA\\_GERAL\\_DA\\_ÁFRICA\\_I](https://www.academia.edu/11947117/HISTÓRIA_GERAL_DA_ÁFRICA_I)>. Acesso em 17 nov. 2019
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. Contribuição a Uma Sociologia das Interpretações de Civilizações. Editora Livraria Pioneira. São Paulo, SP. 1985.
- BATISTA, Milena Xibile. **Angola, Jeje e Ketu**: Memórias e identidades em casas e nações de candomblé na Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). UFES, Vitória – ES, 2014.
- BRAUNE, R.; FRANCO, S. **O que é Gastronomia**. São Paulo (SP): Brasiliense, 2007. (Primeiros passos, 322).
- CERVO, Amado Luis; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- Edite. **Edite**: depoimento [maio 2019]. Entrevistadora: Raquel Soares Feu de Carvalho. São Luís: UFMA, 2018. Entrevista IV concedida à Monografia sobre Comida de Axé do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.
- FERRETTI, Mundicarmo. **De segunda a Domingo, etnografia de um mercado coberto. Mina, uma religião de origem africana**. SIOGE, São Luís, 1985. 64 p.
- \_\_\_\_\_. **Desceu na Guma**: O caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti. EDUFMA. São Luís, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Tambor de Mina e Umbanda**: O culto aos caboclos no Maranhão. O Triângulo Sagrado. N.º 39, Rio Grande do Sul, p. 41 a 96, 1997.
- FERRETTI, Sergio Figueiredo. Comida ritual em festas de Tambor de Mina no Maranhão (Ritual food in Maranhão's Tambor De Mina festivities) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2011v9n21p242. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da**

**Religião**, v. 8, n. 21, p. 242-267, 4 jul. 2011. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2092>>. Acesso em 26 mar. 2018

\_\_\_\_\_. Estórias da Casa Grande das Minas JEJE. **Folheto Casa das Minas, Querebentã de Zomadonu**. São Luís: IPHAN, 2008, p 15-24. Disponível em <<https://repositorio.ufma.br/jspui/handle/1/294>>. Acesso em 30 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Repensando o Sincretismo**: Estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: Edusp; São Luís: FAPEMA, 1995.

\_\_\_\_\_. Sincretismo e religião na festa do Dinivo; **Revista Antropológicas**. Ano 11, n. 2, v. 18, p 105-122. 2007. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3128417>>. Acesso em 27 set. 2019.

FILHO, Eudaldo Francisco dos Santos; ALVES, Janaína Bastos. A Tradição Oral Para Povos Africanos e Afrobrasileiros: Relevância da Palavra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, p. 50-76, dez. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/464>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. Editora Atlas. São Paulo, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado**: nações bantu, iorubá e fon. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

LODY, Raul. **Candomblé – Religião e resistência cultural**. São Paulo. Editora ática S.A. 1987

NADALINI, Ana Paula. **Comida de Santo na cozinha dos homens**: um estudo da ponte entre alimentação e religião, UFPR, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **Candomblés de São Paulo**. A velha magia da metrópole nova. São Paulo: Hucitec/Edusp 1991. 262p.

PREVITALLI, Ivete Miranda. Tradição Oral e Novos Mecanismos de Aprendizado nos Terreiros de Candomblé. In **Anais III CONINTER**. Salvador – BA, n.3, v.3, p.70-84, 2014.

RAMOS, Arthur. **As culturas negras no Novo Mundo: o negro brasileiro – III**. Ed. Nacional, 1946. Disponível em <<http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/335>>. Acesso em 30 nov. 2019.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma Africana no Brasil: Os iorubás**. Editora Oduduwa, São Paulo – SP. 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Álvaro José dos Santos. **Álvaro José dos Santos Souza: depoimento** [maio 2018]. Entrevistadora: Raquel Soares Feu de Carvalho. São Luís: UFMA, 2018. Entrevista I concedida à Monografia sobre Comida de Axé do Terreiro de Mina Nanã Buruquê

\_\_\_\_\_. **Álvaro José dos Santos Souza: depoimento** [jul. 2018]. Entrevistadora: Raquel Soares Feu de Carvalho. São Luís: UFMA, 2018. Entrevista III concedida à Monografia sobre Comida de Axé do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.

\_\_\_\_\_. **Álvaro José dos Santos Souza: depoimento** [jun. 2018]. Entrevistadora: Raquel Soares Feu de Carvalho. São Luís: UFMA, 2018. Entrevista II concedida à Monografia sobre Comida de Axé do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em <[https://www.academia.edu/11947117/HISTÓRIA\\_GERAL\\_DA\\_ÁFRICA\\_I](https://www.academia.edu/11947117/HISTÓRIA_GERAL_DA_ÁFRICA_I)>. Acesso em 17 nov. 2019

VASCONCELOS, Sérgio Douets; LIMA, Claudia Rocha. A cultura Iorubá e a sua influência na construção das religiões de matriz africana no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 29, n. 2. p.179-193. 2015. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6100>>. Acesso em 13 jul. 2019.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções**. Rio de Janeiro: Garomond, 1958.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: as Religiões no Mundo**. Editora Vozes. Petrópolis, 1989.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**Departamento de Turismo e Hotelaria - DETUH**  
**Curso de Bacharelado em Hotelaria**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG. Nº \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa intitulada “COMIDA DE AXÉ: etnografia do Terreiro de Mina Nanã Buruquê.”, desenvolvida pela acadêmica/pesquisadora **Raquel Soares Feu de Carvalho** e permitindo que obtenha dados, fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica. Tenho conhecimento sobre a pesquisa e seus procedimentos metodológicos.

Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicadas em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não deve ser identificado pelo nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, os dados, as filmagens e gravações de voz ficarão sob propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

São Luís. \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Nome completo do pesquisado

**APÊNDICE B** – Entrevista Aberta Realizada com Álvaro José dos Santos Souza no dia 13 de maio de 2019 – Obrigação de Preto Velho

**Babalorixá:** Nesta casa, neste terreiro, nada vem pra ela sem um significado ou objetivo. E isso faz com que, a cada dia mais, esse trabalho se fortaleça. Ninguém escolhe do nada. Quando se tem uma missão como essa, é porque você foi escolhida pelos deuses, sabe? E isso é uma forma deles transmitirem seus conhecimentos. São pessoas iguais a você que fazem isso, tá? Então, você... não foi do nada. Em outro universo ou em outra encarnação, você teria – e tem – a sua origem. Então, é por isso que esse tema te despertou, é isso que esse tema fez com que você se interessasse. Nós, de religião de matriz africana, ela, ao mesmo tempo em que é humilde, ela é exigente, porque ela exige que você faça as coisas corretas e, quando você vem pro terreiro nessa sua missão, é mais um motivo que nós dizemos e afirmamos que é fazer a coisa correta. A comida dos ancestrais, as comidas dos nossos ancestrais, ela tem uma energia tão grande que, quando você, da preparação, quando você começa a fazer a preparação dela, você começa já a receber o axé, a energia. Quando você começa a formar toda essa bancada, essa alimentação, a comida de santo, você se transforma em um grande gigante de força e de luz. Cada comida, ela representa um elemento, ela representa uma força. Vou te dar um exemplo. Na nossa casa, desde quando começamos a arriar a obrigação, a afirmar essa obrigação, um dos elementos principais da casa, para essa obrigação, a força dos Pretos Velhos, mas, principalmente, a junça. A junça é o nascimento, a junça é a comida da terra, são sementes que têm grande força espiritual, grande energia para o espírito. Então, a junça, ela é uma semente milenar que quase já não se vê.

**Pesquisadora:** é essa que ‘tá na...

**Babalorixá:** É alguidar, a que ‘tá no alguidar. E, aí, a junça, ela tem toda uma preparação. Você busca *ela*, hoje é muito difícil encontrar, quase não se acha. A junça, ela tem um período que ela dá. A aparição dela no mercado, hoje em dia, no comércio, ela se dá no mês abril e maio. Às vezes, não chega nem no meado de junho, e ela não tem mais. Por várias questões: o plantio, os agricultores pararam de plantar porque ela não tinha tanta comercialização, ela não tem tanta; e, a outra, é que ela tem um curto período de dar, o tempo que ela fica boa. Então, não tem tanto valor comercial, ela tem mais um valor espiritual, é uma raiz sagrada, certo? *Pra* nós. Então, a junça é onde começa toda a nossa força *pras* demais, os demais alimentos. Cada alimento desse (utilizado na obrigação), ele representa uma entidade e fortalece uma parte da nossa matéria e, também, o espírito. A junça, eu te falo, dentro dessa obrigação da gente, ela é o fio da meada,

ela é a raiz *da* onde começa tudo. É ela que, de verdade, nos dá muita energia espiritual. Eu digo que ela é encantada.

**Pesquisadora:** Por quê?

**Babalorixá:** Porque muita gente não vê *ela*, não conhece, porque ela era, principalmente, usada pelos nossos ancestrais, né? Então, ela ficou muito mais retida para o povo de terreiro, para o povo de santo, entendeu? Porque muita gente não tem o conhecimento dela. Então, ela é, *pra* nós, uma raiz sagrada, 'tá? E tudo começa por ela. O quiabo com dendê. O dendê é o *asé* da casa, ele traz uma parte pra Exu, mas traz, também, a força do quiabo, que também é pra Exu. Essa comida, dentro da bancada, ela vem tirando as tuas mazelas. Dentro da bancada, ela serve para tirar as impurezas do teu corpo. É a comida do Orixá. É a comida do Caboclo e do Vodum. Então, o dendê, ele 'tá em, praticamente, todas as obrigações por causa de Exu, né? Então, o quiabo com dendê, ele tem essa força dentro dessa obrigação, dentro dessa comida, de expelir as impurezas do corpo, 'tá? Tudo começa pela junça. É ela que vai te dar o norte pra fazer a obrigação, como deve ser. Porque é assim: a obrigação é a mesma, mas, cada ano, ela tem um formato diferenciado. São sempre as mesmas coisas, mas ela se dá um formato diferenciado, porque, a cada ano, as forças são renovadas, né? Então ela vem com sua própria força, com seu próprio axé, essa obrigação. Os *manjar* são dois. Antigamente, nós fazíamos com creme de Arroz Colombo, que hoje não tem mais no mercado. E ele foi substituído pela Arrozina, que é o mesmo fubá de arroz, o mesmo material, a mesma matéria-prima, mas com uma pequena diferença, certo, do creme de arroz Colombo. Nós mantemos dois *manjar*. Um representa o amargo da vida, é o que nós colocamos o açafraão. Nós dizemos que esse manjar, ele representa pra nós o amargo da vida. Por que isso? De acordo com o que você bebe essa obrigação, mesmo ele sendo amargo, é como se você que, a tua energia dissesse o gosto dele. Porque, se você toma ele com o teu coração, eu vou falar sujo, impuro, ele vai se tornar amargo. Se você bebe ele com a pureza da tua alma, mesmo ele sendo amargo, o gosto dele é diferente. Ele não sai amargo como ele é de origem. Porque é da energia do ser humano, então é da energia de quem 'tá bebendo. É ele quem vai tirar essas mazelas. Essa obrigação é toda voltada para a purificação. *Pra* limpeza tanto da matéria quanto do espírito, porque *toda* essas sementes e raízes que têm, elas são, pra nós, sagradas, são alimentos sagrados, 'tá? Então, quando tu *toma ele*, quando tu *toma* esse furá (ou furar) e, quando a tua energia, quando a tua espiritualidade, eu digo que ela 'tá amarga, esse manjar vai 'tar muito amargo. Mas, mesmo ele sendo muito amargo, a tua energia, ela é muito transparente e limpa, ele não tem gosto. Ele perde o amargo. E tem o manjar, o manjar é o branco. Esse, ele é o lado doce da vida. Tudo na vida tem dois lados: o lado doce, o lado amargo; o lado claro e o lado escuro. Então, o manjar, ele é a parte doce da

vida, da obrigação, né? Então, esse manjar, ele vem te trazer o relaxamento. É ele que começa a fazer a limpeza do teu corpo. Ele vai limpando. Essa é uma das funções desse manjar, 'tá? "Mas só o manjar vai fazer isso?". Sim, porque ele é preparado dentro de um ritual. Esse ritual da preparação, ele tem alguns segredos e critérios que, por exemplo, ele *pra* ser feito, ele tem que ser feito em absoluto silêncio e em constante orações e cânticos. Pra fazer esses dois *manjar*, tanto o manjar quanto o furá, ele tem que ser feito em total silêncio, só com as orações e com os cânticos, né? Então, ele se torna sagrado, ele se torna uma comida benta, 'tá? Então, é importante a preparação. Não é simplesmente fazer um mingau de arroz. Ele tem todo um ritual até chegar no ponto da obrigação. Então, por isso, ele se torna um elemento de purificação, 'tá? O pão com o vinho.

**Pesquisadora:** Só uma questão sobre o servir. Qualquer pessoa que vem aqui *pra*, é gira de Preto Velho que chama, né?

**Babalorixá:** Sim.

**Pesquisadora:** Todo mundo que vem *pra* essa gira pode consumir esse, essa coisa, ou não? É uma obrigação mesmo das entidades?

**Babalorixá:** Olha, qualquer pecador pode. Mas, também depende muito da espiritualidade de cada um. É como eu 'tô falando pra você. Ela é uma comida sagrada. Então, às vezes, ela 'tá dentro da obrigação, dentro da Gira dos Preto Velho e a tua energia, sabe? Ela faz com que você não queira. Então não é obrigado.

**Pesquisadora:** Mas quem se sentir tocado?

**Babalorixá:** Quem tiver se sentindo tocado, pode sim, e te faz muito bem.

**Pesquisadora:** Porque, assim, a minha questão é: os ingredientes, o preparo e como é consumido a comida. Aí eu também quero saber, primeiro se consome primeiro é o *fabá*, é que tem o doce.

**Babalorixá:** É o furá, que vem com açafrão e, o manjar, que ele é branco.

**Pesquisadora:** Qual é a ordem de servir? Primeiro come o furá?

**Babalorixá:** Primeiro o furá, depois o manjar. É como você tivesse, o furá é *pra* preparação da limpeza. É como se tivesse reunindo tudo de ruim dentro do teu organismo *pra*, quando vier o manjar, botar pra fora. Então, sempre primeiro é o furá, né, que é o açafrão, porque nós entendemos que, esse furá, *essa* primeiro que tomamos, ele é que vai reunir tuas energias. É ele que vai preparar toda a tua energia espiritual dentro de você *pra* que possa conduzir o que é bom e o que é ruim, 'tá? Então, primeiro sempre é o manjar com açafrão, que nós chamamos furá. Bem, o pão com vinho. O pão com vinho, ele representa, somos de matriz africana, temos a origem dentro do terreiro, mas o sincretismo é muito forte dentro da religião católica. Então,

temos o pão com vinho, que ele representa o corpo e o sangue de Cristo. Ele traz, para a obrigação, eu vou te falar, o equilíbrio do bem e do mal. Como eu falei anteriormente *pra* você, toda essa obrigação, ela tem um objetivo, que é a purificação, a limpeza de cada de cada um, a limpeza interna. O pão com vinho representa isso. O feijão branco. Ele é o ferro. O feijão é o ferro. É ele que faz a nossa matéria se fortalecer como se fosse um pedacinho de ferro, porque é ele que vai equilibrar a firmeza do teu corpo, entendeu? Então o feijão, ele tem esse significado dentro da obrigação. Uma das *comida* também muito importante é a paçoca de gergelim. Essa paçoca, ela já tá dizendo, todas essas energias, todos esses ingredientes, ela vai misturar. É ela que vai dar toda a união de todos esses elementos. É ela que, dentro da obrigação, a paçoca, ela tem essa força de unir todos os outros. É como se fosse uma cola, um grude. Então, isso serve a paçoca. Cada comida dessa, ela é direcionada à Roda de Preto Velho, à Arriada de Preto Velho. Essa comida é específica *pra* esse dia. Nesse dia, não entra na casa nenhum tipo de ave ou de qualquer tipo de outro animal. Não tem, nesse dia, nenhum tipo de corte, não podemos, 'tá? O que nós fazemos é nos alimentarmos dessa receita, que nós chamamos de receita milagrosa, para nos alimentarmos. Tão tanto, ela é tão importante dentro da casa, que, hm, hoje eu escutei isso: se um filho, ele deixa de vim se alimentar, ele se sente mal, e praticamente o ano todo.

**Pesquisadora:** Mas é por causa dessa questão de purificação?

**Babalorixá:** Sim, sim. Quando ele não vem *pra* esta obrigação, ele passa o ano todinho se sentindo mal. Porque ela é que dá o equilíbrio para o ano todo. Não que as outras não sejam importantes. Mas ela é fundamental *pro* convívio do ano todo, entendeu? O manjar, ele é feito de creme de arroz Colombo (substituído por arrozina), e ele tem essa textura. Ele não pode ser forte, grosso, né, porque ele tem que ser não tanto consistente. Ele tem que ter essa textura porque, quando esfria, ele endurece mais. Então ele não pode ser, de forma alguma, na preparação dele, ficar uma papa. Ele tem que ter essa consistência, oh. E, sempre quem tá aqui na preparação, é como eu te falei anteriormente, é todo tempo doutrinando. Ele não pode, de forma alguma, aqui, parar de doutrinar. “Mas eu não escutei os cantos”, mas é porque é um canto muito baixo, mas todo tempo tem que ‘tar, ‘tá? É por isso que ele é feito nessa preparação. Na preparação, é feito uma vez só. É falado “é uma panelada só”. Mas tem que dividir, porque lá no início eu te falei que tem que ser dois *manjar*: um com açafraão e um sem ele, que é o doce. Se prepara tudo junto e, depois se divide, que é pra preparação. Quando você separa, e é o tempo todo mexendo, não pode parar de mexer. Ele tem que ‘tar todo o tempo com esse sentido (sentido horário), não pode mexer rápido, tem que ser mexido devagar; não pode ser mexido direcionado em duas direções, por exemplo, você começa a mexer no sentido horário e, de

repente, você voltou, não pode; ele tem que ser mexido num sentido só, devagar. Por isso, nós entendemos que ele se torna um alimento sagrado e bento, né? Porque não é só um mingau, eu te digo que ele é um dos manjares dos deuses, 'tá? Então, ele tem sua força espiritual, ele tem sua energia por causa disso. E cada alimento preparado nesta casa, ele tem sua essência, ele tem o seu fundamento. Ele não é só por 'tar, entendeu? Então, esse é o momento da preparação que é muito delicado, porque você tem que ter muita ciência em cima disso. (O açafrão) ele tem que ser dissolvido. Antigamente, nós ralávamos *ele* no ralo e, hoje, nós começamos encontrar ele em pó, ralado, mas muito mais triturado. E, aí, de uma certa forma, melhorou *pra* gente, porque diminuiu já um trabalho das filhas 'tarem também ralando. E quase não se acha mais o açafrão ele na raiz, na batata. Então, ele é dissolvido. Olha a impureza do açafrão. E aqui só vai pro furá só o que realmente serve pra cá. Quando nós dissolvemos, as impurezas dele sai e só vem o líquido, a água. Então é isso que interessa pra nós aqui. (Sobre a organização onde fica as comidas no lado esquerdo e no lado direito) Porque o esquerdo, ele é quimbanda.

**Pesquisadora:** Ah, o Tambor de Mina é o que? É de direita?

**Babalorixá:** Sim. Na verdade, o Tambor de Mina, ele não tem nada de esquerda. O Tambor de Mina, ele não, as *pomba gira* vieram através da umbanda. Na Mina, não tem as *pomba gira*. Elas vieram com o sincretismo da Umbanda, que são as quimbandas, 'tá certo? Então *pra* começar com a bancada, ela começa daqui, oh, certo? Dos dois manjar. (Sobre o amendoim) Tem, dentro da obrigação, a força da virilidade e da, sabe, da força, da essência masculina e da feminina. Ele que te dá, na linguagem do mundo do pecado, dá o tesão. Ele que traz essa energia da carne. Então, o amendoim, dentro dessa obrigação, serve pra isso, 'tá?

**Pesquisadora:** Sempre as filhas que fazem?

**Babalorixá:** Se tu *prestar* atenção, o formato da obrigação. Eu sempre coloco o que é mais de Exu, de carnal do teu lado esquerdo, da entrada da casa, de quem entra, oh, eu entro, e *tô* sempre com a obrigação no meu lado esquerdo. Toda a comida, quando ela é armada nessa obrigação, ela tem essa separação. Digo separação não, a gente fala “essa definição” daquilo que vai fazer de uma vez é unir essa força e aquilo que vai fazer a limpeza. Dentro do ritual, esse cuidado também é muito importante, dos locais de cada alimento, entendeu? Na casa, se tu *prestar* atenção, toda alimentação, toda comida dessa obrigação, ela é servida, ela é colocada em pratos de barro, toda comida (fala interrompida por alguns minutos). Muita gente não segue porque assim, eu entendo que a vestimenta, ela é muito importante pra trazer, também, esse encontro espiritual, o branco. Mas muita da gente de hoje, eles não se preocupam com o preceito da obrigação. E, *pra* nós, o que vale nessa casa é o fundamento dela. As minhas filhas, elas têm esse cuidado. Eu sempre digo que a Mina é matriarcal, ela é feita por mulheres. Eu, aqui, sou

apenas aquele que orienta, que conduz para o aprendizado delas. Então, às vezes, eu tenho essa preocupação de trazer o branco, mas muita das vezes, por exemplo, nessa obrigação, o branco é muito importante, mas o estampado é muito mais importante. A cor estampada é muito mais importante. Porque é a origem dos pretos velhos, é a estampa, é as cores, é a vida, entendeu? Então, muito das vezes o branco, nesta obrigação, é importante, muito. Mas, dentro das correntes dos *preto velho*, o estampado é muito mais. Então, sempre quando for fazer alguma oferenda ou que for distribuir qualquer alimento voltada a essa nação, a esse segmento de matriz africana, é sempre bom frisar que o estampado é a cor necessária pra fazer esse trabalho. (Sobre o peito de frango) Ele entra na obrigação. Esse agora, esse aqui, ele tem que ser limpo, ele tem que tirar todas as impurezas, as peles, e tem que ficar a carne branca. Essa carne branca. Como eu te falei, não pode ter carne vermelha nessa obrigação, de forma alguma. Então, o peito de frango, ele entra mais ou menos nesse sentido. É a carne, mas sem, vou te falar sem forças, sem sangue, sem carne vermelha porque, o branco, ele predomina também, como eu te falei. E, essa obrigação, essa comida aqui, ela dá justamente isso, a essência, ela traz a força da carne, mas uma carne pura, porque a carne branca tem esse significado de ser uma carne limpa, uma carne transparente. Então, é por isso que entra o peito de frango dentro dessa obrigação, né? Então, é a única forma de carne que tem, mas que tem todo o cuidado de ser limpo, não pode ter impureza, é justamente desfiado. Aqui, ele vai ser todo ferventado e, depois, desfiado. E é só. Não pega sal, não pega tempero nenhum. Ele é neutro. É uma parte da carne que ela, a gente falando, a carne pura. Uma carne branca é uma carne sagrada. (Sobre a preparação da paçoca de gergelim) Esses *cabra fortes* que estão aí *tão* com o pilar. Aí vão socar aqui *pra*, depois, fazer a paçoca.

**Pesquisadora:** A paçoca, ela é o gergelim e o que mais?

**Babalorixá:** Açúcar. É só feito com o açúcar e o gergelim torrando. E dá um gosto de tu não *tem* ideia. Tu *vai* provar *ela*, *tá*? Da casa, eu sempre falo isso dessa obrigação, o que pode se levar, pra tirar dela e comercializar, a paçoca. A paçoca de gergelim, ela pode ser servida ela pura ou com outros apetrechos, com outro tipo de comida. E aí depende muito do formato dessa comida, pode ser doce ou salgada.

**Pesquisadora:** Mas, aí, quando for salgada, continua sendo só o gergelim e o açúcar?

**Babalorixá:** Não, coloca sal. Tira o açúcar e coloca o sal. Antes de colocar o gergelim no pilão, tem que esquentar. No final, o quiabo com o dendê. Ele pode fazer o acompanhamento em alguns pratos e, também dependendo do prato que for ser feito, ele pode ser acompanhamento, né? Ele pode temperar, colocar alguns temperos e, aí, fazer, né? O quiabo com o dendê.

**Pesquisadora:** Aqui é só o quiabo e o dendê, e não leva mais nada?

**Babalorixá:** Nada. Só o quiabo com o dendê. Se tu *prestar* atenção, quando se cozinha o quiabo, ele solta a baba. E, aqui, nesse processo, tu *vê* que ela (a baba) não existe aqui, entendeu? Ele tá sempre sequinho, o quiabo, ó.

**Pesquisadora:** Mas isso é só com o óleo de dendê ou com qualquer óleo?

**Babalorixá:** Olha, na obrigação, com óleo de dendê, com azeite de dendê. Mas, aí, se for pra fora da obrigação, pode se fazer com azeite de coco, pode se fazer com azeite de oliva, né? Fora da obrigação. Mas, na obrigação, é o dendê. (Sobre a cozinha de santo não ter o fogão à lenha) Sim, vamos fabricar um fogão à lenha, que toda obrigação, ela vai ser feita no forno à lenha. Essa é a tradição. Como nós estamos estruturando a casa, nós estamos usando o gás de cozinha, o gás normal. Mas sempre foi o objetivo da casa, *pra* preparação das obrigações, o forno à lenha pra fazer.

**Pesquisadora:** Tem uma previsão de quando vai construir o fogão à lenha?

**Babalorixá:** Olha, a casa *'tá* em processo de construção ainda. Então, provavelmente, nós pretendemos que *pra* agosto, em julho não vai dar, porque já estamos em cima do Festejo de Sant'Ana. Mas, novembro, se for a nossa ideia, pretendemos que, em novembro, o forno *teje* pronto, pra festa de novembro, né? Que é uma obrigação, que é do farrista da casa, aí a gente quer fazer já esse forno. “Quando é que o quiabo tá no ponto?” Ele, quando ele começa a entrar nesse processo de fritura, ele vai secando, ele vai ficando quase como crocante, né? Então, ele chega ao ponto de você pegar *ele*, e ele *'tar* mole. Sem soltar a baba, sem soltar nada. Ele *'tá* bem sequinho, o quiabo. Então, por exemplo, eu vou, aqui, oh. Certo, oh? Ele *'tá* mole. Tá começando a amolecer. Ele fica bem sequinho e mole, *'tá?* Porque é diferente de você colocar um quiabo pra cozinhar, que ele fica mole velho, né? Fica todo com aquela baba, não. Aqui, ele não tem isso. O processo dele aqui é diferenciado, da fabricação desse produto e dessa comida aqui. Uma das comidas que a gente se sente mal, sente mal no dia seguinte, a força, é o quiabo com o dendê. Ele tem uma energia muito forte, entendeu? É a energia dele é muito forte dentro da obrigação.

**Pesquisadora:** Você passou mal depois disso, então? (Anteriormente, Neto de Nanã passou mal durante o preparo do quiabo).

**Babalorixá:** É, é a energia dele. É isso aí. É muito bom fazer a obrigação, que você vai sentindo *ela*, você vai sentindo a força que ela tem. Cada alimento desse, que nós preparamos, vai sentindo a força que ele tem. Todo o tempo mexendo. Não pode parar de mexer, porque isso não pode queimar, não pode *'tar* uns *queimado*, outros não. Tem que ser tudo igual. Então, é o tempo todo mexido *pra* que todos *tenha* um condimento dele, seja tudo igual. Eu esquento as peças, por exemplo, a paçoca. Quando a gente termina de socar *ela*, ela *'tá* meio umedecida,

né? Ela tá meio molhada. Então, quando a gente esquentar o barro, ele mantém seu calor. Ele condiciona esse calor na peça de barro. Então, quando eu colocar aqui, a umidade, ela fica molhada, então ela vai secar, ela fica bem soltinha, parecendo uma farinha. Fica bem soltinha mesmo. Então, é *pra* isso que a gente faz isso. Coloca um pouco *pra* esquentar e, aí, coloca aqui, porque, aí, o aquecimento do barro faz com que ela fique bem sequinha, mais solta, entendeu? *Pra* não ficar muito pastosa. Porque, senão, ela fica pastosa. E, fazendo assim, você tem como ela ficar bem sequinha, fica bem como se fosse uma farinha.

**Pesquisadora:** Esquentar o prato de barro e, aí, quando ele tiver quente, desliga ou coloca a paçoca?

**Babalorixá:** Bem, aqui, ele *'tá* no ponto aqui. Ele vai começar aqui, oh. Ele já tá quente, né? Aí eu tiro *ele*, olha como ele *'tá fumacando*, *'tá* vendo? Aí eu faço isso aqui, oh. Como ele *'tá* muito quente, eu tenho que me proteger, *pra* eu fazer aqui, oh. Você tá vendo como ela *'tá* meia pastosa? Na hora de servir a obrigação, ela *'tá* mais solta, mais sequinha, entendeu? Que, aqui, ela *'tá* como se fosse pastosa, né? *'Tá* vendo? E, aí, quando a gente faz isso aqui, a gente bota *pra* esquentar, ela vai ficando mais sequinha.

**Pesquisadora:** Aí só deixa ela aí, né? Não precisa ficar mexendo nela?

**Babalorixá:** Não, aqui é só deixou aqui, e ela vai fazer, vai chegar no ponto. Essa é a paçoca. Não tem tantos *segredo*, ela é feita só com açúcar e o gergelim socado, mas que tem um sabor muito bom. (Sobre desfiar o frango) Oh, oh aqui, oh. Tirada assim, oh. *'Tá* vendo? De acordo com que ele tá (é desfiada de acordo com o sentido da fibra do frango). E eu, que não como galinha, imagina o *pitiu*. Aqui, espera esfriar.

**Pesquisadora:** Nessa preparação, não pode usar nenhum tipo de metal?

**Babalorixá:** Lá não. Lá é só desfiado com a mão. Esse ano, porque tu *'tá* aqui, eu *tô* fazendo com todo mundo. Mas eu sempre faço ela só. Até, porque, ela tem alguns segredos e fundamentos que tem que ser seguido. Por exemplo, eu não faço ela com essa zoada toda.

**Pesquisadora:** É que nem o manjar, que tem que ser em silêncio?

**Babalorixá:** Isso, isso. O pão é dormido, *'tá*? Não pode ser o pão do mesmo dia, não.

**Pesquisadora:** Tem que ser só esse pão massa fina?

**Babalorixá:** Sim, o pão massa fina. (Sobre as comidas servidas durante a gira) Você se sente tão cheio, tão cheio, ela é tão forte, que você come *ela*, você manja *ela*, come *ela* e, quando você, é só um, você vai ver como é servida. É um pouco de cada. Mas um pouco mesmo de cada. Mas quando você termina de comer *ela*, parece que tu *comeu* um banquete. Ela asseia toda a tua ânsia de fome de uma maneira. (Sobre o cozimento do feijão branco) Mas ele não fica cru. Ele tem um certo ponto aqui, que ele fica, ele não fica mais do que quinze a vinte

minutos, se tu *prestar* atenção, ele não fica mais do que isso. O feijão normal, pra ele amolecer, ele tem de duas, três horas de relógio. Esse aqui, ele passa quinze minutos, e ele fica pronto. Eu não sei te explicar como é isso. Mas toda vez acontece isso. Ele fica no ponto, oh. Se você prestar atenção, ele *'tá* todo bom. Entendeu? Ele não demora muito.

**Pesquisadora:** E a água? Ela secou todo ou escoou?

**Babalorixá:** Não, ela seca, ela tem um ponto que ela seca, e eu escoo besteirinha da água, Entendeu? Porque, assim, eu boto um tanto de água e, essa água, por exemplo, não é tanta. Mas eu boto um pouco, como você viu. Então, naquele tanto de água, é o tempo que eu tenho *pra* ele *'tar* no ponto, entendeu? E, aí, ele já tá no ponto aqui. Se você prestar atenção, oh, vou pegar esse bem aqui, oh, mole, mole, mole.

**Pesquisadora:** O feijão só fica assim mesmo, né?

**Babalorixá:** Só. Aqui não tem nada. É só ele, nós chamamos *ele* ferventado. Ele não pode esbagaçar. Ele fica nesse ponto e o que precisa fazer pra ele *'tar* no ponto, entendeu? Não precisa pra ele *esmagaçar*, *pra* ele ficar mole pra esbagaçar. Ele tem o cozimento dele próprio e que quando, por exemplo, a água abaixou, que ele secou, já *'tá* pronto, *'tá?*

**APÊNDICE C** – Entrevista Realizada com Álvaro José dos Santos Souza no dia 21 De junho de 2018

**Pesquisadora:** Pronto. *Tá* gravando. Espero que dê tudo, senão terei que incluir mais coisas. O senhor falou da gravação que o senhor gravou por sua esposa, que, na questão dos Pretos Velhos que acontece no dia 13, que é a questão da resistência.

**Babalorixá:** É. Olha só. Os *Preto Velho* são entidades da Umbanda, *tá?* Eles são cultuados dentro da Umbanda. Alguns terreiros de Mina, eles preservam essas entidades, *tá?* O que acontece, é um dia, o treze de maio, é um dia, ele fala muito mais de resistência dos nossos antepassados, porque são eles que *conduz* em termo de conhecimento de plantas, de ervas. Então, os Pretos, eles, nesse dia, eles vêm por várias questões, entende? Eles vêm por várias questões. É, uma delas, é um dia que foi considerado pela Umbanda, o dia dos Pretos *Velho*, entende? Então, ficou marcado. E, essa obrigação, ela vem do meu bisavô, que era do meu avô, que passou *pra* mim.

**Pesquisadora:** Primeiro, essa questão dessa, de herança, é passado, é pulado uma geração? Porque veio do seu bisavô.

**Babalorixá:** É. A nossa família, a minha família, ela é toda, é, eu vou falar “pingada”. Ela é toda “pingada”. Toda a minha família tem mediunidade. E, aí, o que acontece, era do meu bisavô que, quando meu avô morreu, meu bisavô morreu, o pai dele, foi determinado que ele assumisse e, aí, depois, foi o meu avô e, aí, passou *pra* mim. E, hoje, eu já tenho, é, tanto minhas filhas quanto meus netos, já estão se iniciando, entendeu?

**Pesquisadora:** E, outra coisa, essa questão do treze de maio, tem alguma coisa a ver com a Lei Áurea ou não?

**Babalorixá:** Olha, não. *Pra* nós, não. *Pra* nós, nós dizemos que o treze de maio é um dia de luta, um dia de combate a todo tipo de racismo e intolerância, né? É, só foi apenas acoplado.

**Pesquisadora:** É que eu li que, na Umbanda ou Candomblé, o treze de maio comemora, é, o Preto Velho, por causa da.

**Babalorixá:** Da Lei Áurea.

**Pesquisadora:** É, da Lei Áurea e que, as entidades são espíritos evoluídos de negros escravos.

**Babalorixá:** Isso. Só que, *pra* nós, da Nação Mina, nós não entendemos como muitos falam, que foi uma comemoração por causa da Lei Áurea. Nós não entendemos isso. Primeiro que a Lei Áurea não libertou os negros, *tá?* Ela, ela foi uma capa muito grande. Então, nós não entendemos como foi, é, voltado *pra* ela, entende? Nós, a gente entende que essa Lei, ela veio

apenas conduzir o caminho da gente, mas que nós, nós não fomos libertados por uma Lei, 'ta? Nós fomos libertados por nossa luta, conquista e todo o povo negro.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Eu entendi. Então, as entidades do, da Mina não têm essa questão de ser espírito evoluído ou...

**Babalorixá:** Até porque, na Mina, nós temos os Voduns, entende? Hoje, no Maranhão, é difícil um terreiro de Mina que não tenha um pouquinho da Umbanda, do Candomblé, entendeu? Então, é por isso que, hoje, a maioria das casas de Mina do Maranhão, elas, no treze de maio, elas fazem essa obrigação reverenciando os Pretos Velhos, entendeu?

**Pesquisadora:** Por que, de outros, é, depende de terreiro ou da religião? No caso, que comemore no outro dia?

**Babalorixá:** É, depende de cada terreiro. Cada terreiro tem sua linha, as suas *corrente*, como a gente fala. Então, cada terreiro, ele tem, ele pode conduzir. Tem terreiro que não faz o treze de maio. Tem terreiro que não faz a arriada dos *Preto Velho*. É muito difícil, mas tem terreiro que não faz. Mas, a maioria *fazem* o treze de maio uma obrigação *pra* Preto Velho.

**Pesquisadora:** E, aí, a questão do, da obrigação, de arriar a obrigação, que o terreiro foi fundado lá em 2011.

**Babalorixá:** Sim.

**Pesquisadora:** Mas ele já fazia antes, quando era o, palhoça, que chama.

**Babalorixá:** Sim, sim. Olha só. A obrigação é como eu te falei, ela já vem dos meus antepassados. Então, ela se perpetuou nessa data, porque o meu bisavô fazia, meu avô fazia. Então, o treze de maio, *pra* casa, desde quando eu iniciei, que, quando, na verdade, quando eu assumi, que me deram essa responsabilidade de ser babalorixá, eu venho fortalecendo esse dia, através dessa obrigação também.

**Pesquisadora:** É, e aí, o senhor sabe quando foi o ano que começou?

**Babalorixá:** *Éguas!*

**Pesquisadora:** Ou o senhor não tem essa data?

**Babalorixá:** Porque é como eu *tô* te falando. Veio do meu bisavô, entendeu?

**Pesquisadora:** Ah, então OK.

**Babalorixá:** Entendeu. Foi, praticamente, passado essa obrigação de geração em geração.

**Pesquisadora:** OK. A outra pergunta. É, porque, quando o senhor *tava* falando, explicando sobre as comidas das obrigações, o senhor falou que, cada comida, na obrigação, representa um orixá. Aí, eu queria saber se é todos ou...

**Babalorixá:** Um orixá não. Uma entidade.

**Pesquisadora:** Uma entidade. OK.

**Babalorixá:** Uma entidade.

**Pesquisadora:** Eu até coloquei aqui “uma entidade/orixá”. Porque o senhor tinha falado de um que era o furá, que é de Exu.

**Babalorixá:** Uhum.

**Pesquisadora:** Aí, eu fiquei em dúvida se era entidade ou orixá.

**Babalorixá:** As entidades, elas, dentro da Mina, nós arriamos essas oferendas para o fortalecimento tanto do espírito quanto da matéria. Então, cada uma, cada *uma* alimento, ele tem a sua força, não só como alimento, mas pertence, também, a uma entidade, como eu te falei. Então, por exemplo, é, eu vou te dar uma fruta muito forte, né? Eu vou te dar o abacate. O abacate, ele tem a força da habilidade, da potência. Então, ele puxa também pra Exu, porque é a coisa do sexual, do, entende? Então, é uma fruta que pertence a ele, mas também pertence a Ossaim, que é o deus da folha, entendeu? E, por que a Ossaim? Pelo verde, entendeu? Então, pode ser também. É, os alimentos, eles têm todo, todo alimento, na obrigação, ele tem origem dentro de uma entidade.

**Pesquisadora:** Era isso que eu queria saber. Quais as entidades do amendoim, do furar e do manjar.

**Babalorixá:** Essa daí, eu não posso te dizer.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Não é permitido.

**Babalorixá:** \*risada\* Eu vou te falar o porquê. É, cada, cada semente dessa (usada na obrigação de Preto Velho), ela tem a sua própria essência, a sua força. Então, às vezes, uma semente, ela dá *pra um* ou duas entidades, dependendo do que ela faz. Um exemplo, é, o amendoim. Ele também pode ser da parte de Exu, entendeu? Ou *ela* pode ser de Iansã.

**Pesquisadora:** Aí, essa questão é que não pode ser permitida ou tem várias entidades que é responsável por...

**Babalorixá:** É. Depende das Nações. É, por isso, que eu sempre digo isso. Cada Nação, ele tem o seu próprio ritual. Cada, cada, é, preceito de uma casa, ela tem o seu próprio ritual. Então, varia muito de cada casa.

**Pesquisadora:** O do senhor, é qual Nação?

**Babalorixá:** Eu sou Mina. Mina-Nagô.

**Pesquisadora:** Ah, Mina-Nagô. Entendi.

**Babalorixá:** Na verdade, eu sou Mina Jeje-Nagô. Todos os mineiros são Jeje-Nagô

**Pesquisadora:** Porque eu vi que... É, outra coisa que eu fiquei em dúvida foi no final do, da obrigação, que a gente, a pessoa bebia ou água ou vinho.

**Babalorixá:** Sim.

**Pesquisadora:** A pessoa que escolhia?

**Babalorixá:** Não, não. É, na obrigação, o vinho representa o sangue de Cristo. A água representa a vida. Sem água, não tem vida.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Porque eu queria saber se, na hora, era a gente que escolhia qual era a que tomava no final.

**Babalorixá:** Não. Todos têm que beber.

**Pesquisadora:** Aí, eu, mas, pera aí. Porque, na hora que eu consumi, eu só tomei o vinho.

**Babalorixá:** Sim.

**Pesquisadora:** Ela (servente da casa) que escolhe qual dar no final *pra* tomar, a pessoa?

**Babalorixá:** Não. Todos, tudo o que *‘tá* lá faz parte do ritual. Lá, ninguém escolhe. Lá, é dentro do ritual.

**Pesquisadora:** É, porque, *pera* aí, é porque tinha a água e o vinho. Eu tomei só o vinho. Eu tinha que ter tomado a água também? Ou, porque algumas pessoas só tomaram a água.

**Babalorixá:** Sim. É, cada um tem uma mediunidade e, cada um, por exemplo, tem médium que não pode beber vinho. Tem médium que não pode beber a água. Então, é de acordo com cada Nação, com cada corrente, com cada, é cada um, entende? É, eu vou te falar assim. Quando tu *fala pra* mim “elas que *escolhe*?”, não. É, tudo o que acontece são as entidades que fazem. Às vezes, ela serve *pra* ti tanto a água quanto o vinho. Às vezes, ela não serve. Mas, é do momento. É da energia de cada um. Entendeu?

**Pesquisadora:** Sim, eu entendi. É, e a última questão é do banho, que foi tomado antes do ritual, das ervas, eu queria saber quais eram as ervas, se é erva ou as ervas que foram usadas e que, é, só podia participar do ritual quem tivesse banhado.

**Babalorixá:** Os banhos de mato, banho de mato cheiroso, eles são dentro do ritual, eu não sei das outras casas. Mas, na nossa, ele é obrigatório. Por quê? Através do banho de descarrego, que os banhos de mato cheiroso são banhos de descarrego. Então, *pra* entrar no ritual, você tem que estar com o corpo limpo. Então, o banho é *pra* isso. Alfavaca, manjericão, jardineira, tipí às vezes pega. Então, também o banho é de acordo com cada obrigação, entendeu? Mas o banho é de fundamental importância para a limpeza de todos os médiuns que estão na casa, todos aqueles que acompanham o ritual tem que tomar. Porque, é através daí, que vem a limpeza.

**Pesquisadora:** E quais foram as ervas que foram usadas?

**Babalorixá:** Jardineira, manjericão, alfavaca.

**Pesquisadora:** Aí, depois, eu vou querer escrever (no caderno) só pra escrever corretamente. Aí, dessa questão da Gira de Preto Velho, era só essas mesmo que eu fiquei em dúvida, quando ouvi os áudios e fui transcrever. Eu queria saber se o senhor, é, teve a permissão de falar sobre

as outras festas, das comidas de obrigação das outras festas ou se só vai ser esse que eu vou poder saber.

**Babalorixá:** Olha, a casa, ela tem vários rituais e, a Mina é diferente do Candomblé. No Candomblé, todas as obrigações, praticamente todas elas têm a comida dos orixás. Na Mina, é diferente. Na Mina, tem algumas obrigações que tem a comida dos voduns, *'tá?*

**Pesquisadora:** É que o senhor tinha falado que era, até quando eu fui falar com as entidades, elas falam que eram três principais.

**Babalorixá:** Sim. É essa de Preto Velho, a de Sant'Ana e a de Acóssi.

**Pesquisadora:** Porque, quando eu falei, eles tinham, é, eles tinham, tanto seu Aririzinho quanto seu Vaqueiro comentaram que eu já tinha perdido duas obrigações.

**Babalorixá:** Sim, sim.

**Pesquisadora:** Aí, que eu tinha que, só poderia participar dessa, aí tinha que ver se...

**Babalorixá:** É. Eu acho, assim, que tu, o teu trabalho ficar melhor, muito mais compreensível e *pra* que tenha muito mais entendimento, eu acho que é fundamental você participar das outras obrigações que você perdeu, já lá *pra* trás. Porque, é através delas que, também, vai dar sentido a essa. Entendeu? Porque uma sempre completa a outra, entendeu? Então, é importante também participar das outras duas.

**Pesquisadora:** OK. Aí, o senhor tinha alguma informação sobre o Tambor de Mina, que são mesmo, de como surgiu a religião aqui no Maranhão. Porque, eu fiquei confusa lendo os livros de Ferretti, aí eu fiquei em dúvida, é, da questão, a Casa das Minas é a primeira conhecida daqui do Maranhão e, que dela, que surgiram as outras, só que...

**Babalorixá:** Não. Dela não. Da Casa de Nagô

**Pesquisadora:** Isso, da Casa de Nagô. E que tem a Casa Fanti Ashanti. Aí, eu fiquei em dúvida, é, como surgiu as outras, as Nações, a questão do, dos preceitos que o senhor falou que tem cada um, cada um tem uma Nação que segue uma linha diferente. Eu queria que o senhor me explicasse *pra*, e da questão do terreiro, porque eu posso colocar alguma informação lá (na monografia) que esteja errada. Aí eu *'tô* com receio de colocar isso (algo errado).

**Babalorixá:** A nossa casa. Na verdade, a Mina, no Maranhão, quando os nossos mais velhos, que a primeira casa foi a Casa das Minas. Mas nós temos o Terreiro do Egito que, de lá, surgiu muitos pais de santo e muitas mães de santo, como Jorge Itaci, como o pai Euclides Talabyan, que é da Casa de Fanti. Então, eu digo que as duas casas principais não é só a Casa das Minas e a Casa de Nagô. Porque começou na Casa das Minas. A Casa de Nagô abraçou, veio e formou e seus filhos. E todos os outros terreiros surgiram da Casa de Nagô. O único terreiro que surgiu de dentro da Casa das Minas foi a Casa de Nagô. É a Casa de Nagô. Depois que a Casa de Nagô

assentou, que firmou, que as sacerdotisas, é, assentaram, se sentaram, foi que começou a ter as outras casas, os outros terreiros. Da Casa das Minas, não tem nenhum terreiro.

**Pesquisadora:** Aí a questão que, é, da linha é Jeje-Nagô?

**Babalorixá:** É. Só que.

**Pesquisadora:** Das outras, são diferentes.

**Babalorixá:** Não. Toda Mina no Maranhão é Jeje-Nagô. Toda a Mina. É, a Casa das Minas, ela não é Mina Nagô, ela é Mina Fon, que é de Daomé, do Benin, entendeu? Então, tem essa, eu vou te falar, essa dificuldade, é, dentro desse conhecimento das casas. Mas, contam os mais velhos que a primeira casa é a Casa das Minas. Após a Casa das Minas, vem o Terreiro do Egito, a Casa de Nagô, né? Aí veio o Terreiro de Iemanjá, a Casa Fanti Ashanti, o Terreiro das Portas Verdes, o Terreiro da Pedra Mirá. São casas que, a maioria delas, são descendentes tanto do Terreiro do Egito quanto da Casa de Nagô.

**Pesquisadora:** O do Terreiro de Iemanjá é do Tambor de Mina?

**Babalorixá:** Sim.

**Pesquisadora:** Não era de Umbanda, não?

**Babalorixá:** Não. O Pai Jorge, o Pai Jorge, ele é, foi do Terreiro do Egito, né? E, aí, quando assentou a casa dele, era só a Mina. E aí, após, por buscar muito mais conhecimento, ele foi buscar o Candomblé. Então, lá, tanto tem o conhecimento na casa, dos caboclos e voduns, mas, também, dos orixás. Entendeu? O Terreiro de Iemanjá tem tanto o Candomblé quanto a Mina. Só que, o que predomina, é a Mina.

**Pesquisadora:** O do Terreiro Nanã Buruquê, que se pronuncia, ele surgiu de qual terreiro?

**Babalorixá:** Nossa casa, ela surgiu da casa do Pai Zé Negreiro, que era, tinha o barracão *era* no João Paulo, depois foi *pro* Turu e, aí, depois que ele morreu, eu *vim* pro Terreiro de Iemanjá, *pra* casa do Pai Jorge. Depois que o Pai Jorge morreu, eu fui *pro* Terreiro Deus é Bom Pai, *pra* casa do Pai Raimundo e, o Pai Raimundo, que me deu a permissão de “sentar” a casa. Eu tive a permissão de um dos sacerdotes também que é muito antigo.

**Pesquisadora:** Ah, é o que eu conheci lá na Casa das Minas, né?

**Babalorixá:** Isso. Aquele senhor. Ele quem deu a permissão de eu “sentar” o barracão.

**Pesquisadora:** É, outra pergunta que eu não tinha anotado, da questão das filhas de santo que estavam servindo. Elas que são escolhidas?

**Babalorixá:** As serventes. Tu *‘tá* falando das serventes.

**Pesquisadora:** Serventes que chamam?

**Babalorixá:** Na Mina, é servente. No Candomblé, são *ekedis*. Então, na Mina, as serventes, elas, de certa forma, são escolhidas. Mas, elas estão ali pagando, é, cumprindo com sua

penitência, cumprindo o seu caminho, tu *entende*? Porque, muitas *médias*, na verdade, *ela 'tá* cumprindo a sua mediunidade. Muitas *médias*, elas não têm, é, a força da mediunidade de *'tar* dentro da gira, de *'tar girando*<sup>40</sup>. Então, como ela cumpre sua obrigação? Ela pode ser uma servente, ela pode ser uma daquelas que dá o *de* alimento ao povo, que é na cozinha. Então, tem várias coisas dentro da casa que as filhas podem pagar as suas obrigações dentro da casa. Não só dançando, mas em outros (funções).

**Pesquisadora:** É que eu lembrei que *'tava* a sua esposa e a outra senhora que estava cozinhando. Quando ela foi *pra* consumir, veio uma outra filha de santo *pra* servir. Sempre tem que *'tar* com duas?

**Babalorixá:** É. As serventes, na obrigação. Porque, assim. Ninguém pode se servir. Alguém tem que oferecer a você. Então é oferecido a você. Alguém tem que servir. Então, é por isso que ela prepara toda a obrigação e, quando ela serve todos e, após todos estiverem servidos, uma das *média* da casa, ela vai servir ela (a servente que passou a obrigação servindo).

**Pesquisadora:** Aí, já me veio mais duas perguntas também, dúvidas. Então, tinha um garotinho lá, que ele *tava* até chorando, porque ele não queria participar, alguma coisa assim. Que ele não queria comer tudo. Que ele só comeu algumas coisas no final.

**Babalorixá:** É o meu neto.

**Pesquisadora:** Mas é, como foi essa questão da escolha do que ele podia comer ou ele que escolheu?

**Babalorixá:** É, como ele é uma criança e ele *'tá* sendo preparado a ser um dos abatazeiros da casa, um ogan da casa, a obrigação, ela é muito forte espiritualmente. Então, nós sabemos que as crianças, elas não têm tanta força, tanto espiritual quanto na matéria. Até porque, eles são anjos inocentes, são erês. E, quando ela, nós colocamos à disposição, a obrigação à disposição dela (criança), ela vai, com a inocência dela, ela vai buscar aquilo que ela pode. E, aí, entra, novamente, os voduns e os orixás, porque eles que decidem, eles que *conduz*. Como ele é de um orixá, ele é de uma entidade, ele é de um vodum, ele, por exemplo, vou te dar um exemplo aqui. Os filhos de Oxalá. Os filhos de Oxalá, eles não, têm um dia que eles não comem carne, carne vermelha. Eles não podem. Então, é a mesma coisa é um abatazeiro. Ele tem a sua preparação. Vou *lhe* dar um exemplo, e eu vou falar de mim. Eu não como nenhuma caça. Nada. Nenhuma. Paca, cutia, não sei o que, nada disso. Nenhuma caça. Eu não posso comer. Tudo o que vem da mata e que for morta lá, eu não posso comer nenhum bicho de lá.

**Pesquisadora:** Mas é a questão da sua entidade?

---

<sup>40</sup> De incorporarem as entidades que, dentro da Mina, são chamadas de vodunsins.

**Babalorixá:** Isso. Da minha espiritualidade. Eu tenho uma entidade que é chamada Paraguassu, e que ele é um dos caboclos da mata, que é um índio, e ele, por causa dele, da preparação, quando foi feito a minha preparação para recebê-lo, eu fui proibido de comer qualquer tipo de caça, entendeu? Porque pode me fazer mal. Das vezes que eu experimentei, eu me dei *de mal*.

**Pesquisadora:** Aí eu não lembro se eu anotei o que ele consumiu. O senhor lembra alguma coisa? Porque uma filha de santo que ela *tava* menstruada no dia e, aí, ela não pôde comer, ela só pôde, ela comeu manjar, paçoca, a junça e tomou água. Aí, essas coisas é, também, são as entidades que...

**Babalorixá:** É. É o que ela poderia ser *servido*.

**Pesquisadora:** Essa questão da menstruação, da mulher menstruada. Ela até ficou mais no canto.

**Babalorixá:** Mais reservada.

**Pesquisadora:** Isso. E, aí, teve uma hora que até o seu Vaqueiro *tava*, ele veio e a gente teve que levantar também. E ela teve que ficar no reservado. E como é essa questão, do porquê a mulher fica mais afastada?

**Babalorixá:** É. A mulher menstruada, ela é, eu vou falar “muito venenosa”.

**Pesquisadora:** Mas por quê?

**Babalorixá:** Ela é, como eu vou te falar, ela está aberta. Ela está aberta. É o momento em que ela está. A mulher menstruada, ela é muito perigosa e, também, ela está aberta. Pode ser que ela, venha alguma entidade, algum espírito maléfico e possa incorporar, porque ela está aberta. Ela está vulnerável. Então, é um momento muito delicado da mulher. Por isso que, quando a mulher está menstruada, ela não pode estar dentro do terreiro, entendeu? É um momento muito delicado.

**Pesquisadora:** E, aí, essa questão do, das comidas que ela comeu. Os outros que ela não comeu poderiam fazer mal a ela? Pela energia muito forte?

**Babalorixá:** Poderia, poderia. Porque ela estava com o ventre aberto, entendeu?

**Pesquisadora:** A questão das pessoas que iriam consumir. O senhor, era aleatório ou tinha uma ordem?

**Babalorixá:** Olha, depende muito. Porque tem que seguir uma hierarquia. A transição da mais velha, a contra-guia, a guia e a contra-guia e a terceira suplente de guia. E, aí, vem até chegar até em todos aqueles que estão dentro do terreiro. Mas tem uma hierarquia *pra* ser servido.

**Pesquisadora:** Porque eu achei que tinha, que era o primeiro os filhos de santo que participava. Eu até achei que eu seria a última a consumir, e não foi. Foi até a, como é o nome dela? A que *tava* menstruada no dia.

**Babalorixá:** Aline<sup>41</sup>.

**Pesquisadora:** Isso. A Aline que foi a última a consumir.

**Babalorixá:** Justamente por isso. Justamente por isso que ela foi a última. Porque ela estava menstruada e, depois dela, ninguém poderia mais ser servido.

**Pesquisadora:** E, aí, eu lembrei a questão de levantar o, como é que chama o pano, a que estavam as comidas?

**Babalorixá:** Miançaba.

**Pesquisadora:** E porque essa questão que, até falaram que levantou, teve que guardar e ninguém poderia mais consumir?

**Babalorixá:** É, quando você faz a obrigação e ela é servido a todos, quando você recolhe *ela*, você *'tá* falando do momento de recolher a obrigação, e ela foi lá *pro* sigilo, lá *pro* quartinho.

**Pesquisadora:** Sim.

**Babalorixá:** Esse momento, é o momento que todo mundo foi servido, as forças já estão todas deliberadas *pra* quem vai ser. Então, esse é o momento da casa. É a hora de a obrigação é, ter a sua força maior que eu digo. Que é o momento de *'tá* tudo reunido, e ninguém pode mexer.

**Pesquisadora:** Porque comentaram que, que teve uma vez que o seu Vaqueiro até permitiu repetir algumas coisas. repossession

**Babalorixá:** É, você deve *tar* falando de Aririzinho. Seu Vaqueiro não deixa. Deve estar falando de Aririzinho.

**Pesquisadora:** Ah, sim. É que falaram que tinham deixado repetir e, dessa, não deixaram. Depende da entidade?

**Babalorixá:** Depende da entidade. E, também, do filho. Se ele sentir necessidade, “olha, eu acho que essa junça, ela vai me fazer bem e vai de dar muito mais força”. Porque, cada comida daquela, ela corresponde a uma entidade. Então, o filho dessa entidade, ele necessita daquele alimento. Então, às vezes, ele diz assim: “me dá mais um pouquinho de paçoca.”, “não. Me dá mais, me dá uma castanha”. Então, depende muito dele, daquilo que ele *'tá* ansiando. Porque, é como eu te falei, é a energia. Às vezes, a gente vai, a maioria das vezes, nós vamos *pras* obrigações, e nós vamos, como eu vou te falar, desguarnecido de tudo. A gente vai com a alma limpa. Então, o que acontece é pelos voduns. É pelos orixás. Tudo o que acontece nas obrigações é determinado por eles. Por menor que seja a obrigação, ou por maior que ela *seje*, tudo o que determina são os voduns.

**Pesquisadora:** O axé, ele significa energia, não é?

---

<sup>41</sup> Nome trocado por motivos de ética, a fim de não expor uma filha de santo da casa.

**Babalorixá:** Energia, força, luz. Axé, a natureza. Axé é energia.

**Pesquisadora:** É porque eu, essas comidas de obrigação, *chamados* de comida de obrigação, comida de santo, comida ancestral. É porque, tipo, eu tenho que ter sinônimos *pra* não ficar repetindo “comida de santo, comida de santo, comida de santo”. E, eu tinha, eu tive uma ideia de nome do tema da monografia, não é nem o tema. É o da monografia, que eu esqueci o nome, mas era. Eu esqueci. Vou já procurar aqui, porque eu tenho que baixar. Porque como tem essa questão que, da gira, ela é voltada *pra* questão da energia, da limpeza. Aí, eu pensei em colocar. Aí, eu quero pedir a permissão *pra* ver se eu posso colocar esse título. Foi algo momentâneo, e eu digitei, e eu queria pedir permissão, ver se pode ou não. É “o axé da comida dos ancestrais: as comidas de axé preparadas no terreiro de Mina Nanã Buruquê”.

**Babalorixá:** Repete.

**Pesquisadora:** “O axé da comida dos ancestrais: as comidas de axé preparadas no terreiro de Mina Nanã Buruquê”. Certo?

**Babalorixá:** É isso aí.

**Pesquisadora:** Posso? OK. Aí eu vou colocar, então, só comida de obrigação da gira de Preto Velho.

**Babalorixá:** Dos rituais.

**Pesquisadora:** Dos rituais. Como? “O axé das comidas dos ancestrais: as comidas dos rituais”?

**Babalorixá:** É. Não coloca “comida de obrigação”. Deixa “dos rituais”.

**Pesquisadora:** “As comidas dos rituais do Terreiro de Mina Nanã Buruquê”. Então, eram só essas questões sobre a Gira que, quando eu *tava* digitando, eu fiquei em dúvida.

**APÊNDICE D** – Áudio Sobre o dia 25 de julho – Início do Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana.

**Entrevistadora:** Pronto.

**Babalorixá:** *Bora lá?*

**Entrevistadora:** *Bora!*

**Babalorixá:** O dia de hoje, nessa casa, a comida da casa, ela vem trazendo a origem do Divino Espírito Santo. Nessa casa, o dia de hoje não se come carne vermelha, porque a obrigação é *pro* Divino em intenção de Oxalá. Então, não se come carne vermelha. Qual a comida da casa hoje? O peixe, peixe frito, o arroz de vinagreira, o creme de macaxeira, o feijão branco e uma salada também branca. Como envolve, é, uma entidade, um orixá que ele é direcionado à paz, tudo, no dia de hoje, ele é relacionado com a cor branca, porque o fundamento do Divino, ele vem trazendo isso, a paz. Então, o início da festa, ela começa assim. Então, não se pode ter corte de bicho nenhum, não pode ter carne vermelha, tudo o que se relaciona a hoje, nesta casa, é direcionado a essa entidade, a essa divindade, que é Oxalá. É, hoje, a comida é voltada pra esse orixá, é uma comida de orixá, é uma comida toda branca, né, *pra* que possamos ter o início da festa com muita paz e fazer com que todo o resto da trajetória *seje* desse jeito.

**Entrevistadora:** OK.

**APÊNDICE E** – Entrevista Realizada com uma Filha de Santo (Edite) do Terreiro de Mina Nanã Buruquê no dia 07 de maio de 2019

**Pesquisadora:** Eu quero, gostaria de ver como começou e também tem algumas outras dúvidas que eu tive aos outros, às outras obrigações que eu participei.

**Entrevistada:** Aí tu *vai* fazendo a pergunta que eu...

**Pesquisadora:** É, porque vocês sabem da questão da religião mesmo. Porque, olha, ela é da religião mina, não é?

**Entrevistada:** Aham.

**Pesquisadora:** Que aí a esposa de do babalorixá falou que Mina Nagô com traços de Cura, Pajelança e Umbanda.

**Entrevistada:** Cura.

**Pesquisadora:** Essa parte aqui eu não consegui entender muito bem.

**Entrevistada:** Olha, porque assim. Na verdade, é bem complexo, né? A Mina, a Umbanda. *Pra* te falar a verdade, eu nunca vi ninguém conseguir passar *pra*, de uma forma que deixe muito claro a diferença. Eu sei bem a diferença do Candomblé *pra* Mina, mas a Umbanda é muito parecida com a Mina. Existe diferenças, é claro, mas ela é muito parecida. E ele (Pai Neto de Nanã) era da Mina, só que ele trabalhava mais com Cura. Cura como assim? Pelo nome mesmo. É, a pessoa *tava* doente, o procurava, ele fazia o remédio *pra* cura da linha branca. Era com essa linha que ele geralmente trabalhava. Claro que praticamente todos os mineiros, todos o pessoal do axé, eles recebem também a parte do povo de rua, que chamam né, que são os exus. Mas tem gente que trabalha especificamente com isso, com a linha negra. Que faz algumas coisas que não muito agradáveis e alguns que, não que a linha negra também não trabalhe com a cura. Assim, *muita das vezes* eles curam as pessoas. Mas eles trabalham com umas coisas um pouco “sinistras” pra mim.

**Pesquisadora:** Porque, olha, uma das questões que eu também nunca, que eu não tive a oportunidade de perguntar *pro* seu Neto o porquê, que ele falava que eles não, que lá, não se trabalha com essa parte do povo de rua, pombagira e com exu, só que a Cigana é uma pombagira, né?

**Entrevistada:** É uma exu. Só que, assim. É como eu vou te explicar. O pessoal da Mina, todo mundo tem povo de rua, recebe povo de rua. Só que, eles em cima dele (pai de santo), eles eram apenas *passageiro*. Tinha que passar porque, como eles desciam na croa dele, ele tinha que dar passagens pra eles *vim* à terra, mas eles não ficavam *pra* festa, *pra* ficar bebendo em cima dele, pra fazer obrigação longas. Era muito rápido. Tanto que, no aniversário dela (pombagira

Cigana), ela não demorava. Era muito rápido. Bem rápido. Ela dançava umas duas, três músicas, cortava o bolo e ela ia embora. Porque não podia ficar, porque era muito pesado. Então, ele não gostava de trabalhar essa parte negra. A linha negra. Não que ele não pudesse, mas ele não gostava.

**Pesquisadora:** Ah, era questão pessoal dele.

**Entrevistada:** Era. Questão pessoal.

**Pesquisadora:** Entendi. E de, dessa questão, você sabe me explicar mais ou menos o que seria a Mina? Porque as coisas que eu tenho de referência é mais de Ferretti, tanto de Mundicarmo, que fala dessa questão da Mina ser uma religião que tem uns traços que veio, que ela veio pra cá, ela é criação maranhense. Tenho essa dúvida se foi.

**Entrevistada:** Não. Eu não sei te explicar, porque assim. Tudo o que eu sei foi passado por ele e, geralmente, a gente não conversava sobre essas coisas especificamente, assim, a história não. Ele me passava, é, os ensinamentos do que eu precisava aprender pra continuar a minha religião. Mas sobre a religião em si, a gente não conversava, assim. Até porque, assim, eu, por exemplo, eu sempre relutei muito, porque eu não queria essa vida *pra* mim. A gente não escolhe e é deus quem dá essa sina, e eu não queria e nunca gostei, sempre tive vergonha. Eu nunca mostrei *pras* pessoas, de fato, sabe? Depois de muito tempo que eu vi que eu não podia escolher, que eu não tinha outra opção, aí meio que eu era maltratada, que era a surra de rua, as pias de rua, veio muito sofrimento. Sofro até hoje. Mas, assim, meu marido me ajudou muito na questão de aceitação, as meninas (filhas de santo), ele na casa. Eu demorei muito. Olha, eu comecei com Neto, eu tinha 15 anos de idade. Eu tinha 15 anos de idade e não aceitava, não aceitava. Eu vim aceitar faz uns 3, 4 anos.

**Pesquisadora:** Mas ele já tinha a palhoça, que chama, aqui na liberdade?

**Entrevistada:** Foi assim. Neto, durante um período da juventude dele, ele morava na rua. Eu acho que até por uma questão de pisa que ele pegava. Entendeu? Ele morava na rua. Ele não tinha paradeiro. Até que a minha irmã mais velha conheceu ele. É difícil pra *mim* contar. A minha irmã mais velha conheceu ele, eles se apaixonaram e foram morar juntos. E foi ela que acolheu. Ela que passou, através dela, ele começou a andar limpo, a comer. Ele era magrinho. Só cabeça. Ele era bem magrinho. Aí eu conheci ele assim, doido na rua, dançando, muito doido. Mas também não imaginava que ele poderia, ia ter alguma coisa com minha irmã. Meses depois, foi que eu descobri que ela *tava* morando com uma pessoa e eu fui conhecer. Quando me deparei com ele. Aí eu era adolescente, mas também não tinha muita ligação e não ia muito lá na liberdade, lá no fundo da liberdade. Ela bem mais velha que ele, foi que ajudou a pensar mais de outra forma, sair daquela vida de rua. Ele era *hippie*, ele dormia na rua, ele ia na rua,

andava descalço, todo sujo. Assim que ele era. Aí ela foi arrumando *ele*. Com o passar do tempo, acho que um ano depois, ele passou a ver que ele tinha que levar as coisas dele a sério, espiritual. Então, ele começou a receber, a dar a passagem *pros* caboclos no fundo do quintal dela, que tem o quartinho lá até hoje. Entendeu? Quando fez um ano que eles *tavam* morando junto, foi a primeira vez que eu caí. Passei muito mal, aquela agonia, eu já via coisas mas, *pra* mim, aquilo ali não, não sabia identificar o que era. Minha mãe me levou em vários hospitais, fiz um monte de exame, e nada. Até que a minha irmã decidiu me apresentar a ele na parte espiritual. Foi que eu comecei a ir, só que eu não acreditava, de início, durante muito tempo. Depois, passei a acreditar por ver coisas que aconteciam que, assim, não tem explicação, foi que eu passei a acreditar, mas eu não aceitava aquilo *pra* mim. Mas aí, ele me ensinou muita coisa durante esses anos todos. Muita coisa eu não aprendi porque eu fugia, eu não queria aprender, eu não queria, eu não queria ligação com aquela vida, mas eu tinha que as, eu tinha que fazer as obrigações. Então, eu fazia as obrigações *pra* não acontecer coisas que aconteceram comigo que, tipo, meu quarto pegou fogo do nada. Só queimou o meu quarto da casa todinha. O resto da casa não pegou. Queimou todas as minhas coisas, mas o resto da casa ficou intacto. Foi uma surra que eu tive que, depois, eles riram da minha cara, mas eu não sabia nem porquê era. Aí seu Aririzinho foi me contar o que ele tinha feito comigo, por um erro que eu cometi numa obrigação que eu deixei de fazer, essas coisas. Então, por conta disso, eu passei a fazer as obrigações direitinho. Porém, eu nunca quis muita ligação, entendeu? Então, daí, ele não queria ter filha de santo, ele não queria ter terreiro. Ele já tinha a terra, lá onde tu *conheceu*.

**Pesquisadora:** Era dele?

**Entrevistada:** É, era do avô dele. O avô deixou pra ele. Só que ficou lá, abandonado. Por quê? Porque ele (babalorixá) não queria ter terreiro, ele não queria ter filha de santo, ele não queria ter terreiro. Ele sabia que, se ele tivesse terreiro, se ele tivesse filha de santo, ele teria obrigações maiores, entendeu? E ele não queria também isso *pra* vida dele. Ele queria trabalhar normalmente, ele queria ir *pra* festa, ele queria, ele não queria ter uma obrigação tão séria como ele tinha quando você o conheceu, entendeu? Então, foram muitos anos ele também relutando, ficar usando essa palhoça e não ter uma coisa tão grande assim que tinha que se dedicar mais, entendeu? Depois de muitos anos que ele foi tomar consciência de que ele necessitava disso porque, a cada dia que passava, chegava mais gente, chegava mais filhos, filhas precisando da ajuda dele. Então ele viu que ele não tinha como mudar. Então, foi que ele decidiu limpar lá o terreno e fazer lá o terreiro.

**Pesquisadora:** Ah, que é essa parte que ficava, assim, vaga, que ele me falou que montou em 1997 lá, o quartinho dele e que fundou o terreiro lá em 2011.

**Entrevistada:** Foi, ele passou 14 anos morando com a minha irmã. Então, esses 14 anos, foi ele recebendo lá. Depois de separados, ele teve, ele morou com outra mulher, que mora na liberdade também, e, mesmo assim, ele continuava recebendo lá na casa da minha irmã, periodicamente de 15 em 15 dias, assim. Ele continuava lá. Depois que ele começou a ter um relacionamento com a mulher dele, aí eles decidiram, foi a época que ele decidiu também que ele tinha que ter uma coisa maior, foi que eles foram limpar lá o terreno, pra fazer o terreiro.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Aí, no caso, o nome do terreiro é Nanã Buruquê porque a entidade principal dele.

**Entrevistada:** A dona da cabeça dele.

**Pesquisadora:** A dona da cabeça dele é Nanã. Aí, essa questão de Nanã, porque eu não sabia, no caso, que ela (servente da casa) falou que, tem um texto dela falando de Vó Missan.

**Entrevistada:** É. É o outro nome que chamam ela.

**Pesquisadora:** É só um outro nome, mas é a mesma?

**Entrevistada:** É. É a mesma.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Então, pera aí.

**Entrevistada:** Porque ela é a mais velha de todos os orixás. Entendeu? Aí por isso a chamam de Vó Missan.

**Pesquisadora:** Deixa *eu* ver aqui as perguntas, da questão do terreiro, tem a questão das entidades. Você sabe me falar das entidades principais que trabalhavam lá?

**Entrevistada:** Seu Aririzinho, ele era o farrista em cima dele. O que é o farrista? O farrista é o que vem *pras* festas, fins de festas só pra beber, pra rir, pra falar bobagens e *tal*. Porém, eles também trabalham em cima dele, entendeu? Quem vivia sempre na casa era Seu Aririzinho. Ele quem comandava. Na verdade, o pai da casa, o chefe da casa era Seu Tombassé. Mas Seu Tombassé, ele não ficava direto. Ele pediu pra Seu Aririzinho, ele ordenou que Seu Aririzinho tomasse conta, a frente da casa. Fazia seus trabalhos, chamasse outras entidades, caso fosse preciso, mas sempre quem *tava* na frente era ele. Só que, às vezes, acontecia alguns problemas, porque Seu Aririzinho, a gente o tinha como um pai, um amigo, e muita gente não levava, assim, a sério, como deveria. Brincava muito com ele e ele tinha muita pena dos filhos de santo. E as outras entidades achavam que ele tinha pena demais e que ele não podia passar a mão na cabeça das outras entidades (no caso, filhos da casa). Então, por conta disso, ele (Seu Tombassé) meio que deixou *ele* (Seu Aririzinho) de castigo e, nesse período que ele ficou de castigo, quem ficou tomando conta da casa foi Seu Vaqueiro. Foi isso que aconteceu. Porque, assim, Seu Vaqueiro sempre foi mais rígido com a gente. Sempre. Mas não que a gente não respeitasse Seu

Aririzinho, mas era porque, às vezes, aconteciam algumas coisas e ele não nos castigava por aquilo. Seu Vaqueiro não, ele era bem rígido com todo mundo.

**Pesquisadora:** Seu Tombassé que é o pai deles, no caso?

**Entrevistada:** Deles.

**Pesquisadora:** Porque eu lembro que, quando eu fui pedir permissão primeiro pra seu Aririzinho, ele negou, só que ele disse “Não. Pergunta pra outra entidade que vier, que ele vai conversar com meu Pai Tombassé pra ver se eles autorizam tua pesquisa.”

**Entrevistada:** É. Todos eles chamam *ele* de Pai, porque ele que era a autoridade máxima da casa.

**Pesquisadora:** Sei que Aririzinho é apenas um apelido. Você saberia me dizer o nome dele?

**Entrevistada:** É... (áudio não conseguiu captar o nome da entidade).

**Pesquisadora:** Deixa *eu* ver outra questão das obrigações. Porque Seu Neto falou que tinha as três principais que era a de Preto Velho, Festejo de Sant’ana e a Festa de seu Aririzinho. Só que tinham as outras, tinha a Festa da Cigana, tinha o...

**Entrevistada:** Tinha muitas outras. Tipo assim, a primeira obrigação do ano, sábado de aleluia, sábado de aleluia, que era, ele chamava bancada de frutas. Eram muitas frutas. Todas aquelas frutas que a gente comia representava uma força, uma, entendeu? Aí tinham as frutas, o bolo, o refrigerante, e era a passagem da princesa Rosalina, que era uma entidade também que passava em cima dele que era muito importante. Ela só vinha uma vez ao ano, que é o sábado de aleluia. Aí tem o sábado de aleluia, tinha, após o sábado de aleluia, treze de maio, que é o Preto Velho. Aí tinha São Cosme e Damião, Santo Antônio, há dois anos *atrás*, se não me engano, começou pra Iansã, que era quatro de dezembro, ia começar pra Oxóssi, mas não deu tempo, e teve a de outra filha há um ano, que foi pra Omolu e Obaluaê. Teve um ano que ia dar continuidade, mas, aconteceu o que aconteceu (falecimento do babalorixá). Então, eram várias. Porém, as mais, assim, importantes, foram as que tu *citou*. E tem a de Nossa Senhora da Conceição, que é dia oito de dezembro, mas essa era a obrigação mais, assim, não que não tivesse importância, mas era, às vezes, nem era obrigado todo mundo ir. E, também, a de reis, que eles faziam um presépio em meados de, antes do natal, e dia de Reis, que queimava as palhinhas.

**Pesquisadora:** Essa questão das obrigações, ela vinha por causa das obrigações que seu Neto tinha que cumprir ou também era, umas vieram por causa dos filhos que tinham?

**Entrevistada:** Foi isso. A maioria era por conta dele, que ele tinha que cumprir. Aí com a chegada das filhas, começou a ter outras por conta de cada uma de nós, que precisava ter.

**Pesquisadora:** Você saberia me falar quais eram as deles e quais eram das outras filhas?

**Entrevistada:** Era minha e de uma outra irmã minha de santo. Era iansã, nós somos filhas, que ela é dona da nossa cabeça e, por conta disso, começamos a fazer a obrigação dia quatro de dezembro. Foi por minha causa e por causa da minha outra irmã. Tinha a onze de fevereiro, que era de Obaluaê. A de Nossa Senhora da Conceição, foi por causa da esposa dele porque ela é de, é essa data do aniversário dela. E ela é de Oxum.

**Pesquisadora:** Aí, as outras de Preto Velho, de...

**Entrevistada:** Aham, obrigações dele.

**Pesquisadora:** Ah, tá. A de Preto Pelho, Nossa Senhora Sant'Ana e de seu Aririzinho eram dele.

**Entrevistada:** É. Tinham também a de uma irmã de santo, que era no dia de Nossa Senhora Luzia (treze de dezembro).

**Pesquisadora:** É porque, no dia do festejo de Sant'Ana, eu não pude participar do preparo do sarrabulho. É sarrabulho, né, que é a comida de Sant'Ana? Você sabe me dizer quais eram os ingredientes que levam ou quem que preparava?

**Entrevistada:** Era ele (Neto de Nanã). Toda vez era ele que matava o porco de madrugada com a ajuda de outras pessoas, é claro. Mas, quem fazia a principal. Porque, assim, a comida do, da parte religiosa não é só jogar os ingredientes na panela e, você viu o que eu *tava* fazendo. É reza, cânticos, tem toda uma história por trás, entendeu? Então, essa da Santa era só ele que fazia. Tinha a ajuda das outras pessoas, tipo assim, a gente cortava, picava os ingredientes e tal, mas quem fazia era ele. Então, eram ingredientes normais de sarrabulho, era tomate, cebola, alho. Eram só condimentos mesmo, não tinha nada. O grande negócio era a reza os cânticos.

**Pesquisadora:** Era ele quem fazia?

**Entrevistada:** Era ele que fazia, porque era muito pesado.

**Pesquisadora:** Porque ele me falou, que eu não pude participar do sacrifício dos porcos, que, até quando eu *tava* indo embora, chegou dois caras que eram eles que ajudavam... Eram sempre eles que ajudavam?

**Entrevistada:** Sim.

**Pesquisadora:** Mas eles eram filhos da casa ou não?

**Entrevistada:** Não. Eles foram escolhidos, porque eles têm o costume de trabalhar pra entidades fazendo o que eles faziam, que era a matança dos animais.

**Pesquisadora:** Mas eles eram pagos?

**Entrevistada:** Eram.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Eles não têm nenhuma ligação?

**Entrevistada:** Nenhuma ligação. Eles só participavam daquilo ali. Depois, eles limpavam tudo e iam embora. O restante das coisas, eles não participavam.

**Pesquisadora:** Essa minha outra questão veio, porque eu *tô* participando de uma disciplina de religiões de matriz africana. Aí, uma das aulas, o professor falou da importância do mercado, de encontrar ingredientes, de ter a confiança. Você sabe me dizer os locais que seu neto costumava comprar?

**Entrevistada:** Olha, vou te dizer uma coisa. Assim, com o passar do tempo, ficou mais difícil da gente confiar. Porque, às vezes, o próprio comércio misturava coisas e dizendo que era uma coisa e que não era outra. Só que, *pra* entidade, ninguém mente. Às vezes, as pessoas compravam, mostravam pra eles, e eles “ah, não é isso aqui”. Aí as pessoas tinham que rodar, rodar pra achar. Então, não tinha um lugar certo. Às vezes, iam num lugar, aquilo era o bom, mas em outro não era. Aí, outro ingrediente já era bom, o que nesse bom já não era. Tá entendendo?

**Pesquisadora:** Sim, sim.

**Entrevistada:** Então, era assim. Eram vários lugares. Agora, mato, geralmente, era com uma pessoa que Cláudia<sup>42</sup> arranhou. Essa pessoa, a pessoa das tuas rosas verdes.

**Pesquisadora:** Ah, sim. A da Vila São José. Pois é, que ele tinha falado. Porque ele (professor) também falou dessa questão da confiança, de saber porque. Ele falou mais de Salvador, que lá em Salvador, os mercados, dependendo da época, já sabe que tal obrigação tá próximo, e já vão encomendar, porque sabe que tal pessoa vai vir.

**Entrevistada:** Assim é aqui, é a mesma coisa. Porque, tipo assim, quando chegava natal, por exemplo, ele já tinha que ir atrás da murta que, no interior, é uma coisa tão fácil, mas aqui não. Que, aí, você começa a encontrar nos mercados bastante pessoas vendendo. Então, é por época mesmo.

**Pesquisadora:** Que ele (sacerdote) falou também dos porcos, que ele comprava no IFMA do Maracanã. Ele sempre comprou lá?

**Entrevistada:** Sempre... Não. Inicialmente, ele comprava com um moço que vendia. Aí, depois, ele passou a ir pra lá pro IFMA.

**Pesquisadora:** Alguns filhos tinham de comprar ou só ele que tinha que comprar os ingredientes *pras* comidas?

**Entrevistada:** Não. A gente ajudava, quem quisesse ajudar.

**Pesquisadora:** Mas não era uma obrigação?

---

<sup>42</sup> Nome trocado por motivos de ética, a fim de não expor uma filha de santo da casa.

**Entrevistada:** Não era uma obrigação.

**Pesquisadora:** Que eu lembro de uma das filhas de santo, que ela fez o bolo da Festa de São Cosme e Damião.

**Entrevistada:** Não, isso não era obrigado. Ela que quis dar.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Entendi. Aí da questão do...

**Entrevistada:** Todo filho tinha que ajudar. Só que, assim, uns tinham renda, outros tinham época que podiam e época que não podiam. Aí, quem não podia, ajudava indo lá arrumando as coisas, ajudava, sei lá, fazendo uma lembrancinha ou, simplesmente, passando uma roupa, lavando uma louça. Quem pudesse ajudar só dessa forma, ajudava.

**Pesquisadora:** Aí da questão da obrigação de Preto Velho que, quando acabava, eu não lembro. Recolhiam as comidas e levavam, qual é o nome daquele quartinho que o Seu Aririzinho...?

**Entrevistada:** É o Quarto de Segredos.

**Pesquisadora:** Aí levavam as comidas *pra* lá, aí depois levantou o, eu esqueci o *nomezinho*.

**Entrevistada:** Tudo o que tá na bancada era levantada, saudada, *pra* ir *pro* quarto *pra*, depois, ser despachada. Depois dali, terminou, fechou aquele ciclo, não pode ser dado a mais ninguém.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Era isso que eu queria saber. Depois, era.

**Entrevistada:** Era recolhida e guardada.

**Pesquisadora:** Mas era até três dias ou tinha um tempo, assim, *pra* despachar?

**Entrevistada:** Depende. Depende muito da obrigação. Tinha obrigação que eram três dias, tinha obrigação que eram nove.

**Pesquisadora:** Essa minha questão porque, no Candomblé e, eu acho que na Umbanda também, as comidas de obrigação são ofertados primeiro *pra* Exu *pra*, depois, ser ofertado *pro*, *pras* outras entidades, *pras* outras divindades. Na Mina, lá também é desse jeito? Todas as comidas que eram preparadas pegava-se um pouco *pra* oferecer a Exu?

**Entrevistada:** Não é Exu especificamente. Tipo, a obrigação de Ogum. A obrigação de Ogum começou a ser feita por causa do meu marido que era abatazeiro da casa, e ele é de Ogum. Então, começaram a fazer o feijão. Esse feijão, eles tiravam um pouco *pra* oferecer a Ogum diretamente. Então, digamos, na obrigação de Iansã, a gente serve as bolas de fogo, que no caso é o...

**Pesquisadora:** Acará? Acarajé?

**Entrevistada:** Isso, o acarajé. A gente tirava um tanto *pra* oferecer diretamente a ela.

**Pesquisadora:** Mas, aí, todas as comidas que são feitas lá, todo mundo poderia consumir, comer, que...

**Entrevistada:** Tinha umas ressalvas. Tipo, quem tivesse menstruada não podia entrar. Não podia entrar, no caso, no terreiro. E, então, não podia comer. As filhas de santo que estivessem, até podiam, mas eram algumas coisas, não podiam comer tudo *pra* não passar mal. E, tipo assim, na verdade, tem coisas que a gente não pode falar.

**Pesquisadora:** Não, não. Eu sei. Então, o que você puder falar, pode falar.

**Entrevistada:** Tinham algumas ressalvas assim mesmo, mas nem sempre e nem todo mundo. Por exemplo, as obrigações que você participou, ele sempre te oferecia alguma coisa se você quisesse. Se não quisesse, poderia também só assistir.

**Pesquisadora:** Mas, assim, tinham algumas obrigações que eram feitas as comidas, mas as pessoas...

**Entrevistada:** Tinham obrigações que tinham pessoas que não podiam entrar.

**Pesquisadora:** Ah, sim. Você sabe me informar por quê? A mulher dele falou do caso da energia que, na obrigação de Preto Velho, tinha o vinho e tinha a água, que algumas pessoas recebiam o vinho e, outras, recebiam a água. Você sabe o porquê?

**Entrevistada:** Porque, assim. Não é só o vinho que as pessoas bebem em bar e *tal*. Aquilo ali tem toda uma energia, uma força, como ela falou. Tinha gente que, espiritualmente, ela não tinha força pra segurar aquela carga. Se ela tomasse, ela poderia passar mal, poderia acontecer alguma coisa. Então, nem todo mundo tinha força *pro* vinho.

**Pesquisadora:** No caso, a força do vinho era mais forte do que a da água. No caso aqui, você já respondeu, que o terreiro realizava poucas festas por causa do número de filhos da casa. Porque, tem uns terreiros maiores que todo mês eles têm a obrigação.

**Entrevistada:** É, porque é como eu te falei. Tem filhos que necessitam de obrigações e, na verdade, a obrigação não é da casa, é dos filhos. Quando se iniciou a casa, só se fazia três obrigações, quando era a palhoça, que era o aniversário de Seu Aririzinho, a da Santa (Sant'Ana/Nanã Buruquê) e de Preto Velho.

**Pesquisadora:** Na obrigação da Santa, era só nos dias 25 e 26 ou era...

**Entrevistada:** Não. Antes, só era dia 26.

**Pesquisadora:** Aí ficou 25, 26 a partir de qual momento?

**Entrevistada:** A partir do momento que cresceu e várias, muitas pessoas passaram a participar da festa.

**Pesquisadora:** A questão do porco do Festejo de Sant'Ana, porque teve umas quentinhas que foram oferecidas *pro* pessoal. Aquilo ali não é, é comida normal mesmo?

**Entrevistada:** É comida normal mesmo. Era uma forma de agradecer a pessoa (que foi ao festejo) e tinha as brincadeiras. O pessoal dançava e ficava com fome.

**Pesquisadora:** Sabe me dizer sobre a estrutura do terreiro, que tem o barracão e tem a parte de fora, do terreno todo. Ele é todo terreiro? Ou é só o barracão que é considerado?

**Entrevistada:** Não. A partir do momento em que você entra naquele portão principal, o respeito tem que ter a partir dali *pra* dentro. Então, no caso, tudo é muito respeitado, até porque tem outros pontos fora do barracão que eu não sei se você percebeu. Então, ali tudo é o terreiro. Porém, todos os segredos, todas as obrigações devem ser feitas dentro do barracão.

**Pesquisadora:** Que eu lembro que esposa do pai de santo ficou assustada porque, quando eu cheguei a primeira vez lá, o portão *tava* aberto, então, eu entrei. Ela *tava* até tomando banho. Ela ficou assustada de eu ter entrado de uma vez. Não sei se era porque eu deveria ter pedido permissão *pra* entrar lá dentro mesmo, sem ser no barracão. Tinha a questão do, da iniciação das filhas. Tinha uma festa (cerimônia de iniciação)? Como era essa questão?

**Entrevistada:** Não. Era, tipo assim. Geralmente, a gente. Na verdade, não tinha uma iniciação das filhas. Por conta de ser assim, foi muito parecido. A gente caiu, ficou doente, as outras meninas (filhas de santo) também eram a mesma coisa e, por conta de indicação de alguém, direcionou *ele* e a gente ia. Ficava lá, ele fazia o remédio e a gente passava a participar das obrigações, onde a gente ia recebendo força, e a gente ia desenvolvendo. E, quando ele faleceu, a gente *tava* sendo preparada *pra* segurar as entidades como ele segurava. Só que, aí, não deu tempo.

**Pesquisadora:** Você sabe me falar como é que era a obrigação de seu Aririzinho?

**Entrevistada:** A obrigação de seu Aririzinho era bem simples. Era o bolo, que era aniversário dele, tinha a comida, a alimentação que não era uma questão de obrigação, era só do povo que *tava* lá participando. Na verdade, era só o aniversário dele que era parte da obrigação da casa, que ele fazia a questão do aniversário dele.

**Pesquisadora:** Era igual, então, o da Cigana que, no caso, não tinha uma comida que poderia ser considerada de santo.

**Entrevistada:** Não, mas era uma obrigação mesmo.

**Pesquisadora:** Que, como ele falou que era uma das principais, aí eu queria saber como que...

**Entrevistada:** Não. Era só isso. Não existia uma comida que “tem que ter, porque é uma obrigação” não. Era o aniversário dele e se tornou uma obrigação da casa, porque era ele quem tomava de conta da casa. Então, nada mais justo do que fosse um dia de agradecer a ele.

**Pesquisadora:** No caso, o Seu Vaqueiro era pra ser hoje (08 de maio). Três anos. Ele não chegou a ter?

**Entrevistada:** Depois de um ano, a gente ia fazer o aniversário dele. Ele (Neto de Nanã) ia começar. Ia começar a ser mais uma obrigação da casa, que ele passou a conviver mais com a gente, que a gente não tinha uma ligação com ele assim. Aí, ia ser mais uma obrigação.

**Pesquisadora:** A questão da construção do terreiro em si, do barracão, foi ele quem construiu ou ele contratou?

**Entrevistada:** Não, ele teve ajuda. Não, não teve uma contratação assim. Na verdade, foi ele e os filhos da casa que botaram a mão na massa e construíram, entendeu? Seu Aririzinho sempre quis tudo daquele jeito, era daquele jeito que Seu Tombassé queria, todos eles. Tanto, que nunca quiseram que fosse de alvenaria, nunca quiseram que tivesse piso, queriam daquele jeito, de chão batido e, provavelmente, isso não iria mudar.

**Pesquisadora:** É, que uma das filhas de santo falou da questão mesmo de Nanã, que ela é a orixá do barro. Então, tinha que ser daquele jeito.

**Entrevistada:** Tinham alguns preceitos que eram coisas dele, que eram só ele que sabia. Nem a gente *não* via. Ele cozinhava sozinho. Aí, depois de uma certa parte, é que ele chamava alguém que era *pra* ajudar a mexer. Mas aí tinha todo um preceito também *pra* essa pessoa que ia ajudar.

APÊNDICE F – Fotos da Obrigação de Preto Velho realizada no dia 13 de maio de 2018











APÊNDICE G – Fotos do Festejo de Nossa Senhora Sant’Ana





## APÊNDICE H – Fotos da Obrigação da Pombagira Cigana



## APÊNDICE I – Obrigação de São Cosme e São Damião





**ANEXOS**

## ANEXO A – Convite do Festejo de Nossa Senhora Sant'Ana

**Festejo de Nossa Senhora Sant'ana  
Terreiro de Mina Nanã Boroquê**



**O Babalorixá  
Álvaro José (Neto de Nanã).  
convida você e sua família  
para o Festejo de  
Nossa Senhora Sant'Ana.**

**Rua do Califórnia, nº18 - Pindai - Estrada de São José de Ribamar, sentido Ribamar, depois da Ponte de rio São João, a 4ª entrada à direita na Rua do Poste azul. Casa em frente ao orelhão.**

**Programação**

**Dia 25/07/2018 (QUARTA FEIRA)**  
12:00h – Abertura com Salva de Caixa do Divino Espírito Santo  
18:00h – Reza para o Divino Espírito Santo

**Dia 26/07/2018 (QUINTA FEIRA)**  
06:00h – Salva de fogos (obrigação interna)  
17:00h – Ladainha para Nossa Senhora Sant'Ana / Tambor de Mina para Sant'Ana - Roupas Azuis

**Dia 27/07/2018 (SEXTA FEIRA) Programação Artística e Cultural**  
22:00h – Noite do Bolero

**Dia 28/07/2018 (SABADO) Programação Artística e Cultural**  
18:30h – Literatura de Cordel com Paulinho Nó Segó  
19:00h – Bloco Afro Netos de Nanã  
20:00h – Dança Portuguesa Tradição de Portugal  
21:00h – Cacuriá Libertos na Noite  
22:00h – Roberto Ricci  
23:00h – Companhia Batuk  
00:00h – Cacuriá Assa Cana  
01:00h – Quadrilha Asa Branca  
02:00h – Tambor de Crioula Mestre Leonardo  
03:00h – Baile de Caixa  
04:00h Boi de Mestre Leonardo (Sotaque de Zabumba)

**Dia 29/07/2018 (DOMINGO) Programação Artística e Cultural**  
12:00h – Feijoada da Festa - Colecionadores do Vinil Black Man  
18:00h Tambor de Crioula Maracrioula

**Realização**  
**Instituto de Cultura Afro Brasileira  
Netos de Nanã  
Terreiro de Mina Nanã Boroquê**  
(www.institutoafronetosdenana.blogpost.com)

**PARCEIROS:**













Fonte: WhatsApp (2018)